



PPGI **CH**

Programa de Pós-Graduação
Interdisciplinar em
Ciências Humanas

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ – CEST/UEA

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS
HUMANAS - PPGICH**

**POR UMA POÉTICA AMAZÔNICA DA FÉ: PROMESSEIROS,
AMBULANTES E IN(FIÉIS) NO FESTEJO DE SANTA TERESA D'ÁVILA EM
TEFÉ (AM)**

**Tefé-AM
2023**

ANDREANE DO NASCIMENTO SILVA

**POR UMA POÉTICA AMAZÔNICA DA FÉ: PROMESSEIROS,
AMBULANTES E IN(FIÉIS) NO FESTEJO DE SANTA TERESA D'ÁVILA EM
TEFÉ (AM)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), como requisito para obtenção do título de Mestra em Ciências Humanas, na linha de pesquisa Teoria, História e Crítica Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Yomarley Lopes Holanda

**Tefé-AM
2023**

Ficha Catalográfica

Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas

S586u Silva, Andreane do Nascimento
Por uma poética amazônica da fé: promesseiros, ambulantes e in(fieis) no festejo de santa Teresa D'ávila em Tefé (AM) / Andreane do Nascimento Silva. Manaus: [s.n], 2023.
122 f.: color.; 29 cm.

Dissertação - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas - PPGICH/UEA – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2023.

Inclui bibliografia.

Orientador: Holanda, Yomarley Lopes

1. Religiosidade popular. 2. Santa Teresa D'ávila. 3. Tefé. I.Holanda, Yomarley Lopes (Orient.).II. Universidade do Estado do Amazonas. III.Por uma poética amazônica da fé.

Bibliotecária responsável: Sáshala Maciel CRB11/673-AM

**POR UMA POÉTICA AMAZÔNICA DA FÉ: PROMESSEIROS,
AMBULANTES E IN(FIÉIS) NO FESTEJO DE SANTA TERESA D'ÁVILA EM
TEFÉ (AM)**

ANDREANE DO NASCIMENTO SILVA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas – PPGICH/UEA, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências Humanas.

Defesa em: 28/04/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Yomarley Lopes Holanda
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – Universidade do
Estado do Amazonas – UEA
Orientador

Profa. Dra. Maria de Fátima Castro Amorim de Moraes
Universidade do Estado do Amazonas – UEA
Examinadora Externa

Dr. Eduardo Kazuo Tamanaha
Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá - IDSM
Examinador Externo

Profa. Dra. Cristiane da Silveira
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – Universidade do
Estado do Amazonas – UEA
Suplente Interna

Prof. Dr. José Lino do Nascimento Marinho
Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia – Universidade Federal
do Amazonas – UFAM
Suplente Externo

DEDICATÓRIA

Aos meus queridos e amados pais Raimundo Álvaro Serafim da Silva (*in memoriam*) e Auriny Maria do Nascimento Silva (*in memoriam*) que com amor, carinho, paciência, honestidade, caráter, trabalho, sacrifício e simplicidade criaram seus sete filhos, nos ensinando o verdadeiro sentido da vida através do temor a Deus, da educação, união, diálogo, respeito, discrição, verdade e honestidade. E a minha querida irmã Aurimeire do Nascimento Silva (*in memoriam*), mais que irmã, minha “segunda mãe” além de amiga, madrinha e comadre, esteve presente em todos os momentos importantes da minha vida. Te amarei pra sempre! **“É um tesouro sem preço, um gostar sem distância, nas horas de dúvida, de alegria, demais para ser perdido... é uma opção de amor, é a descoberta da alma, irmã”** (Antoine de Saint-Exupéry).

*“Eu amo tudo o que foi
Tudo o que já não é
A dor que já me não dói
A antiga e errônea fé
O ontem que a dor deixou,
O que deixou alegria
Só porque foi, e voou
E hoje é já outro dia.*

(Fernando Pessoa)

A minha pequena e grande família: meu esposo Rondinelle e aos nossos filhos João Pedro e João Miguel, por todo amor, compreensão, cumplicidade, alegria, diversão, amizade e paciência, vocês são os verdadeiros presentes e joias preciosas enviadas por Deus, vocês me fazem feliz, realizada, uma mulher, esposa e mãe cada dia melhor, **“Que a família comece e termine sabendo onde vai. E que o homem carregue nos ombros a graça de um pai. Que a mulher seja um céu de ternura aconchego e calor. E que os filhos conheçam a força que brota do amor”**. (Padre Zezinho)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por todas as bênçãos recebidas, por me fazer contemplar o milagre da vida ao lado de pessoas que são verdadeiros anjos em meu caminho. Aos meus pais (*in memoriam*) que me amaram, educaram, incentivaram a seguir meus sonhos sem deixar desistir em meio aos obstáculos, obrigada pelos exemplos e ensinamentos de fé e devoção. Aos meus irmãos Aurian, Auriari, Aureângela, Aurimeire (*in memoriam*), Acke anne e Andréia por serem de união, paz, alegria, cumplicidade, amigos e companheiros. Obrigada pelos momentos de partilha em nossas memórias, pelo apoio, pelos momentos de tristezas, medos e incertezas, onde foram verdadeiros porto seguro, obrigada por proporcionarem também momentos de muita alegria, gargalhada e descontração. Amo vocês! Ao meu querido esposo por toda ajuda no decorrer dessa nova etapa **“O amor é paciente, o amor jamais acabará!”** (I Cor 13, 4-8), aos meus filhos por me proporcionarem infinitas alegrias em meio as preocupações, agitações, correrias, incertezas e angustias, vocês são verdadeiras bênçãos de Deus!

Aos amigos e colegas que torceram e se alegraram com essa nova conquista realizada. A Marcilene Queiroz que foi um anjo a me incentivar e direcionar os primeiros passos a serem concretizados no mestrado, demonstrando uma enorme paciência, atenção, disposição, humildade, benficiente em todos os aspectos, lembrarei sempre de sua bondade e amizade. Aos colegas da turma de mestrado/2021, Hilkimar, Poliana, Mariane e Afrânio, vivemos momentos de união, desafios, dúvidas e muito aprendizado, desejo a todos vocês sucesso em suas jornadas, vou levar todos vocês em meu coração.

Recado aos amigos distantes

*Meus companheiros amados,
não vos espero nem chamo:
porque vou para outros lados.
Mas é certo que vos amo.*

*Nem sempre os que estão mais perto
fazem melhor companhia.
Mesmo com sol encoberto,
todos sabem quando é dia.*

*Pelo vosso campo imenso,
vou cortando meus atalhos.
Por vosso amor é que penso
e me dou tantos trabalhos.*

*Não condeneis, por enquanto,
minha rebelde maneira.
Para libertar-me tanto,
fico vossa prisioneira.*

*Por mais que longe pareça,
ides na minha lembrança,
ides na minha cabeça,
valeis a minha Esperança.*

(Cecília Meireles)

Obrigada Padre Hélio pelos ensinamentos, pela amizade e carinho a nossa família, pelas entrevistas, por toda ajuda contribuída para o desenvolvimento desta dissertação.

Minha gratidão ao padre Pedro Schewior, pároco da paróquia de Tefé pela ajuda dos materiais impressos, como artigos, livros e outros que contribuíram grandemente para o desenvolvimento da minha pesquisa, por esclarecer minhas dúvidas e responder todas as perguntas quando iam surgindo independente do horário, sempre respondeu a todas ou mostrava meios para que obtivessem todas as respostas alcançadas com êxito. Muito Obrigada!

Agradeço ao que no momento foi meu comandante do 3º Batalhão de Polícia Militar em Tefé-AM, Capitão David Nery por toda ajuda disponibilizada, principalmente por me adequar a uma escala de serviço que facilitasse o meu estudo e todo o seu desenvolvimento, sem palavras para expressar minha enorme gratidão!

Meus eternos agradecimentos aos meus professores do Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – PPGICH/UEA, pela dedicação, ensinamentos, incentivos, partilhas, conhecimentos ricos, grandiosos e valorosos que levarei pra toda vida.

*Os professores são
heróis anônimos, com
uma mão escrevem
num quadro, com
a outra mudam a
humanidade quando
iluminam com seu
conhecimento a
mente do aluno.*

(Augusto Cury)

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Yomarley Lopes Holanda pela humildade, paciência e dedicação em todos os momentos que precisei de suas orientações, o senhor é um verdadeiro exemplo de humanidade, luz e incentivo. Obrigada por acreditar em mim! Quero expressar minha afetuosa gratidão por meio desse trecho da mestra de oração, doutora da igreja, padroeira e protetora dos professores Santa Teresa D'ávila ***“O Senhor não olha tanto a grandeza das nossas obras. Olha mais o amor com que são feitas.”***

Por fim, minha enorme gratidão a todos!

EPÍGRAFE

Os contentamentos
são muito de estimar, quando
há humildade para
entendermos que nem por
isso somos melhores.

Geralmente esses
sentimentos de devoção se
encontram nas almas das
moradas precedentes, porque
trabalham quase de contínuo
com o intelecto,
empregando-o na meditação.

Santa Teresa de Jesus

RESUMO

O presente estudo de caráter interdisciplinar investigou as configurações da religiosidade popular amazônica presentes na festa de Santa Teresa Dávila, padroeira da cidade de Tefé, interior do Amazonas, considerando questões poéticas, sagradas e lúdicas. Objetivamos também tecer uma etnografia do sensível da festa da padroeira do povo tefeense, se atendo aos seus processos de organização e realização que envolvem uma série de pessoas e grupos sociais; discutir a historicidade e os hibridismos culturais que floresceram no contexto do Festejo da padroeira de Tefé, tendo como embasamento o culto aos santos no Brasil; e verificar os aspectos poéticos, lúdicos, sagrados e dionisíacos que constituem a “matéria-prima” dos festejos amazônicos em que sujeitos e participantes estão mergulhados. A metodologia de natureza qualitativa se ampara na perspectiva de um pensamento descolonizado, conforme postula Albert Memmi (2007) que nos instiga a (re) construir tal postura epistêmica, assim como nos escritos de Morin (1990, p. 9) sobre a complexidade tecida e comparada pelas aspirações do conhecimento em meio as possibilidades e impossibilidades, das certezas e incertezas em busca de superarmos o pensamento simplificador. Tal arcabouço fundamentou a realização de uma pesquisa de campo realizada na cidade de Tefé, aos moldes da etnografia “densa” de Geertz (2003), de pesquisa bibliográfica nos arquivos da Prelazia de Tefé e nos escritos dos memorialistas da cidade, da realização de entrevistas com os sujeitos participantes do evento em tela, uso de câmera e gravador de voz. A interpretação do Festejo nos levou ao estudo da própria história cultural e festiva dos tefeenses que apresentam através da ancestralidade indígena uma “alma festeira”, submersa nos costumes, ritos e credices populares. A religiosidade da festa interage com o político e o social e vai para além do sagrado, construindo laços e ditando ritmo da socialização do espaço em que se realiza, da agregação existente no espaço urbano no sentimento de pertença de ser e de estar junto.

Palavras-chave: Religiosidade popular; Santa Teresa Dávila; Tefé.

ABSTRACT

This interdisciplinary study proposes to investigate the configurations of Amazonian popular religiosity present in the feast of Santa Teresa Dávila, patroness of the city of Tefé, in the interior of Amazonas, considering poetic, sacred and playful issues. We also aim to weave an ethnography of the sensitive of the feast of the patron saint of the people of Tefe, focusing on its processes of organization and realization that involve a series of people and social groups; discuss the historicity and cultural hybridisms that flourished in the context of the Feast of the patron saint of Tefé, based on the cult of saints in Brazil; and verify the poetic, ludic, sacred and Dionysian aspects that constitute the “raw material” of the Amazonian festivities in which subjects and participants are immersed. The methodology is based on the perspective of decolonized thinking, as postulated by Albert Memmi (2007) who urges us to (re)build such an epistemic posture, as well as in the writings of Morin (1990, p. 9) on the complexity woven and compared by aspirations of knowledge in the midst of possibilities and impossibilities, of certainties and uncertainties in search of overcoming simplifying thinking. This framework was the basis for conducting field research in the city of Tefé, along the lines of Geertz's (2003) “dense” ethnography, bibliographical research in the archives of the Prelature of Tefé and in the writings of memorialists in the city, conducting interviews with the subjects participating in the event on screen, using a camera and voice recorder. The interpretation of the Festejo led us to study the cultural and festive history of the people of Tefe who, through their indigenous ancestry, present a “party soul”, submerged in customs, rites and popular beliefs. And even though the religiosity of the party interacts with the political and the social and goes beyond the sacred, building bonds and dictating the rhythm of the socialization of the space in which it takes place, of the existing aggregation in the urban space in the feeling of belonging to being and being together.

Keywords: Popular religiosity; Santa Teresa Davila; Tefé.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Praia da Ponta Branca, p. 21.
- Figura 2 – Apresentação de dança folclórica na praça da matriz de Santa Teresa, p. 22.
- Figura 3 – Localização do campo de pesquisa, p. 23.
- Figura 4 – Seminário São José marco da presença católica em Tefé, p. 25.
- Figura 5 – Imagem de Santa Teresa D'ávila padroeira de Tefé, p. 30.
- Figura 6 – Imagem da avó do entrevistado aos 15 anos, p. 35.
- Figura 7 – Imagem de ribeirinhos que vem ao festejo de Santa Teresa, p. 37.
- Figura 8 – Ribeirinhos do lago de Tefé em sua canoa durante a vigência do festejo, p. 38.
- Figura 9 – Revista “O missionário”, p. 40.
- Figura 10 – Imagem do novenário na catedral de Santa Teresa / 2021, p. 45.
- Figura 11 – Panfleto do convite e tema do festejo de Santa Teresa / 2021, p. 46.
- Figura 12 – Panfleto do convite e tema do festejo de Santa Teresa / 2022, p. 47.
- Figura 13 – Procissão de Santa Teresa / 2021, p. 48.
- Figura 14 – Pagadores de promessas na procissão de Santa Teresa- out/2022, p. 52.
- Figura 15 – Devotas em frente a imagem de Santa Teresa, p. 57
- Figura 16 – Imagem da procissão de Santa Teresa / 2022, p. 59.
- Figura 17 – Imagem do andor de Santa Teresa ornamentado, p. 60.
- Figura 18 – Imagem da procissão na rua da cidade de Tefé-AM, p. 61.
- Figura 19 – Imagem da procissão – relação ao sagrado, p. 62.
- Figura 20 – Imagem da praça de Santa Teresa em dias de festejo/arraial – 2022, p. 63.
- Figura 21 – Imagem da missa no dia 15 de outubro – dia de Santa Teresa D'ávila / 2022, p. 66.
- Figura 22 – Imagem da população tefeense participando da missa do dia 15 de outubro, p. 67.
- Figura 23 – Imagem da praça da matriz no período de arraial de Santa Teresa D'ávila, p. 82.
- Figura 24 – Imagem interna da igreja matriz ornamentada com o tema do ano / 2022, p. 83.

Figura 25 – Imagem do caminhão ornamentado para a carreata com a imagem de Santa Teresa / 2022, p. 84.

Figura 26 – Imagem de rua e casas enfeitadas no dia da procissão, p. 85.

Figura 27 – Imagem de pagamento de promessas com tijolo na cabeça, p. 87.

Figura 28 – Vestidas de Santa Teresa D'ávila, p. 87.

Figura 29 – Imagem do mapa de conservação sustentável Mamirauá e Amanã, p. 89.

Figura 30 – Imagem do clero no dia da procissão de Santa Teresa / 2022, p. 93.

LISTA DE SIGLAS

AM – Amazonas

CEST – Centro de Estudos Superiores de Tefé

CIC – Catecismo da Igreja Católica

COVID 19 – Coronavirus Disease 2019

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OMS – Organização Mundial da Saúde

PPGICH – Programa de Pós Graduação em Ciências Humanas

UEA – Universidade do Estado do Amazonas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I	19
1.1 Para além do sagrado.....	19
1.2 O entrelaçar com o tema/objeto de pesquisa	28
1.3 Novenário e procissão.....	45
CAPÍTULO II	56
2.1 Culto aos santos no Brasil	56
2.2 Religiosidade popular como vetor de sociabilidade.....	72
2.3 A tradição que se renova.....	80
CAPÍTULO III	91
3.1 Tefé, o sagrado que dialoga com a ancestralidade	91
3.2 O lúdico/devocional nas promessas.....	101
3.3 O tom dionisíaco do festejar	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
REFERÊNCIAS.....	120

INTRODUÇÃO

Desde minha infância fui inserida no contexto da religiosidade católica do arraial de Santa Teresa, onde aprendi e me acostumei com os contos das promessas, curas e milagres. Cresci no seio de uma família católica onde aprendi desde cedo a devoção, o encanto e a beleza da festa do dia 15 de outubro, data esperada com bastante perspectiva e ansiedade. Tenho na memória o brilho e o som dos fogos de artifícios, a agitação da alvorada, o calor das velas, os louvores e hinos que ecoavam no interior da catedral e, às vezes, do alto falante localizado na torre da igreja no centro da cidade, sem deixar a viva lembrança do encanto dos parques de diversão e dos sonhos do imaginário de criança.

Este cenário despertou um interesse particular em buscar conhecimentos e informações relacionadas a tais práticas religiosas em Tefé, inspirando a presente pesquisa em investigar as configurações da religiosidade popular amazônica presente no festejo de Santa Teresa D'ávila em Tefé / AM, considerando questões poéticas, sagradas e profanas, fundamentando-se em tecer uma etnografia sentimental sobre o festejo de Santa Teresa; discutindo a historicidade, bem como os hibridismos culturais que floresceram no contexto do evento; e verificando os aspectos poéticos, lúdicos, sagrados e profanos constituídos pelos sujeitos que participam do festejo da padroeira tefeense.

Nossa investigação partiu do seguinte problema central: a ciência moderna baseada no pensamento cartesiano, pouco se interessa pelos fenômenos ou processos sociais e culturais, principalmente aqueles que estão relacionados à religiosidade popular no interior da Amazônia, região historicamente considerada periférica. Ora, sabemos que a vasta região amazônica não apresenta apenas sua riqueza em decorrência da sua fauna e flora, mas também é imensamente rica em tradições, costumes e em formas de celebrar o cotidiano em sua relação cultural e religiosa.

A partir desse problema surgiram alguns questionamentos que se inter cruzaram durante a construção do objeto.

Como as configurações da religiosidade popular presentes no Festejo de Santa Teresa D'ávila em Tefé/AM, se manifestaram nos dias atuais?

- Como o sagrado, a poética e o dionisíaco se entrelaçam neste contexto cultural?
- Como desvelar os processos de historicidade e os hibridismos culturais que florescem no contexto do evento?

De que maneira emergem os aspectos lúdicos, sagrados e dionisíacos constituídos pelos sujeitos que participam do festejo da padroeira tefeense?

Diante desses questionamentos construímos as hipóteses que norteiam o processo de tessitura do objeto de pesquisa. A hipótese inicial parte do entendimento de que religiosidade cultural local se constitui a partir de manifestações populares conectadas a algo global e que é necessário compreendermos, separarmos e diferenciarmos a religião oficial, a magia festiva e as práticas dionisíacas no contexto de uma cidade do interior do Amazonas. Michel Maffesoli (2001) ampara este entendimento ao afirmar que “em geral opõe-se o imaginário ao real, ao verdadeiro”. Isso nos remete a simples compreensão que o ser humano, sendo fruto do meio em que vive, constrói e modifica a sua manifestação cultural através da significação e as atribuições do contexto e das relações que constitui o festejar, partindo daí busca-se a ideia de relacionar o real e o imaginário que se inter cruzam nesses processos da cultura.

A partir disso a outra hipótese se delineia sobre as questões do sagrado e do dionisíaco em consonância dentro da constituição religiosa do festejo de Santa Teresa D'ávila, no município de Tefé, não só no âmbito da sociologia e da antropologia, mas dentro de uma perspectiva interdisciplinar, tendo em vista sua pluralidade de relações históricas e sociais que se conectam com os estudos da cultura amazônica que versam sobre a temática das manifestações socioculturais, geralmente colocadas em segundo plano pela ciência cartesiana. Isto ocorre porque muitos de seus aspectos não podem ser matematizados ou quantificados, pois estamos entrando no campo das subjetividades.

Assim, esta pesquisa pode ser pensada como uma espécie de tentativa de tecitura, como diz Morin (2007, p.13), no sentido de “tecer junto” diferentes campos do saber. A concepção moriniana da tecitura ilumina não somente o nosso caminho metodológico, vai mais adiante, configurando uma dialogia de saberes entre os nossos colaboradores e os autores que conversamos nesta pesquisa. É tipo uma aventura em campo aberto, uma vez que a complexidade se faz uma tentativa de operar com a realidade, com a ciência e com os saberes diversos sem a pretensão de domínio absoluto deles, o que interessa é a dialogia profunda que aproxima ao invés de se afastar por causa das diferenças.

Para facilitar a descrição e análise acerca do arraial de Santa Teresa e seus atos complexos de festejar procuramos observar os distintos participantes que se agregam no universo do arraial como os organizadores, colaboradores, devotos, promesseiros, fieis, religiosos e participantes anônimos, com a intenção de perceber as relações e laços

desses diferentes grupos de participantes e que desenham as configurações da festa da padroeira tefeense. Enfim, ainda no âmbito metodológico tomamos notas no caderno de campo, registramos fotografias, consultamos acervos da Prelazia e da Rádio Rural de Tefé, entre os anos de 2021 e 2022, principalmente no período festivo do arraial de Santa Teresa realizado no mês de outubro, nos dias 06 a 15. Lembrando que no período mencionado estávamos num cenário marcado por um período de pandemia da COVID-19, o que trouxe uma série de obstáculos para a pesquisa de campo.

O presente trabalho foi dividido em três capítulos que se coadunam, a saber: o primeiro capítulo intitulado “**Tecendo uma etnografia do sensível no festejo de santa Teresa D’ávila em Tefé**” objetiva tecer uma etnografia do sensível da festa da padroeira do povo tefeense, se atendo aos seus processos de organização e realização que envolvem uma série de pessoas e grupos sociais. Ora, a religiosidade popular amazônica, ao longo do tempo, tem sido objeto das mais variadas interpretações, a maioria delas estereotipadas e plasmadas em um evolucionismo eurocêntrico preconceituoso que tratou de segregar natureza e cultura, além de preterir e inferiorizar as culturas dos povos amazônicos, em consequência desta segregação cultural; é importante discutir essa manifestação cultural no interior da Amazônia que envolve misticismo, fé, ludicidade e religiosidade popular. Neste item ressaltamos ainda que os estudiosos dos processos socioculturais na Amazônia se prenderam em demasia à perspectiva do sagrado ou mesmo à dicotomia entre sagrado e profano, não é esta nossa ideia, mas sim abordar interdisciplinarmente um evento permeado de aspectos da ancestralidade, da oficialidade e seus rituais, do popular e seus hibridismos.

O segundo capítulo “**Hibridismo e sociabilidade no culto aos santos**” centraliza sua análise na discussão da historicidade e dos hibridismos culturais que floresceram no contexto do Festejo da padroeira de Tefé, tendo como embasamento o culto aos santos no Brasil. Canclini (2008, p. 220) pondera que “é possível pensar que o popular é constituído por processos híbridos e complexos, usando como signos de identificação elementos procedentes de diversas classes e nações”. Canclini nos conduz a uma perspectiva bastante convencional, pois nada se constitui por si só, a construção do popular certamente obedece a esse viés híbrido devido a uma exposição às culturas alheias, à interação e à relação dos povos e sua cultura. Sérgio Ivan Gil Braga (2009, p. 3) afirma que “a festa continua e continuará sendo o espaço híbrido e de múltiplas heranças culturais, permitindo a negros, brancos e quiçá indígenas reivindicarem o seu quinhão nesse patrimônio imaterial e cidade que deveria pertencer, em tese, a todos”.

Desse modo, observamos a construção do hibridismo na sua formação cultural da imaterialidade incidida sobre o contexto popular.

O terceiro capítulo denominado “**A poética da fé amazônica**” objetiva verificar os aspectos poéticos, lúdicos, sagrados e dionisíacos que constituem a “matéria-prima” dos festejos amazônicos em que sujeitos e participantes estão mergulhados. A religiosidade cultural local se constitui enquanto manifestação popular de algo global e que é necessário compreendermos, separarmos e diferenciarmos a religião oficial, a magia festiva e as práticas dionisíacas no contexto de uma cidade do interior do Amazonas. Loureiro (2001, p. 88) enfatiza que “fala-se do poético e, mais precisamente de uma poética como estado coletivo reinocentado. Este e outros autores e sujeitos da pesquisa destacam um conjunto de relações culturais com o mundo, reguladas pelo poético que emana do devaneio do imaginário em liberdade e cuja mediação é feita por meio das simbolizações estéticas configuradas na mitologia, na arte, e nas festas de santo realizadas no interior da Amazônia.

Portanto, o estudo nos conduziu para outras formas de pensar a cultura amazônica, sobretudo no que se refere aos eventos religiosos que podem ser analisados como práticas sociais relevantes para a vida, pois são configurados pelos grupos que os preparam e a desenvolvem, sendo assim uma atualização das práticas sociais e culturais que entrelaçam o sagrado e o poético; na verdade essas suas instâncias aqui são indissociáveis, pois elas se coadunam no desenrolar do festejo realizado na cidade de Tefé no interior do Amazonas.

CAPÍTULO I

TECENDO UMA ETNOGRAFIA DO SENSÍVEL NO FESTEJO DE SANTA TERESA DÁVILA EM TEFÉ

1.1 Para além do sagrado

Desde o alvorecer de sua história cultural a Amazônia se mostra como um grande desafio para os pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento. Natureza e cultura em diálogo complexo matizado de contradições, historicidades e imaginários, a grande Hiléia permanece ainda hoje como uma espécie de enigma do mundo, cobiçada principalmente por causa de seus recursos naturais. Na busca dessas riquezas naturais, muitos acabam esquecendo que, para os povos oriundos dos rios e das florestas amazônicas, isso é descrito a partir de uma outra significação, onde os rios têm vida e a natureza possui espírito que precisam ser preservados, respeitados.

Não à toa que a Amazônia profunda é um espaço que, ao longo do tempo, tem sido objeto das mais variadas interpretações, a maioria delas estereotipadas e plasmadas em um evolucionismo eurocêntrico preconceituoso que tratou de segregar natureza e cultura, além de preterir e inferiorizar as culturas dos povos amazônicos, em consequência desta segregação cultural é importante discutir os processos culturais no interior da Amazônia que enovelam misticismo, fé, ludicidade e religiosidade popular.

Muitos estudiosos dos processos socioculturais na Amazônia não conseguiram captar um olhar para além do sagrado, em que o povo amazônico carrega em sua bagagem cultural, experiências e vivências entre os rios, afluentes e igarapés, tecendo um arcabouço sócio-histórico em diálogo com a ancestralidade e a natureza circundante. É acompanhando esse movimento dos rios simbólicos que somos levados a explorar bem mais a fundo tais fenômenos, neste caso por meio de uma abordagem qualitativa a qual nos leva a apurar e aguçar os nossos sentidos para a singularidade das complexas teias culturais da Amazônia, especialmente na cidade de Tefé, interior, periferia, rica culturalmente.

Sobre esta questão de uma mudança de rota epistemológica, Said (1993, p. 17) nos instiga a pensar que o universo amazônico é formado de “seres, signos, fatos, atitudes que podem indicar múltiplas possibilidades de análise e interpretação, considerando os diversos atores como pescadores, indígenas, seringueiros e caboclos”.

A Amazônia nesta perspectiva emerge como uma espécie de “ponto de fuga”

para o exotismo na ficção. Em outra perspectiva, o mesmo autor afirma que o discurso a respeito desse espaço, somado ao seu processo de invenção, pode ser considerado como um recurso de dominação semelhante ao que ocorreu entre Ocidente e Oriente, em uma relação de poder e dominação de graus variados. Inspirados nesta passagem, pensamos que estudar a Amazônia em seus processos socioculturais é abrir uma fenda no esquematismo predominante na ciência positiva, é enveredar por outros caminhos compreensivos que não abandonam a subjetividade, as sensibilidades das pessoas com suas histórias e trajetórias.

Em tecituras horizontais é nosso intento construir pontes de diálogos entre pensadores da filosofia, da história, da antropologia e dos estudos amazônicos com a finalidade de investigar as configurações da religiosidade popular no município de Tefé, bem como compreender a constituição da sua mais ampla organização, tendo como elementos basilares a historicidade do contexto religioso, analisando os aspectos poéticos, híbridos e sagrados, sem deixar de mencionar os elementos orgiásticos que em suma formam as dimensões deste tipo de manifestação cultural.

Vale mencionar que o tema em questão é fruto de uma estreita relação que mantenho com o festejo da padroeira tefeense, o que desencadeou, em princípio, certa inquietação em conhecê-lo mais profundamente e o motivo que atrai uma multidão para participar de um evento que nunca foi só religioso. É notório na ambiência da cidade que o festejo da padroeira desencadeia um movimento cultural na vida das pessoas de diferentes classes sociais, da zona urbana e do interior, bem como de uma considerável quantidade de visitantes que viajam até Tefé, Médio Solimões para participarem de diversas maneiras do evento, agregando elementos materiais e simbólicos ao conjunto sociocultural; eis os motivos dessa pesquisa em que a reflexão e as indagações pessoais levaram para além da questão religiosa, enveredando pela perspectiva científica para entender este complexo “fazer e estar na festa popular” com profundas raízes históricas e fincado na tradição dos povos da região.

Segundo Holanda (2017, p. 10) pode-se perceber que “já faz tempo que a Amazônia vem sendo o centro dos discursos representacionais contemporâneos”. Diante desse cenário é importante que novas incursões científicas sejam realizadas em busca da compreensão da Amazônia sob novos olhares, ou seja, é propósito deste estudo desvelar uma dessas manifestações amazônicas de grande teor simbólico e de raízes históricas que é realizada anualmente na cidade de Tefé, interior do Amazonas. Oliveira explica este processo no campo de pesquisa da seguinte maneira:

Desejo, assim, chamar a atenção para três maneiras - melhor diria, três etapas - de apreensão dos fenômenos sociais, tematizando-as (o que significa dizer: questionando-as) como algo merecedor de nossa reflexão no exercício da pesquisa e da produção de conhecimento. Tentarei mostrar como o 'Olhar, o Ouvir e o Escrever' podem ser questionados em si mesmos, embora num primeiro momento possam nos parecer tão familiares e, por isso, tão triviais, a ponto de nos sentirmos dispensados de problematizá-los; todavia, num segundo momento - marcado por nossa inserção nas ciências sociais -, essas faculdades ou, melhor dizendo, esses 'atos cognitivos' delas decorrentes, assumem um sentido todo particular, de natureza epistêmica, uma vez que é com tais atos que objetivamos construir o nosso conhecimento a respeito de nosso objeto neste trabalho de pesquisa. (OLIVEIRA, 1996, p. 13-37)

A tese de doutorado de Marinho (2021), em *Sociedade e Cultura na Amazônia*, com a temática sobre os seringueiros da região de Tefé desvela interessantes faces da cultura tefeense, principalmente de sua cultura popular que, segundo o pesquisador, se origina na cultura indígena, embora reconheça a influência europeia trazida pela Igreja Católica através de seus missionários. Os povos nativos faziam suas comemorações com eventos dançantes na ocasião de um fato importante para a aldeia como, por exemplo, o falecimento do tuxaua ou o nascimento de uma criança do sexo masculino. Para cada uma dessas comemorações havia uma celebração ritualística dirigida pelo pajé.

O pesquisador reconhece que muito dessa efervescência cultural ainda não foi totalmente perdida diante do chamado processo civilizador, embora aqui verificamos através de pesquisas bibliográficas e artigos que a efervescência cultural aqui mencionada subsiste incorporada à intervenção cultural externa com uma nova roupagem, mas consegue se manter viva e expressiva nos dias contemporâneos, há muito tempo este cenário continua atraindo estudiosos, pesquisadores, viajantes e andarilhos. Pode-se dizer que Tefé possui uma relevância histórica e cultural antiga. Já em 1538 era destaque ao receber Diogo Nunes de Quesada na função de inspetor de educação vindo diretamente de Portugal visitar uma escola de vinte e uma almas, todas masculinas que lá funcionava. José Lino Marinho (2021, p.25) cita personagens conhecidos que moraram ou passaram por Tefé, a saber: Dessalines, Agassiz, Martius, Spix, Bates, conde Hermano Stradelli, Gonçalves Dias, Conde d'Eu, Mario de Andrade, Tastevin, Parissier, dentre outros, ao ponto de em alguns escritos Tefé aparecer como *A Corte do Solimões*, tendo em vista a quantidade de pesquisadores, políticos e escritores que registraram suas experiências na região. Os escritos de Queiroz indicam que:

Não é possível falar da história de Tefé, sem falar na história da Igreja Católica na região, uma vez que os integrantes das diferentes ordens religiosas eram funcionários das coroas portuguesa ou espanhola e a fundação das missões

visando a catequização dos indígenas, ocupação e posse das terras seguia a orientação de um desses dois países. Foi neste contexto que a expedição de Samuel Fritz, descendo de Quito em 1686 pelo rio Marañon e chegando ao rio Amazonas fundou as missões de São Paulo dos Cambeba, Nossa Senhora de Guadalupe dos Jurimágua, São Matias, São Joaquim e Santa Teresa dos Axuaris na foz do rio Tefé. (QUEIROZ2018, p. 34)

Marinho (2021, p. 26) informa que a cidade de Tefé concentra as redes municipal, estadual e federal de ensino nos níveis fundamental, médio e superior, comportando também outras instituições estaduais e federais ligadas ao fisco, meio ambiente, comunicações, economia, transportes fluvial e aéreo. Possui grandes reservas de petróleo e gás natural. Sua extensão territorial é de 23.704 km², o clima é equatorial, sua altitude é 47 metros acima do nível do mar, população acima de 60 mil habitantes e uma economia que tem como base o comércio e a agricultura

Do ponto de vista geográfico e tratando da dinâmica das urbanidades amazônicas, Queiroz (2022, p.17) ressalta que toda “cidade situada às margens do rio Solimões no Amazonas depende da circulação fluvial para a circulação de pessoas e mercadorias. Isso ocorre em função da ausência de rodovias bem como a pequena presença de aeroporto estruturado”. Lira (2020, p.23) escreve que Tefé está localizada na margem direita do rio Solimões, tendo sua nomenclatura relacionada com o Nheengatu (Língua Geral), falada desde o período Colonial até os dias atuais em algumas áreas da Amazônia. Sobre a etimologia do termo Tefé, o mesmo autor (2020, p. 23) diz que significa “rio profundo”, termo pelo qual alguns povos indígenas que habitavam a região também ficaram conhecidas: Tupebas, Tapibas, etc. Em sua historicidade e com o avanço lusitano na região o lugar vai ter outros nomes, o mais conhecido deles Vila de Ega, a partir do processo de lusitanização da Amazônia no período pombalino.

A despeito de sua localização estratégica, é muito comum que seus habitantes usem o rio como “estrada” para viajar, levar ou trazer encomendas, o que nos faz entender que é através da circulação fluvial que se constrói e se propaga a cultura nas festas das cidades ribeirinhas onde foi o *cerne* da pesquisa. Uma vez que a hidrografia Amazônica é por si só o seu complexo viário, sendo o nosso rio, a nossa estrada que ligam e interligam pessoas, sonhos, culturas e entrelaçam a beleza das nossas festas culturais e religiosas. De maneira poética, Marinho (2021, p.22) assim descreve o cenário de Tefé:

Um lugar enigmático escolhido por nossos ancestrais à margem de um grande rio de águas pretas, com centenas de praias de areia branca, fina e esvoaçante. Habitado por uma imensa variedade de animais terrestres, árvores frutíferas e de lei, pássaros de cores e matizes variados em multicolor, quelônios em

abundância, peixes em variedade intermináveis, água em profusão e que simbolizam vida, fonte de energia, elo de ligação, via de transporte e artéria de comunicação com o restante do Brasil e do mundo. Lugar escolhido com inteligência, conhecimento profundo, plural e estratégico por nossos ancestrais para ser a morada definitiva de um povo sábio, que cuidou de modo equilibrado e responsável deste espaço, a Casa Comum. E que mesmo diante do ataque e achaque dos povos europeus invasores, portugueses e espanhóis em séculos de escravidão, conseguiram preservar um legado cultural através de seus mitos, ritos, crenças, hábitos e costumes numa dialogicidade como se fosse um *link* de transmissão e ligação, fazendo-o chegar à nossa contemporaneidade viva e lúdica, em lendas, causos, contos, materializada em um folclore rico em quantidade, qualidade e variedade representativa de uma cultura material e imaterial das mais belas no Estado do Amazonas.

Ainda hoje os elementos relatados pelo pesquisador sobre a cidade de Tefé se fazem bem presentes na cultura local da cidade, pelas manifestações religiosas do catolicismo popular e pelo folclore local que assimila e traduz esteticamente em forma de cor, danças, performances, cantos, memórias e tradições dos povos ancestrais que ajudaram a formar a identidade cultural tefeense.

Figura 1 – Praia da Ponta Branca



Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.

Tardezinha de um domingo no mês de setembro, praia da Ponta Branca, local de encontro, festas e sociabilidade dos tefeenses, é também lugar de balneário público localizado na frente da cidade, do lado direito do porto municipal (cais), dividindo o centro da cidade e o bairro do Abial. A praia da Ponta Branca como é conhecida por todos os tefeenses e habitantes das cidades vizinhas é frequentada geralmente por jovens, mas também idosos e crianças aproveitam a paisagem para passear ou tomar banho durante o verão amazônico que marca o período de seca (vazante dos rios), nos meses que variam

de julho até o final do ano. Trata-se de um ponto turístico da cidade, um certo cartão de visitas para os que chegam através do transporte fluvial (embarcações), serve ainda como meio cultural e socioeconômico devido as apresentações, comercialização de produtos e eventos realizados neste espaço.

Figura 2 – Apresentação de Dança Folclórica na Praça da Matriz de Santa Teresa



Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.

Lira (2020) sublinha que no processo de estruturação histórica de Tefé há grande influência dos povos originários e também influências africanas e europeias. O cenário histórico e cultural exposto evidencia uma forte presença não só da religião oficial, tendo em vista que Tefé é espaço estratégico desde os primórdios do processo de colonização da Amazônia, mas principalmente da religiosidade popular com suas nuances culturais entrelaçadas com elementos indígenas, com a tradição oral dos povos tradicionais, sobretudo quanto à realização do denominado festejo-arraial, onde são desenvolvidas atividades como comércios, ambulantes (marreteiros), bingos, festas, leilões, procissão e com seus pagadores de promessas. Momentos de encontros entre pessoas da zona urbana e rural e visitantes de outras cidades, num intenso processo de sociabilidade, no qual floresce uma espécie de poética da fé amazônica, cheia de ambivalências e complexidade. Contudo são esses espaços que envolvem e se deixam envolver ao contexto cultural religioso e peculiar da cidade de Tefé no mês de outubro.

Figura 3 – Localização do campo de pesquisa

Fonte: Site do IBGE, 2022.

Este é, pois, o nosso campo de pesquisa, um cenário rico em manifestações simbólicas e socioculturais, fértil para a investigação científica com temas inovadores e sempre atuais. Bourdieu (2001) chama a atenção para o fato de que o campo é sempre desconhecido, movediço. O campo não está dado, ele é construído, pensado e repensado, buscando apreendê-lo no próprio fazer do trabalho do pesquisador. Bachelard (2013), também orienta o pesquisador dizendo que no campo de pesquisa o investigador deve ter um faro, que busque captar as sutilezas, as minúcias do objeto, com espírito aberto e sempre em construção de si mesmo como um sujeito que aprende com o lugar, o espaço, as águas, o devaneio. Seguimos sob o fluxo destas orientações, agora, fazendo uma abordagem sobre o contexto histórico-cultural que cerca o nosso objeto de estudo, fazendo um sobrevoo sobre a formação social de Tefé, lançando mão de instrumentos das ciências humanas e sociais.

Nas nossas leituras iniciais detectamos que a religiosidade popular na Amazônia ainda é pouco discutida se levarmos em consideração os estudos acadêmicos sobre Tefé e circunvizinhança, sobretudo, quando tratamos da participação de marreteiros (comerciantes andarilhos), pagadores de promessas de várias regiões, organizadores do evento, fiéis, todos compartilhando o mesmo espaço cultural, tecendo verdadeiras teias simbólicas ao longo dos dias e noites de preparação e realização do Festejo. Galvão (1955), em seu clássico estudo em uma comunidade amazônica nos faz compreender que

as mudanças culturais ao longo da história da Amazônia se fizeram refletir nas ideias e instituições religiosas e imprimiu-lhes um caráter regional.

As festas e celebrações religiosas estão presentes na sociedade humana desde os seus primórdios. Na Grécia e Roma antigas, os deuses eram adorados com festas estabelecidas em um calendário anual. Havia festa do fundador, dos muros, dos limites do território, do campo, do trabalho, das sementeiras, da floração e das vindimas. Toda cidade tinha suas festas para as divindades protetoras (COULANGES, 1975).

A Igreja Católica adotou o princípio das festas pagãs para homenagear e cultuar os seus santos. Elas têm o objetivo de louvar e agradecer as graças concedidas aos homens/mulheres pela divindade protetora escolhida que, no universo católico, correspondem a Jesus, A Virgem Maria, ao Espírito Santo e aos santos de modo geral. De acordo com Ferreira (2000, p. 130), o culto a Madona tem início no período medieval, como tentativa de cristianizar as festas agropastoris em homenagem à Primavera. No fim do século XII os filósofos de Chartres elaboraram o conceito de natureza, encarnando-o numa alegoria recordava a Mãe de Deus, resultando numa unicidade da mãe natureza com a Virgem.

Os santos foram aparecendo conforme os seus feitos e com as posições doutrinárias da igreja católica. Esse processo engendrou o surgimento de diversos santos e santas que chegaram ao Brasil e à Amazônia na bagagem e no imaginário dos colonizadores europeus. A religião católica tornou-se historicamente dominante nesta região, e permanece impregnada no imaginário popular tefeense, embora apresentando outras facetas, conexões e diálogos que se revelam nas práticas sociais e no cotidiano da cidade, assim como na relação do povo com a sua padroeira.

As festas de teor religioso, de acordo com Del Priore (1994), têm uma origem comum europeia com base nos cultos, celebrações religiosas aos deuses protetores das plantações do ciclo agrícola de plantio e colheita. As solenidades pagãs foram incorporadas ao culto cristão, com a expansão e homogeneização do cristianismo como religião predominante. As festas pagãs receberam nova roupagem e controle da igreja, que, “determinou dias que fossem dedicados ao culto divino considerando-os dias de festa, os quais formavam em seu conjunto o ano eclesiástico” (DEL PRIORE, 1994, p.13). Assim, a festa “do nosso passado colonial talvez nos ajude a entender porque e o que ainda hoje tanto festejamos”, afirma Del Priore (1994, p. 15).

Figura 4 – Seminário São José, marco da presença católica em Tefé



Fonte: Pesquisa de Campo, 2021.

Sobre a questão das festas católicas, Braga (2007, p. 66) reconhece “que as festas tradicionais do catolicismo português adquiriram uma outra configuração na nova terra, que coincide com a formação dos primeiros núcleos coloniais até os dias de hoje”. Assim, o que podemos notar nas manifestações culturais religiosas da atualidade é que talvez resultem de complexas relações históricas e culturais, tendo em vista a dinâmica de hibridações desde os primeiros núcleos coloniais até as adaptações modernas, transformando-as em novas configurações culturais.

Rita Amaral (1998, p. 37), pesquisando os sentidos do festejar no Brasil, postula que a festa “manifesta sacralidade das normas da vida social corrente por sua violação ritual; é alteração da ordem, inversão dos interditos e das barreiras sociais, fusão numa imensa fraternidade, por oposição à vida social comum, que classifica e separa”. A autora nos remete a conceber de uma ótica onde o panorama festivo em sua configuração social e política, está inteiramente relacionada as demais festas que ocorrem nas diversas regiões do Brasil, assim a festa aqui mencionada no município de Tefé apresenta as características que agregam, separam e dividem a sociedade. No entanto, todos conseguem coexistir como que em mesma sintonia ou frequência desprezando muitas vezes nesses períodos de festas religiosos as condições sociais ou econômicas de seus participantes independentemente de suas manifestações de fé ou grau de religiosidade, pois nos interessa o festejo-arraial com suas teias de complexidade.

Esta e outros autores versam sobre a respeito das transformações das práticas culturais influenciadas por elementos negros, indígenas, europeus e caboclos; revelam que as festas são importantes dispositivos que agregam e mobilizam todos esses

elementos, daí a importância de seu estudo sob o viés interdisciplinar; as festas religiosas são boas para pensar a cultura e seus complexos significados. Nas nossas observações preliminares notamos que a pesquisa é norteada por tradições mais antigas que se mantêm em convivência com o moderno, com as novas mentalidades e práticas sociais, e assim estas festas religiosas e populares unem as pessoas com seus objetivos, ressignificam determinadas práticas, tecem novas relações, nem sempre voltadas exclusivamente ao sagrado.

Atualmente o Festejo de Santa Teresa D'Ávila é realizado no período de 06 a 15 de outubro, sendo 10 noites de manifestação popular e religiosa, tendo como dia principal desta festa o dia 15 de outubro, data em que milhares de pessoas celebram o dia da Padroeira de Tefé. Nesses instantes de efervescência uma multidão de fiéis, promesseiros e visitantes se reúnem na Catedral de Santa Teresa e arredores para participarem de uma série de atividades que compõem o maior evento do Catolicismo popular da região do Médio Solimões, bem no coração da Amazônia. De acordo com o exposto até aqui a pesquisa justifica-se pela importância de preencher certa lacuna existente nos estudos acadêmicos acerca da religiosidade popular amazônica em especial a tefeense, com destaque para os elementos constitutivos e estéticos desse evento, posto que as manifestações religiosas são atos com suas peculiaridades próprias, resultados também de manifestações locais em decorrência das manifestações religiosas populares que ocorrem em todo o mundo.

1.2 O entrelaçar com o tema/objeto de pesquisa

Quando buscamos na memória as recordações a respeito de manifestação religiosa no município de Tefé que envolve a vida dos tefeenses desde a infância, logo somos remetidos aos momentos saudosos do Festejo de Santa Teresa D'Ávila que ocorre anualmente no início do mês de outubro. Gaston Bachelard (1996, p. 100) nos recorda sobre os devaneios voltados para a infância onde: “A história de nossa infância não é psiquicamente datada. As datas são respostas a posteriori; vêm dos outros, de outro lugar, de um tempo diverso daquele que se viveu. Pertencem exatamente ao tempo em que se conta”, portanto, minha memória e recordação de criança é as vezes rara e distantes devido o tempo, mas bastante viva e alegre no meu coração ainda nos dias de hoje.

A sincronia dos fogos de artifícios que marcavam o início do arraial à meia noite na alvorada, geralmente ouvidos de casa deitada na cama sobre as badaladas do sino da catedral, os carros volantes que passavam em frente à minha casa anunciando o festejo,

avisos na Rádio Rural que sem cessar anunciavam e convidavam a comunidade católica tefeense a participar da festa da padroeira de Tefé.

Recordamos também dos convites feitos pelo padre ao final das missas e dos panfletos distribuídos pela cidade, pregados em repartições públicas como murais de escolas, nas igrejas e até mesmo nas casas dos devotos, da euforia que nos causava, nos encantos que essa data representava para todos nós, praça enfeitada com bandeirinhas coloridas que traziam sensação de alegria e divertimento, barracas de roupas (da moda e com preços que encantavam), além de brinquedos trazidos pelos marreteiros de outras cidades e estados, parque de diversão do senhor “Monga” cuja diversão se resumia na roda gigante, chapéu mexicano e barca do pirata, músicas tocadas o dia todo no alto falante da igreja, brincadeiras, encontros com amigos de escola e outros lugares.

A respeito dos divertimentos que eram encontrados no parque de diversão e barracas de vendas em geral nas comunidades amazônicas, Galvão (1954) nos diz que os indivíduos que organizam esses “divertimentos” não têm relação alguma com a igreja, seu motivo é o lucro comercial, ficando claro que o intuito desses organizadores é aproveitar o evento unicamente para obter lucros e ganhar dinheiro a partir dos participantes do festejo, uma vez que seus trajetos são marcados pelo calendário de datas comemorativas e festas de santos espaiadas pelas cidades ribeirinhas.

Práticas que ainda não muito importantes para muitas pessoas como as novenas, ladainhas e a missa que às vezes éramos obrigados a participar com a família, e sempre arrumávamos uma desculpa de sair antes do término para brincar na praça, pois sabíamos que tão logo terminasse a novena teríamos um convite carinhoso de minha mãe a nos chamar e dizer “é hora de ir pra casa, vocês têm aula cedo.”

É muito bom poder lembrar e sentir aquela alegria que nos envolvia através da diversão, não tanto para participar das missas ou novenas, mas para ter um momento de lazer e aproveitar os momentos de descontrações que aconteciam em torno ou das adjacências do arraial. Galvão (1954) afirma que “nas festas elementos sagrados e profanos se misturam”, visto que grande parte do que envolvia os arredores da igreja eram músicas não religiosas, jogos de azar, vendas e consumos de bebidas alcólicas e festas em casas noturnas próximas.

Bachelard (1996, p.103) nos faz pensar que: “éramos, sonhávamos ser, e agora, sonhando a nossa infância, somos nós mesmos?”. Contudo, o dinamismo mágico das noites de festa do arraial de Santa Teresa que nos encantava na infância estava relacionado as letras do Hino de Santa Teresa.

*Glória a Ti, ó sublime Teresa / de Tefé padroeira querida
 A teu culto noss'alma anda presa / glória a Ti em hosanas de vida
 Se és de Espanha o mais rico tesouro / és a glória também de Tefé
 E por isso aqui vimos em coro / celebra-te num hino de fé.
 Glória a Ti esplendor do Carmelo / Tu de Espanha o mais puro brasão
 És um céu todo azul e todo belo / que Jesus escolheu por mansão!
 Lá do céu ó Teresa ouve o canto / que Ti vimos aqui entoar,
 E protege envolvendo em teu manto / o Brasil e Tefé, nosso lar.*

(Pe. Manuel de Lima Cáuper)

Esse hino se enraizava na nossa mente e coração, em que era proferido pelos meus lábios nos afazeres de casa, no caminho da escola, da igreja e no momento das novenas entoados pelo coral da matriz de Santa Teresa.

Os fatos recordados acima são lembranças importantes, relatos que remetem à relação significativa das experiências do arraial envolto na fé na religiosidade local, mas não somente, pois para uma criança católica nada lhe era mais comum que as imagens de santos, orações, ladainhas, terços e novenas.

Toda essa cultura e religiosidade foram herdadas dos meus pais desde a infância, que também receberam dos meus avós, os quais tinham uma descendência portuguesa e uma ancestralidade indígena, em que a doutrina religiosa nessa via de concepção era transmitida através de uma comunicação oralizada, nos ensinamentos das orações e verbalizações de cânticos e novenários, sendo assim uma catequese familiar. Latour (2022) aponta que “a crença não é um estado mental, mas um efeito das relações entre os povos”, neste entendimento a cultura está mergulhada num ambiente onde predomina a transmissão oralizada, no entendimento de Latour, a crença também não é diferente, uma vez que o nosso relacionamento familiar e social, contribuem grandemente a religião que assumimos.

Isso nos remete mais uma vez ao pensamento de Galvão (1954, p. 3) sobre a concepção do universo está impregnada de ideias e crenças que derivam do ancestral ameríndio. Essa maneira de ver o mundo não representa o simples produto de amalgamação de duas tradições, a ibérica e a do indígena. Essas duas fontes supriram o material básico de que envolveu a forma contemporânea da religião do caboclo amazônico, porém o que se pode analisar a partir desse pensamento é que a religiosidade cabocla é muito mais rica e complexa do que uma simples fonte aqui apresentada, pois a

religiosidade tem seu enraizamento no mais íntimo da alma indígena, cabocla e do negro, que se mesclam numa cultura entrelaçada e indivisível nas celebrações e rituais religiosos ou culturais.

Partindo de estudos relacionados à cultura amazônica percebemos o processo de intercruzamento de costumes e tradições dos povos indígenas, negros e brancos, processos híbridos que fluíram para conformar a identidade cultural dos povos amazônicos, identidades fluídas, nada de estagnação, nada de perene, somos seres em constante transformação. Bourdieu (2004) explicita que as religiões seculares, como a cristã, expandiram-se por todos os lugares e adquiriram novas características de acordo com os espaços que foram ocupando ao longo do tempo. Tratando-se da discussão sobre a religiosidade popular na Amazônia, Braga (2007) destaca que a “referência ao índio, ao negro e ao branco nas festas religiosas e populares da Amazônia não é mera ilusão”. Eis um dos pontos para pensarmos que esses costumes coexistem no panorama cultural popular até os dias de hoje graças as transformações e modificações sofridas durante o tempo em meio a introdução e ao impacto causado pela cultura popular religiosa portuguesa. A imagem de Santa Teresa D’ávila (estátua) imóvel e parada na nossa inocência de criança, carregada de afeto, admiração e respeito era capaz de conduzir as orações e realizar os pedidos e desejos mais simplórios e esdrúxulos. E, ainda hoje nos encanta e nos emociona ver crianças correndo entre mesas e cadeiras na praça nos dias devotados a ela.

Todas essas experiências marcantes constituíram um desejo e interesse em entender os processos complexos da Festa de Santa Teresa D’ávila, que na realidade nunca foi apenas uma festividade religiosa, desde sempre ela agregou outros elementos à sua condição, eis os motivos de acreditarmos que sempre estivemos entrelaçados a este contexto cultural efervescente.

Figura 5 – Imagem de Santa Teresa Dávila padroeira de Tefé



Fonte: Pesquisa de Campo, 2021.

A relação com o objeto/tema de pesquisa é sem sombra de dúvida intensa e próxima, já que durante toda a vida estive participando dos novenários, procissões e ladainhas alusivos ao contexto festivo da padroeira tefeense. Contudo, é preciso dizer que embora bastante estreita esta relação não obscurece as análises científicas sobre o evento, ao contrário, torna-as mais aguçadas, é por dentro que enveredamos pela investigação.

Deste modo, para a realização do movimento é necessário de aproximação e distanciamento do objeto de pesquisa, nos amparamos em Geertz (2003) que busca através de uma antropologia interpretativa captar as “inscrições” feitas pelos indivíduos em um meta-discurso cultural, a partir de seus códigos de significação; seria entender o significado que os homens dão às suas ações e a si mesmo, com isso é possível entender que todas as noções sejam elas de cunho social ou cultural estão relacionadas a um código interpretativo que busca por si só uma definição através de apresentação e representação daquilo que temos como aspecto religioso e contextualizado em forma de fé ou de expressão religiosa no âmbito social ou no âmbito familiar, onde este último parte unicamente da orientação paternal.

Todas essas inquietações e indagações com as quais foram confrontadas na construção da pesquisa consistiu em atenuar à medida que encontrávamos fundamentação teórica, assim uma nova epistemologia foi se desenhando a partir da leitura do texto “A Poética do Devaneio”, de Gaston Bachelard (1996, p. 3-4), para quem “a imagem estava presente, presente em nós, separada de todo passado que podia tê-la preparado na alma do poeta”. A citação do filósofo nos ajudou a desconstruir a ideia de “busca de origem do festejo”, nos conduzindo a um pensamento poético de desvelamento do dinamismo entre passado e presente que está relacionado ao que mencionamos e fazemos no presente, embora carreguemos na alma todos os aspectos poéticos que iremos apresentar durante a discussão do trabalho.

Os estudos da antropologia cultural também iluminam alguns desses caminhos epistêmicos, visto que um método que enfatiza a pesquisa antropológica a partir das percepções e aguçamento dos sentidos do pesquisador em campo, conforme pensa Oliveira (2000), que no texto “O trabalho do antropólogo” distingue as três maneiras de apreensão dos fenômenos sociais na pesquisa de campo: o olhar, o ouvir e o escrever, onde o olhar dá uma nova ressignificação ao objeto de pesquisa e o ouvir e escrever consolidam a percepção aguçada de um olhar investigativo sobre o elemento da pesquisa, constituído por um sentimento de compreensão do real e do imaginário popular.

Desta forma, sinalizo o cuidado que como pesquisadora mantive em relação às convicções ou opiniões próprias, crenças e a percepção a respeito do objeto de pesquisa, mesmo assim é possível assimilar que o descuido em manter uma objetividade disciplinada a partir da relação com o objeto acarretaria em comprometimento das análises do tema, mas uma vez fica evidente a relevância do embasamento metodológico, teórico e documental nesta investigação. Para tanto Bachelard (1996, p. 69) nos ensina que “a literatura é aqui diretamente atuante. Sem ela tudo se extingue, os fatores perdem a auréola dos seus valores”.

O texto “A Noção de Cultura nas Ciências Sociais”, de Denys Cucche (1999, p. 73-74), que cita em sua obra o antropólogo Bronislaw Malinowski, demonstra que não se pode estudar uma cultura analisando-a do exterior, e ainda menos a distância, também colaborou em atenuar as nossas angústias teóricas e metodológicas. Não se satisfazendo com a observação direta “em campo”, ele sistematizou o uso do método etnográfico chamado de “observação participante” (expressão criada por ele).

Não se busca apresentar apenas uma percepção religiosa como resultado da pesquisa em curso, nem mesmo expor qualquer viés pessoal ou convicção religiosa sobre

o festejo, a intenção é investigar diferentes aspectos e pontos de vista sobre a manifestação cultural mais importante do povo de Tefé. O clássico estudo de Bronislaw Malinowski (1976) nos ensina que “é necessário a apresentação desses dados para que os leitores possam avaliar com precisão, num passar de olhos, quão familiarizado está o autor com os fatos que descreve e sob que condições obteve as informações dos nativos”, o autor destaca a necessidade de expor com clareza o contexto e as ideias fundamentais que permeiam o trabalho do pesquisador.

Gilberto Velho (2003, p.15) tornou-se pioneiro na investigação do seu próprio meio, com isso aprendemos que é importante e crucial o movimento de estranhar o familiar – tarefa nada trivial e, com certeza, nem sempre bem-sucedida (...). Havia uma consciência da dificuldade de desnaturalizar noções, impressões, categorias, classificações que constituíam minha visão de mundo.

Diante do confronto com o teórico passa-se a compreender e a relacionar com as angústias e preocupações acerca da pesquisa a partir do momento que fomos a campo, explorando a estreita relação com o arraial de Santa Teresa e com o contexto religioso que já existiam antes da pesquisa. Deste modo, iniciamos conversas com amigos da igreja que fazem parte dos movimentos e pastorais, sacerdotes conhecidos e desconhecidos, freis carmelitas e frequentadores dos eventos religiosos. A lição de Kuschinir (2003, p.29) é fundamental, “nem sempre aquilo que consideramos a princípio familiar ou exótico revela-se de fato como tal”, e a leitura da pesquisa de campo de Ruth Cardoso intitulado “A aventura antropológica: teoria e pesquisa” (1986, p.27), nos fez pensar na pesquisa de campo levando em conta suas referidas características, todo este arcabouço nos auxiliou a desenhar nossa empreitada no campo.

Geertz (2003) adverte que não se pesquisa cidade, mas em cidade, com isso é necessário não se envolver na participação observante, pois se o pesquisador se volta ou caminha para a militância, prejudica a visão da escrita estudada, neste caso a comunidade tefeense em decorrência do festejo de Santa Teresa D’ávila. O autor pondera que “numa ciência, onde o observador é da mesma natureza que o objeto, o observador, ele mesmo, é uma parte de sua observação”. A transcrição do autor nos conduz a focalizar no objeto de pesquisa que é o festejo/arraial, a partir do trabalho de campo no qual devemos construir uma teia de informantes, narrativas, entrevistas, informações, dados, documentos históricos, literários incluindo obras de Santa Teresa, documentos na biblioteca do seminário, até mesmo informações com sacerdotes na casa paroquial. Os dados foram cotejados com informações bibliográficas, além das disciplinas cursadas no

PPGICH, que nos conduziram por inúmeros caminhos e vertentes, como o entrelaçamento do arraial com o social e cultura local, destacando-se entre esses entrelaçamentos a festa cabocla, e as festas indígenas que remetem ao período da colonização portuguesa e ao período da Vila de Ega, pois esse entrelaçamento constitui um intrigante itinerário cultural que tramitam pelas festas populares do Amazonas.

Tal contexto epistêmico também se voltou para a rota teórica orientada pelos estudos de Maffesoli (1985) em sua obra *A sombra de Dionísio*, já que nossas observações preliminares do fenômeno cultural deram conta de uma série de evidentes elementos poéticos e orgiásticos na sua constituição. Além disso, durante o processo da observação participante, fundamentada nos escritos de Geertz (2003), e seu conceito de *descrição densa*, fez-se de celular, uso de gravador de voz, câmera fotográfica e anotações no diário de campo para registrar as nossas impressões, constituindo-se em instrumentos importantes nessa fase de investigação.

Estas anotações da pesquisa de campo foram cotejadas com outros documentos produzidos pelos participantes da festa de Santa Teresa e pela mídia impressa e digital. A observação e descrição da atividade dos romeiros e demais participantes do Festejo tefeense foram realizadas tendo em vista as três maneiras de apreensão dos fenômenos sociais da pesquisa empírica que, no entendimento de Oliveira (1996, p.31), consiste no olhar, ouvir e escrever, sempre tematizadas e em consonância “com o horizonte que lhe é próprio”.

Podemos mencionar que não buscamos uma forma amplamente completa ou pronta que justifique as atitudes populares no contexto festivo dos eventos denominado de festas de santos ou festejos. Canclini (2008) menciona nas ciências sociais e no pensamento político democrático, a mestiçagem situa-se atualmente na dimensão cultural das combinações identitárias. Na antropologia, nos estudos culturais e nas políticas, a questão é abordada como o projeto de formas de convivência multicultural moderna, embora estejam condicionadas pela mestiçagem biológica.

Durante o processo investigativo da pesquisa de campo, percebe-se que fica uma relação estreita entre a pesquisadora e os entrevistados em decorrência do compartilhamento de ideias e de pensamentos religiosos, ocorrendo então um aprendizado mútuo, onde as trocas de sonhos, projetos e objetivos se desenvolvem numa identidade cultural e social recíproca. Fato este que se tornou bastante interessante durante a investigação, pois tratou-se de dados e informações pessoais, de sujeitos envolvidos e conhecidas no âmbito religioso e o meio social local. Vale mencionar que, apesar de

sermos autorizados a divulgar nomes e imagens das pessoas relacionadas e atreladas a esta pesquisa, optamos por identificá-las por nomes fictícios.

Francisco, 29 anos, servidor público estadual, tefeense, atualmente residindo em Manaus, nos fala de sua relação com o festejo:

Sou devoto de Santa Teresa! Venho! Participo! Desde quando me entendo por gente, a devoção é de família, começou com meu bisavô, veio pra minha avó, minha mãe e comigo, e eu tenho essa... não digo nem como uma obrigação, mas sim como sentido de vida, de vir e está no festejo de Santa Teresa. (Entrevista realizada em pesquisa de campo, 2022).

Percebe-se que toda essa ligação de fé e devoção é repassada de geração em geração, de pai pra filho como se fosse algo de herança que é cultivado com muita importância e significado no seio familiar. Outro ponto importante a destacar é que grande parte dos católicos além de suas devoções são as várias atividades que exercem dentro da igreja, o entrevistado relatou que além de sua devoção com Santa Teresa, também participa de outras manifestações religiosas, em suas palavras:

Sou catequista, sou do Apostolado da Oração, devoto de Nossa Senhora da Conceição em Manaus que é padroeira do estado do Amazonas, também não gosto de faltar na procissão da Imaculada Conceição, sou devoto de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, também vou bastante nas novenas nas terças-feiras e a devoção a São José que tenho, sempre que dá pra ir nas novenas mensais, mas no dia de São José sempre eu vou pro festejo dele (Entrevista, 2022).

No transcorrer de sua entrevista Francisco foi falando como iniciou a devoção a Santa Teresa D'ávila sem deixar de mencionar os milagres e graças que foram alcançados por meio dela, o entrevistado mencionou que:

Meu bisavô teve uma doença muito grave na perna quando morava no São Francisco do Catuá, ele vinha todo ano com os seis, sete filhos, a remo até a cidade de Tefé, chegavam no dia 14, passavam o dia 15 e iam embora dia 16, ele trouxe essa devoção. Quando ele veio morar aqui na sede da cidade já com minha avó que está com setenta e oito anos. Quando ela tinha 14 pra 15 anos teve uma doença que foi desenganada e fizeram uma promessa pra Santa Teresa que se ela ficasse curada, iria se vestir de Santa Teresa no dia 15 de outubro dia devotado a ela (Entrevista, 2022).

Interessante que o nosso colaborador trouxe um dado importante sobre sua avó que foi a primeira devota a pagar promessa vestida igualmente com o hábito¹ de Santa

¹ Veste usada por Santa Teresa D'ávila nas cores marrom e branca, os hábitos mais tradicionais consistem das mesmas peças básicas, a primeira camada consiste em uma túnica lisa, veste sobre a túnica uma touca

Teresa, conforme podemos verificar na imagem abaixo gentilmente cedida pelo entrevistado.

Figura 6 – Imagem da avó do entrevistado aos 15 anos²



Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.

Francisco relatou ainda a cura que sua mãe obteve de uma doença, o entrevistado seguiu a entrevista contando:

minha mãe tinha lúpus! Foi uma conquista muito grande, pois a expectativa de vida da minha mãe era de ter depois que ela descobriu o lúpus ainda mais dez anos de vida, ela teve uma sobrevivência de mais vinte anos, ela sobreviveu até 48 anos, pois a expectativa de vida dela era chegar no máximo à 25. Ela teve um sobressalto de vida muito maior e deve isso a devoção e a fé que ela tinha a Santa Teresa (Entrevista, 2022).

rígida que cobre a cabeça e o pescoço, emoldurando o rosto, veste também um véu não transparente na cabeça.

² Foto do arquivo familiar cedida por Francisco, sua avó vestida com traje idêntica de Santa Teresa, por volta dos anos de 1957 a 1958.

No relato de Francisco fica evidente a religiosidade devocional denominada como devoção familiar, onde uma família ou grupo de pessoas colocam as suas expectativas num determinado santo aqui no caso Santa Teresa D'ávila, onde atribuem a ela a cura e o prolongamento da vida de sua mãe comparada com a estipulada pela medicina.

Durante a entrevista notamos a emoção do senhor Francisco ao rememorar as experiências vividas por seus avós, pais e por ele mesmo em momentos delicados de acometimento por doenças. Desta forma compreende-se o ponto de vista mencionado pelo colaborador em que ele afirma que a devoção é algo familiar, que entrou em sua família e vai se estendendo de geração, de uma forma hereditária, onde pode destacar não somente a herança cultural, mas a herança religiosa existentes a partir dos festejos de santos.

Francisco demonstrou com clareza os motivos pelos quais se considera devoto de Santa Teresa, atribuindo a ela a restauração de sua saúde no momento de internação hospitalar. No mesmo contexto pode-se abstrair dessa narrativa uma percepção básica de como são feitas as promessas e de como as devoções são introduzidas na vida dos fiéis católicos devocionadas aos santos, nota-se ainda que o entrevistado levou dez anos cumprindo uma promessa feita pelo seu pai. Esta é uma prática promesqueira bastante difundida e usada na devoção católica conforme conseguimos constatar na pesquisa de campo, onde um segundo ou terceiro faz um acordo com algum santo para que o agraciado venha a cumprir embora muitas das vezes o indivíduo que irá pagar por essas promessas desconhece o que foi acordado pela pessoa que prometeu e quais seriam os termos ideal para o pagamento dessa promessa.

Outro aspecto desse viés promesheiro e devocional é que as vezes também ocorre que um segundo e um terceiro fazem acordos com santos para eles próprios cumprirem determinado ato em forma de retribuição de uma graça alcançada, onde geralmente o agraciado continua sem saber dos acordos entre o promesheiro e o santo.

Figura 7 – Imagem de ribeirinhos que vem ao festejo de Santa Teresa



Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.

A imagem acima destaca outras pessoas que não residem na sede do município, mas fazem questão de participar da procissão do dia 15 de outubro. Trata-se de talvez outra forma de devoção em que não há tanta participação nas missas, novenas, nem de algum movimento religioso, mas tem em si um interesse particular pela procissão, pela festividade deste dia, pela caminhada nas ruas da cidade, algo muito próprio dessas pessoas que caracteriza o festejo de Santa Teresa.

Dona Maria, uma senhora ribeirinha, agricultora de 51 anos, que mora numa comunidade próxima ao município de Maraã vem participar do Festejo todos os anos com sua família. Ela nos contou que para chegar na cidade de Tefé mais precisamente no período do festejo de Santa Teresa e principalmente no dia da procissão leva cerca de seis a sete horas de viagem em seu pequeno barco de madeira, tipo canoa com rabeta³. Dona Maria ainda se expressou dizendo que tanto ela quanto suas filhas já fizeram promessas voltadas a Santa Teresa e que sempre fazem quando estão doentes, ao apontar pra sua neta de sete anos que estava próxima dona Maria disse: “Essazinha aqui ia morrendo! Não podia comer nada por causa do estômago dela, a mãe dela fez promessa de acompanhá-la nas novenas, a fim de ela vim participar e acompanhar também a procissão e graças a Deus que até hoje ela está bem” (Entrevista, 2022).

³ Pequeno motor de propulsão que, acoplado na traseira de pequenas embarcações ou barcos, é conduzido manualmente, com a ajuda de um bastão que determina as direções.

E são esses habitantes que também se relacionam e estabelecem um convívio de forma direta e indireta dentro da manifestação religiosa a partir do Festejo, influenciados por uma motivação devocional de fé e veneração. São esses elementos que apresentam não só um amor pela cidade de Tefé, mas pela festa popular atraídos pelos encontros e possibilidades que o arraial proporciona. São também detentores dos mais interessantes e curiosos relatos e informações históricas acerca do nosso tema de pesquisa, do cultural e do religioso, são elementos que participam e dão vida ao arraial.

Figura 8 – Ribeirinhos do Lago de Tefé em sua canoa durante a vigência do Festejo



Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.

Não podemos negar que algumas dificuldades se apresentaram no transcorrer da pesquisa de campo, a saber: localizar alguns promesseiros, ambulantes, devotos e fiéis; alguns informantes já faleceram, outros não moram na cidade e quando vem ao festejo passam poucos dias e não se sabe o local exato em que estão morando; realizar entrevistas no momento do festejo seja ela antes, durante, após a celebração da novena, ou no momento festivo do arraial é sempre complicado, pois muitos estão completamente empenhados e ocupados em seus afazeres que desenvolvem durante o evento, sem contar o barulho e a euforia que o festejo causa, impossibilitando, muitas vezes, de ouvir

nitidamente e compreender os participantes da pesquisa. Sendo possível marcar ou remarcar para dias oportunos.

Um relato também importante foi de dona Faustina, tefeense de 74 anos, aposentada, atualmente residente em Manaus; ela informou o valor que a festa de Santa Teresa tem, em especial de unir sua família que: “mesmo morando fora sou devota de Santa Teresa, nós sempre estamos aqui! É uma época que sempre procuramos nos reunir como agora, todos os irmãos, todos os dez irmãos se reúnem para passar a festa” (Entrevista, 2022). Dona Faustina ressaltou que não é devota somente de Santa Teresa, mas também de Nossa Senhora de Nazaré e que já participou do Círio na cidade de Belém, no estado do Pará, onde morou por alguns anos; é devota também de Nossa Senhora Aparecida, onde a qual já esteve na cidade de Aparecida, e participa das procissões na cidade de Manaus. A mesma contou que já participou de vários eventos religiosos porque, segundo ela ser devoto é “você confiar, ter fé na imagem que é a força que nos dá na aflição quando se dobra o joelho e eleva os pensamentos a Santa Teresa, pensamento voltado primeiramente a Deus e depois a ela (Santa Teresa) o que é muito gratificante” (Entrevista, 2022).

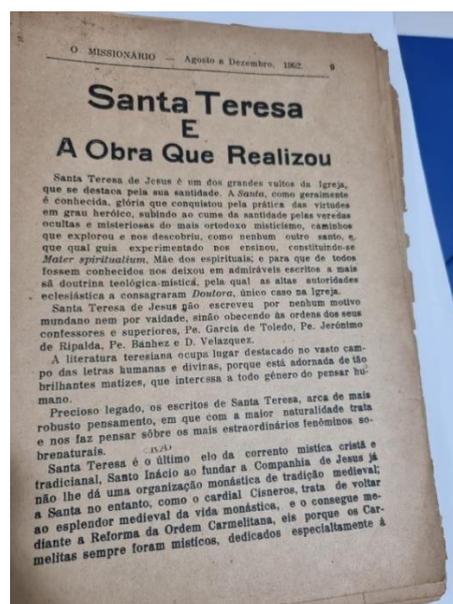
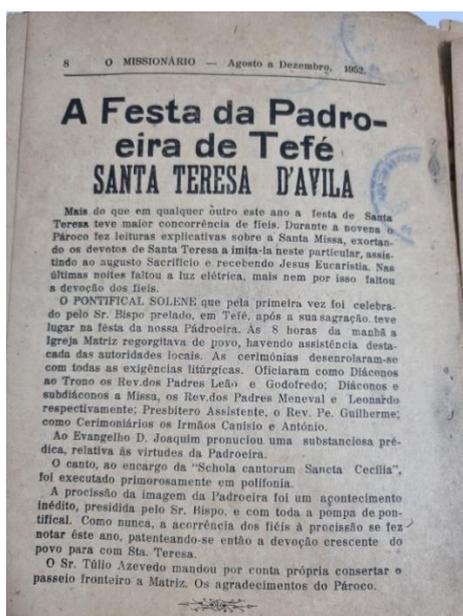
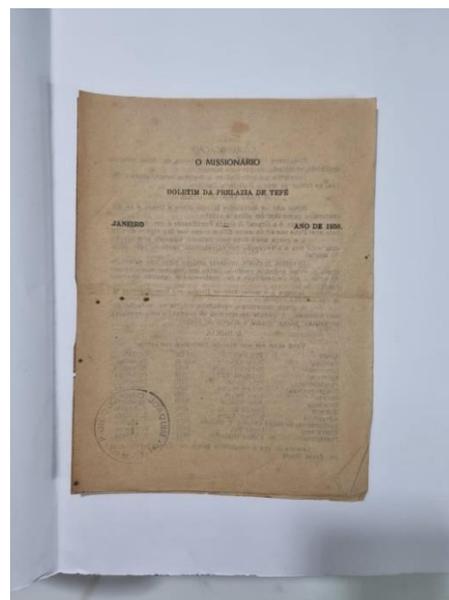
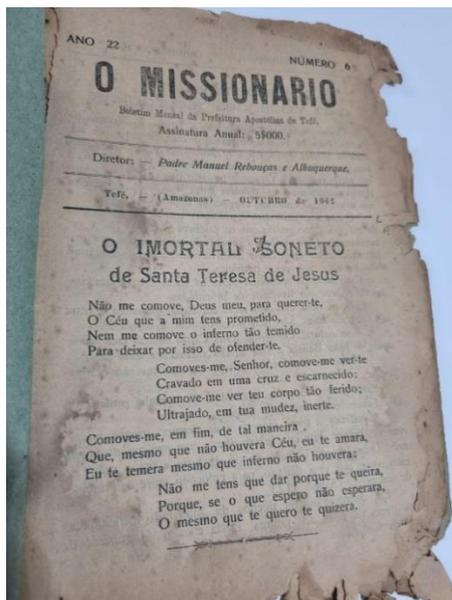
O acesso a textos históricos acerca do Festejo e da história de Santa Teresa D'ávila nos nortearam a notar a presença e ausência de pessoas que contribuíram na construção histórica e religiosa de Tefé, exemplos disto são os sacerdotes espíritanos, carmelitas, escritores e artistas locais. Rita Amaral (1998, p.55), pondera que a festa “vivifica a história uma festa que é a própria história popular, distantes dos livros oficiais”, a autora elucida nosso questionamento e faz-nos trilhar por um caminho onde a festa popular tem sua origem num contexto histórico onde esse contexto histórico por si só pode ser denominado um contexto popular e é essa historicidade vivificada no festejo que se apresenta muitas vezes distinta daquilo que está registrado nas literaturas.

Uma importante fonte para detectarmos as raízes do Festejo da padroeira de Tefé, é a revista “O Missionário”. Segundo a escritora tefeense Raimunda Gil quando indagada sobre a publicação da revista “O missionário”, nos relata:

É sabido de imediato que no dia 11 de julho de 1920, Monsenhor Barrat, transferiu sua residência da missão para a cidade de Tefé e lá instalou a tipografia, a gráfica, que foi doada pelo bispo de Manaus Dom Irineu Joffily para que fosse impressa à revista bimensal “O Missionário”, expandindo ideal sacerdotal e os papéis oficiais e registro da prefeitura apostólica. Na tipografia trabalharam: o irmão Rafael e o padre Albuquerque. (Entrevista realizada em 2023).

Percebe-se que a criação da revista “O missionário” na cidade de Tefé foi de suma importância para este município, pois criava-se uma grande fonte de informações e registros literários dos acontecimentos, eventos e fatos históricos do século XX que incidiam dentro, fora e aos redores da cidade do Médio Solimões, com ideias claras e expressas de se destacar as ideias sacerdotais e as difundidas pela Prefeitura Apostólica tefeense.

Figura 09 – Revista “O Missionário”



Fonte: Pesquisa de Campo, 2023.

Na revista “O Missionário”, em sua edição de outubro de 1936, página 67, lê-se o seguinte: “Quando em 1689, o padre Fritz fundou a Missão de Tefé, consagrou-a imediatamente a Santa Tereza, e em 1759 foi criada a Paróquia de Tefé, também sob a tutela de Santa Tereza. A devoção a esta santa vai crescendo cada vez mais no Povo de Tefé, o que se nota perfeitamente, todos os anos, durante os festejos de outubro”.

Na edição dessa revista denominada “O Missionário” na qual seus idealizadores reservam uma matéria destinada ao arraial, pode-se concluir que se tratava de um evento ainda em crescimento tanto em notoriedade quanto em contingente devocional.

Ainda na revista “O Missionário” na edição de outubro, a respeito de Santa Teresa de Jesus, como também é conhecida Santa Teresa D’ávila diz:

A gloriosa padroeira de TEFÉ, nasceu em Ávila, cidade de Castella-a-Velha, na Espanha, no dia 28 de março de 1515 e era a menor das três filhas que tiveram Affonso Sanchez de Cepeda e dona Beatriz de Ahumada, ambos descendentes de famílias nobre, e que com maior nobreza ainda, souberam educar os filhos. Tereza era de inteligência muito viva e de caráter muito esperto, razão pela qual seus pais empregaram mais cuidados com ela do que com os outros filhos. Desde muito cedo, Tereza aprendeu a ler e, como eram sempre seguros os seus livros lhe colocavam nas mãos, Tereza bebeu desde muito cedo as melhores inspirações para a virtude. Edificada com a leitura da vida dos Mártires, quis também ela ser mártir e fugiu um dia com seu irmão Rodrigo, com destino a terra dos Mouros, para morrerem por Jesus Cristo e só não executaram os dois irmãos o seu piedoso designo porque um Tio que os encontrou, levou-os para a casa. Resolveram então os dois irmãos fazer-se eremitas, e para isso levantaram no jardim duas pequenas celas, aonde iam rezar e fazer penitência várias vezes ao dia. Foi com artimanhas destas que Tereza bebeu desde a infância um grande amor a Jesus Cristo e a Maria Santíssima. Aos doze anos perdeu a sua mãe e sentindo imensamente essa perda, atirou-se aos pés de uma imagem de Nossa Senhora, exclamando: - Agora que já não tenho mãe na terra, sede vós, ó Maria, a minha Mãe. Pouco a pouco, Tereza foi esfriando no fervor, e o gosto que tinha pelas boas leituras foi passando para o gosto das leituras romanescas e perigosas, que a tornaram vaidosa e desejosa de se mostrar, o que aliás não lhe era difícil, porque Tereza era muito formosa, simpática e inteligente. Aos quatorze anos apaixonou-se por um primo, e essa afeição ia pondo em perigo a inocência de sua alma. Prevendo as consequências dessa amizade, os pais internaram-na em um Convento e aí, dentro de oito dias, estava ela completamente transformada, e desgostosa de todas as vaidades do mundo. Conta-se mesmo que Nosso Senhor lhe apareceu em tom de repreensão, dizendo-lhe: “É tempo, minha filha, de te decidires: ou eu ou ele”. Desde então a piedosa, e mais ainda generosa Tereza jurou fidelidade eterna a seu esposo Jesus, e o decorrer dos anos, que foram muitos, mostrou que ela foi sempre fiel, a ponto de ser muito difícil resumir em um artigo de Revista a grande operosidade e fecundidade da vida desta Santa. Retirou-se para uma aldeia onde vivia uma irmã sua, tomou bons conselhos, readquiriu o gosto pelas boas leituras, e aos dois dias de novembro de 1533 entrou num Convento de Carmelitas em Ávila. Tinha dezoito anos de idade. Jejuns, cilícios e disciplinas, e sobretudo a exata observância, tudo ela o aceitou com generosidade e amor, crescendo cada dia no caminho da santidade. Já nesse tempo começou a ser favorecida por Nosso Senhor com muitas visões e colóquios espirituais. Durante bastante tempo esteve gravemente doente, e os remédios que tomava serviam apenas para mais lhe arruinar a saúde. Curada

finalmente por intercessão de São José, Tereza relaxou-se um pouco na prática de seus deveres claustrais, mas a morte de seu Pai, a quem muito queria, veio chamá-la novamente ao dever, não obstante todas as lutas que teve, quer consigo própria, quer no Convento com as suas Irmãs, quer mesmo com gente de fora. Guiada por excelentes confessores, entre outros, por São Francisco de Borgia, São Pedro de Alcântara e São João da Cruz, empreendeu reformar o Carmelo, cuja disciplina estava muito relaxada, e, abençoada por Deus e pelos Papas, alcançou o que tanto desejava, não obstante as grandes oposições que lhe fizeram Bispos, Nobres e seus próprios Irmãos de Hábito. Em menos de 12 anos, Santa Tereza fundou Conventos em Medina del Campo, Valladolid, Toledo, Salamanca, Alba, Segovia, Sevilha, Palencia, Soria, Burgos e Granada. Santa Tereza não reformou apenas as Religiosas, mas também os Religiosos da Ordem do Carmo, e não retrocedido diante da grande empresa de reformar uma mulher um Instituto de homens. Deus a ajudou, porém, e tudo ela conseguiu finalmente, e ainda encontrou tempo para escrever livros maravilhosos como são por exemplo: O Caminho da Perfeição, O Castelo da Alma, O Tratada da Perfeição, Pensamento do Amor de Deus sobre o Cântico dos Cânticos e vários outros. Santa Tereza era também uma excelente poetisa, e os seus versos estão traduzidos no Brasil sob o título de CANTARES, pelo exímio poeta Teresiano Durval Moraes, que escreveu ainda um primoroso drama místico intitulado ROSAS DO SILÊNCIO, em honra da Santa. Dificilmente se encontrará poesia superior a essa de Durval de Moraes, celebrando a vida da Santa. Coroada de méritos e bênçãos morreu Santa Tereza no dia 4 de outubro de 1582, às 9 horas da noite, na cidade de Alba de Tormes. Com a mudança do calendário do Juliano para o Gregoriano, a morte de Santa Tereza calhou no dia 15 de outubro, que é hoje o dia de sua festa. No mesmo instante em que expirou, espalhou-se pela cela um perfume suavíssimo que se propagou por todo o Convento. No dia seguinte foi enterrada. Um ano depois abriu-se a sepultura; o caixão estava feito em pedaços, por ter apodrecido, mas o seu corpo estava intacto, e tão fresco e tão flexível, como se estivesse vivo, e exalava também um delicioso perfume. Foi beatificada em 1614, pelo santo Padre Paulo V, e solenemente canonizada em 1622, por Gregório XV. (REVISTA “O MISSIONÁRIO”, 1936, p. 65)

A revista “O Missionário” também faz uma alusão à postura de Teresa a sua personalidade e os seus desafios encontrados na ordem carmelita por ser uma mulher em meios a uma majoritária masculina, ficando evidente um machismo religioso. Diante do exposto mencionado pela revista pode-se notar que a reforma do Carmelo não se tratou unicamente das estruturas físicas dos mosteiros, mas de uma reforma ética, religiosa e pessoal da conduta espirituais dos monges e monjas carmelitas, cuja reforma é considerada a mais proeminente, pois homens religiosos já haviam tentado elaborar uma reforma no Carmelo, por isso registra-se que num ambiente dominado pelo machismo religioso uma mulher simples e humilde conseguiu aquilo que a anos desejavam.

Assim Canclini (1995, p.70-71) discute os processos de hibridações da cultura, em que a cultura urbana seria aquela que preside a realização do projeto emancipador, expansivo, renovador e democratizador da América Latina, cujos países são, hoje, um produto da sedimentação das tradições culturais e linguísticas de grupos autóctones, bem como da sua justaposição e entrecruzamento com as tradições dos setores políticos, educacionais e religiosos de origem ibérica.

A citação de Canclini (1995) ilumina a nossa compreensão acerca da cultura contemporânea, histórica e popular como sendo mergulhada num processo em constante transformação, que tece hibridismos. Tais processos envolvem ainda socialização dos costumes, tradições e religiosidade inerentes aos povos em que houve anteriormente um entrelaçamento ou transposição de tais costumes oriundos de outros povos. É inegável que a manifestação popular religiosa de Santa Teresa em Tefé sofreu grande influência da religiosidade portuguesa introduzida na região Amazônica desde o período colonial. Braga (2007, p. 66) enfatiza que devemos “considerar que a igreja católica tomou parte na colonização europeia portuguesa da Amazônia”.

Embora com forte tradição portuguesa, a religiosidade popular tefeense possui diversos elementos indígenas, caboclos e até afros em sua composição, eis porque o conceito de culturas híbridas pode dialogar em nosso estudo com a cultura amazônica, pois segundo Loureiro (2001, p.65) existem dois espaços distintos e com características peculiares, onde esses espaços são denominados de espaço urbano e espaço rural. Ambos se apresentam em decorrência do desenvolvimento regional.

De fato, os festejos amazônicos, como é o caso da padroeira dos tefeenses, ocorrem dentro de um universo prático e imaginativo, em que os cultos, celebrações e cerimônias só fazem sentido realmente para aqueles que vivem esses eventos desde muito antes de qualquer indagação ou inquietação pessoal e dele fazem parte na sua configuração construtiva. Daí a importância de Malinowski (1976, p. 18) ao indicar a necessidade de apresentarmos com clareza os fundamentos do trabalho pesquisado e do pesquisador, assim como a seriedade na exposição dos dados coletados, em seus termos: “é necessário a apresentação desses dados para que os leitores possam avaliar com precisão, num passar de olhos, quão familiarizado está o autor com os fatos que descreve e sob que condições obteve as informações dos nativos”, assim ele também instiga o pesquisador a apresentação das experiências concretas que o levaram as suas conclusões.

1.3 Novenário e procissão

Ao tratarmos de festa religiosa é comum nos depararmos com os termos novenário e procissão que são bastante usados nas festas de arraiais devotadas aos santos no interior da Amazônia. A palavra novena é originada do latim *novena*, sendo uma palavra substantiva feminino de *novēnus* que é em número de nove. Teve sua origem na tradição católica, mas pode ser encontrada também em outras religiões ou crenças. Na acepção dos devotos é normalmente realizada como uma manifestação de devoção a Deus

Todo-Poderoso (Pai, Filho e Espírito Santo), ou à Santíssima Virgem Maria, ou aos Anjos e Santos.

Em 2021, ainda sob o impacto profundo da pandemia de COVID-19, o Festejo de Santa Teresa iniciou-se com as reuniões de preparação em torno de cinco meses antes do evento, mais precisamente nas primeiras segundas-feiras de cada mês. O aviso em relação ao dia, horário e local da reunião foi realizado pelo padre da paróquia, Pedro Schewior, ao final da celebração da missa na hora dos avisos. As reuniões de preparação do Festejo da padroeira foram informadas ao público em geral, pois todos são convidados a participarem e analisarem o que será decidido ou realizado durante os dez dias que incluirão novenas seguidas de festejo e procissão.

Na reunião de preparação foram decididas as pautas relacionadas às atrações diversas do evento como as bandas de músicas, apresentações de danças e quadrilhas, bem como vendas de barracas, leilões, bingos, confecções das camisas, cartazes, panfletos, compras de fogos de artifícios, compra de jogos de mesas com cadeiras, desfile das bonecas vivas. Tal roteiro foi transmitido pelos meios de comunicação através da Rádio Rural de Tefé e Facebook da Paróquia, tanto pela manhã quanto a noite.

Ofícios foram enviados às instituições e autoridades como polícia militar, bombeiro, guarda municipal e guarda de trânsito, neste processo cada membro da equipe foi responsável em ajustar as atividades e cronogramas que foram desenvolvidos no decorrer das dez noites festivas, sendo que do dia 06 a 14 de outubro são realizados os novenários e no dia 15 o grande dia da missa e procissão.

Não deixando de mencionar também que ao término dos novenários e ao final da procissão, na praça da Matriz de Santa Teresa ocorre o arraial com: bingos, leilões, vendas de comidas e bebidas típicas da região, encontro de amigos e familiares. Essas reuniões de preparação para o Festejo de Santa Teresa são realizadas em uma das salas da casa paroquial, que fica situada no centro da cidade, geralmente no horário das 19 horas, além da reunião ser aberta ao público em geral, faz-se presente também o conselho pastoral da paróquia que faz parte da comissão do festejo de Santa Teresa. Assim, em cada reunião a equipe ou pessoa responsável por cada atividade, prestam contas do que realizaram e do que faltam exercer para que o Festejo seja realizado com êxito.

Júnior e Mendes (2007, p. 2), quando abordam o termo novena, explicam que “o nome novenas advém do fato da referida manifestação religiosa se realizar numa sequência de nove dias, que podem ou não ser acompanhados por festejos”, em suma, trata-se de uma prática religiosa do catolicismo popular, pois se diferencia de um

catolicismo institucional e pragmático que se volta unicamente para padres e freiras. Nesse catolicismo popular em que se assenta o novenário de Santa Teresa inclui-se as pessoas comuns como devotos, visitantes,romeiros que viajam de longe para aqui se encontrar com sua padroeira.

Por esse motivo podemos pensar que o novenário na catedral da matriz de Santa Teresa é uma espécie de culto realizado durante as nove noites no âmbito da igreja juntamente com as celebrações das missas, homilias, ladainhas e um histórico contado a partir de um tema por um Frei Carmelita da ordem do Carmelo. Esse evento geralmente dura entre uma hora e meia a duas horas, tendo como participantes principalmente a comunidade católica tefeense, visitantes, convidados e o clero ao redor da imagem (estátua) de Santa Teresa D'ávila. Vale destacar que este novenário precede as festividades públicas do Festejo na área da praça e ruas adjacentes da igreja.

Padre Pedro Schewior, polonês, 59 anos de idade, atual pároco da matriz de Santa Teresa atuando em Tefé como sacerdote há mais de 15 anos, nos informou que todo ano para o novenário de Santa Teresa é escolhido um tema e um lema a serem ministrados pelos Freis Carmelitas durante as noites de novena, os freis se deslocam da cidade de Recife (PE) para contribuir e engrandecerem os ensinamentos da vida carmelita segundo a vida no Carmelo.

Figura 10 – Imagem do novenário na catedral de Santa Teresa/2021



Fonte: Pesquisa de Campo, 2021.

Para a escolha do tema do novenário de Santa Teresa, segundo padre Pedro nos explicou que ocorre a depender do ano em que a igreja católica celebra, por exemplo no

ano de 2021, por ser um ano jubilar de São José, o tema foi “Santa Teresa exclama: Ide a São José”, e como lema: “Eis o servo fiel e prudente a quem o Senhor confiou a sua casa”, o lema foi tirado da passagem bíblica do evangelho de Lucas capítulo doze e versículo quarenta e dois.

Com isso podemos destacar alguns pontos que ocasionaram certas discussões nesta pesquisa como os temas propostos pela igreja e as configurações do arraial que partem do grupo responsável pela comissão do Festejo. Desse modo o arraial será apresentado a partir de uma perspectiva discutida previamente nas reuniões e do ponto de vista dos grupos de preparação do arraial.

Figura 11 – Panfleto do convite e tema do Festejo de Santa Teresa/2021



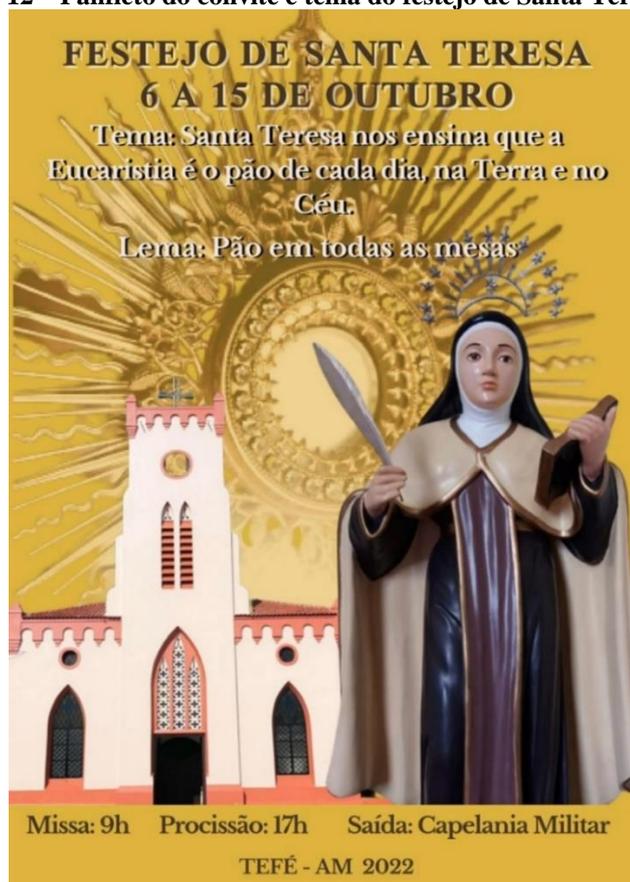
Fonte: Pesquisa de Campo, 2021.

Em 2022 o tema do Festejo foi relacionado com a eucaristia, devido ao Congresso Eucarístico que ocorreu em Recife, tendo como tema: “Santa Teresa nos ensina que a Eucaristia é o pão de cada dia na Terra e no Céu”. E, o lema escolhido foi “Pão em todas as mesas”. No entendimento dos realizadores do Festejo este tema deixa um legado de ajuda concreta às pessoas mais necessitadas, conforme a própria padroeira

menciona em seus escritos no livro *Caminho de Perfeição* “não há melhor meio para se chegar à perfeição do que a eucaristia. Não percamos tão boa ocasião para negociar com Deus. Ele não costuma pagar mal a hospedagem.” (Santa Teresa de Jesus, 1977 p. 206).

Assim, Santa Teresa revela e expressa uma íntima relação com o eucarístico, a qual afirma diversas vezes que a eucaristia é um caminho a ser seguido na busca pela perfeição religiosa.

Figura 12 – Panfleto do convite e tema do festejo de Santa Teresa/2022

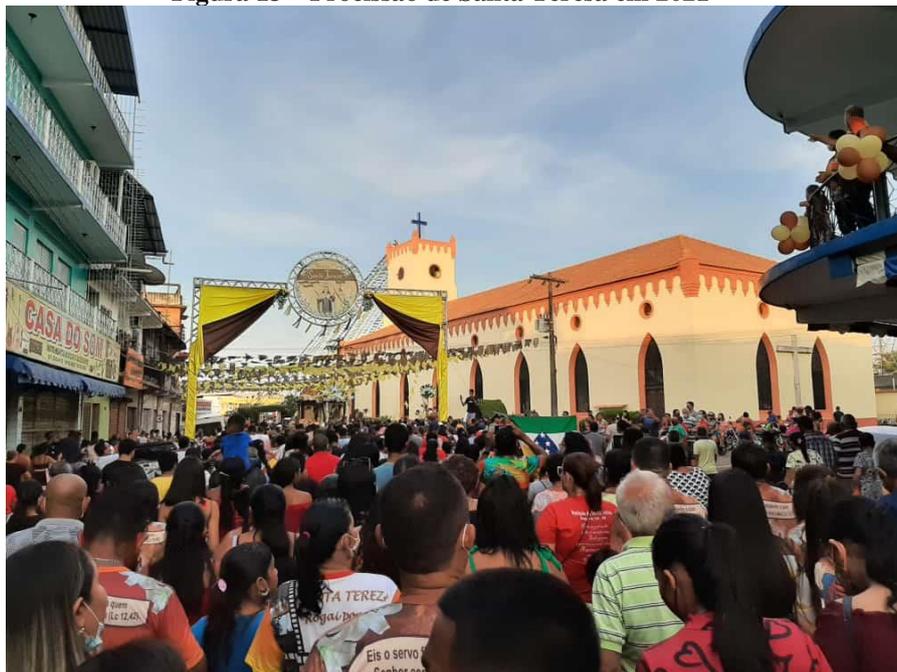


Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.

Em relação à procissão, trata-se de um evento religioso público geralmente ocorrido após o novenário, no dia 15 de outubro, último dia dos Festejos. Podemos dizer que a procissão é concebida como o ápice da fé num ato público devotada a padroeira em uma espécie de espetáculo público que ocorre ao som de orações e cantos pelas ruas da cidade. Perez (2010, p. 3) diz que “procissão (provém de *procedere*, ‘para ir adiante’, ‘avançar’, ‘caminhar’), é um corpo organizado de pessoas caminhando de uma maneira formal ou cerimonial. Muitas vezes acontece sob forma de um cortejo religioso realizado

em marcha solene normalmente pelas ruas de uma localidade, carregando imagens e entoando orações ou cânticos. Este ritual, segundo a crença das pessoas envolvidas com o evento, torna os devotos pessoas e os locais abençoados. Historicamente as procissões precedem as práticas cristãs, talvez inclusive sendo oriundas de cultos pagãos, por exemplo as procissões dedicadas às divindades gregas.

Figura 13 – Procissão de Santa Teresa em 2021



Fonte: Pesquisa de Campo, 2021.

O novenário e a procissão podem ser considerados etapas distintas, mas ao mesmo tempo entrelaçadas no contexto do Festejo, pois são etapas consideradas sagradas do festejo/arraial da padroeira de Tefé desde a antiga Vila de Ega, onde esse arraial se desenvolvia a partir de uma importante manifestação das práticas sociais e das relações pessoais na comunidade urbana e rural. A respeito disso Rita Amaral diz:

Desde o princípio da colonização brasileira as festas serviram como “modo de ação”, seja para catequisar índios, seja para tornar suportáveis, aos portugueses e demais estrangeiros, as agruras da experiência do enfrentamento de uma natureza desconhecida e selvagem, com povo, clima, plantas e animais estranhos. Ela foi importante mediação simbólica, constituindo uma linguagem em que diferentes povos podiam se comunicar. Sendo sínteses das mediações, especialmente entre natureza e cultura, foi ela um dos elementos facilitadores do transplante de um modelo social europeu para terras tropicais até quase os últimos tempos do período colonial, quando a Igreja Católica imperava politicamente e as procissões e festas de santos eram praticamente intermináveis. (AMARAL, 1998 p. 58)

A partir de Rita Amaral é possível termos uma dimensão da grandeza política e social que um evento religioso pode representar e significar nas práticas sociais e populares, pois ela consegue relacionar em um único ambiente, classes, pessoas de diferentes culturas e costumes.

Loureiro (2015 p. 78) escreve que a cultura está mergulhada num ambiente onde predomina a transmissão oralizada. Ela reflete de forma predominante a relação do homem com a natureza e se preserva imersa numa atmosfera em que o imaginário privilegia o sentido estético dessa realidade, o que nos ajuda a ter uma compreensão das relações culturais e as tradições das festas religiosas que embora apresente algo que se assemelhe ao profano constitui em si a contextualização do sagrado que por sua vez acaba sendo fundamental na composição da religiosidade popular tefeense.

Do ponto de vista histórico tais eventos constam nos relatos de viajantes, como o do naturalista Henry Bates que descreve os acontecimentos importantes envolvidos na Vila de Ega durante a sua passagem pelo lugar.

Fiz de Ega meu quartel-general durante todo o tempo que me demorei no Alto Amazonas (quatro anos e meio) ... Entre uma e outra levava vida quieta e sem novidades nesse povoado, prosseguindo em minha tarefa de maneira tão regular e tranquila como o poderia fazer um naturalista em qualquer aldeia da Europa (BATES, 1944, p. 172-173).

De acordo com a obra do naturalista inglês intitulada: *Um naturalista no rio Amazonas* dos onze anos que permaneceu no Brasil quatro anos e meio foram na Vila de Ega cidade de Tefé, chegando na pequena vila por volta de 01 de maio de 1850 à 1854 aproximadamente, o qual a sua estadia nesse vilarejo contribui na construção da sua pesquisa o qual da grande contribuição a Entomologia aceita até os dias atuais como a evolução natural das asas das borboletas.

O naturalista percebeu os hábitos festivos do povo, praticamente tudo era motivo para celebrar e festejar, independente se eram dias santos, tudo motivava festa como: funerais, batizados, bodas, casamentos, chegada de estranhos e o velório, todos estes estavam entre os acontecimentos celebrados. Esses escritos demonstram elementos de continuidade festiva que na Vila de Ega já se desenvolviam enquanto caráter que podemos chamar ou se assemelhar aos festejos celebrados hoje com data e mês do calendário da cidade, destacando característica festeira do povo da Vila de Ega na época da descrição do cronista.

Isso nos leva a refletir que denominadas festas de santos foram introduzidas na vida indígena a partir das observações feitas pelo clero católico, tendo em vista a alma festiva que caracterizavam os povos indígenas da região. Por outro lado, na perspectiva indígena, o aceite das novas festividades pelos indígenas seria uma forma de resistência a imposição da cultura religiosa.

Bates (1944) afirma que “os nativos encontravam qualquer pretexto para fazer da noite um dia. São capazes de ficar sentados na frente das casas por horas intermináveis conversando e contando histórias”. A partir dessa citação podemos abstrair que o imaginário popular e suas formas oralizadas do ser social já tinha o seu espaço no convívio cultural da Vila de Ega, que de alguma forma tiveram elementos de permanência como costumes e modos.

É preciso destacar que nesta época a Vila de Ega já tinha como padroeira a santa espanhola das ordens dos Carmelitas Teresa D’Ávila, que permanece até os dias atuais, com seus novenários, ladainhas, festas e arraial que duram dez dias. Durante estes dias de festas aconteciam encontros e desencontros de pessoas advindas de lugares diferentes, outras localidades, ribeirinhos que remavam dias para pagar promessas, um cenário muito parecido com aquele que estudamos, a comunidade se envolvia numa espécie de sacralidade devocional que nunca esteve separada da ludicidade dos jogos de azar, vendas de bebidas alcólicas, músicas seculares, parque de diversão ao som dos fogos de artifícios que clareavam e iluminavam o céu da cidade.

Quando levamos em consideração esses dados percebe-se que o Festejo da padroeira apresenta uma espécie de acúmulo de experiências e costumes repassados ao longo de gerações, associando assim esse conhecimento ao espaço rural, ou, por assim dizer, a uma cultura ribeirinha que vive a relação homem-natureza às margens dos rios. Este evento se apresenta refletido num envolvimento das manifestações culturais urbanas, congregando o imaginário popular e religioso, assim como continuidades e rupturas que constituem um corpo estético que dá sentido e certifica a realidade da cultura.

Sabendo que a teoria da cultura foi gradualmente desenvolvida através das mudanças que ocorreram por meio do ser social e de suas inter-relações em grupos ou atividades humanas que eram tidas como sinônimo de civilização, os estudiosos, mais precisamente os antropólogos, passaram a abordar a cultura como objeto de análise científica a partir do século XIX, em que foram desenvolvendo teorias relacionadas a esse processo dinâmico cultural. Partindo desse pressuposto a teoria da cultura é uma ramificação da antropologia, nesta perspectiva o homem é detentor e criador cultural

interessado pelas ideias, pelas manifestações artísticas apresentado através das técnicas e normas comportamentais de cada indivíduo, de cada comunidade social em que está inserido, estando inerentemente relacionado as ciências sociais e atividades desenvolvidas por si mesmo.

São de fato evidências das transformações sofridas e das mudanças das práticas sociais e religiosas das populações da Amazônia profunda. Essas influências também foram sofridas em decorrência do tempo e da historicidade religiosa e cultural que habita na poética da fé, a qual funciona como um meio influenciador e influenciável para as pessoas que compõem a nossa pesquisa, participantes da novena e procissão, vendedores ambulantes, pessoas comuns, pagadores de promessas.

No dia 15 de outubro, dia da padroeira e último dia de festa do arraial, a celebração em honra a Santa Teresa começa pela manhã com missa solene em honra a santa. E, assim como todas as noites de novena, neste dia a igreja também é tomada por uma multidão de fiéis que, para conseguirem lugar e espaço nos bancos e fileiras para permanecerem dentro da igreja, os fiéis, devotos, convidados e promesseiros chegam até duas horas antes de começar a celebração, onde muitos por não conseguirem lugares permanecem nas laterais, ao fundo e na entrada da igreja em pé até o término.

Nesta missa, após os avisos, a equipe de celebração tece homenagens alusivas ao dia do professor, em seguida vem o canto final tradicional que é o Hino de Santa Teresa. Ao final da celebração, o povo sai em carreata com a imagem de Santa Teresa D'ávila por toda a cidade de Tefé, imagem esta que para muitos abençoa os bairros, as ruas, as casas e as pessoas por onde passa, a imagem é levada em caminhão enfeitado com flores e bandeirinhas coloridas, com som de alto falante e músicas religiosas que homenageiam a padroeira da cidade, despertando nos fieis a admiração e alegria por viverem esse momento. Neste dia boa parte da cidade permanece e se encontra enfeitada para o momento da carreata e procissão que acontece no período da tarde mais precisamente às 17 horas.

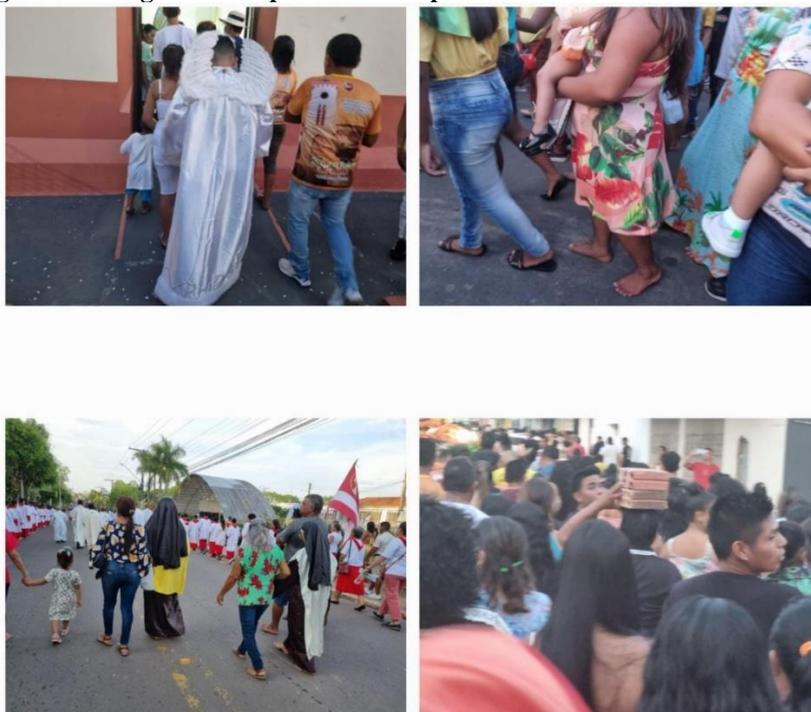
No início da procissão, uma das igrejas católicas pertencentes a uma das paróquias do município de Tefé, é escolhida para dar início ao trajeto do cortejo que tem o seu destino final a matriz de Santa Teresa. No ano de 2021 a procissão saiu da igreja de São José que fica localizada no bairro de Juruá, no ano de 2002 a procissão saiu da Capelania Militar, situada na Estrada do Aeroporto.

Tendo como embasamento o período que estive em campo para a realização da pesquisa observei várias pessoas que sobre o manto da devoção religiosa católica

aglomeram-se enchendo as vias da cidade quase esbarrando umas nas outras, todos geralmente com roupas leves e calçados apropriados devido ao grande percurso da caminhada, uns levam sua própria água e outros a recebem durante a caminhada em pontos estratégicos distribuídas por empresários de distribuidoras de bebidas e por gentes simples e comuns que veem nesses gestos um ato de pagar suas devidas promessas.

Outro modo verificado é que muitos promesseiros optam por pagar suas promessas vestidos com hábitos que remetem a um santo ou a anjos, outros prometem fazer o trajeto da procissão descalços ou carregando tijolos sobre a cabeça. É observado também que muitos dos que se aglomeram nas procissões, apenas aproveitam desse ritual cristão católico para uma simples caminhada como distração para trocas de conversas aleatórias e observação de trajés e de pessoas que lá estão, poucos se interessam pelos hinos e orações que são proferidas durante o trajeto da procissão, sendo assim um participante atípico que está apenas com o intuito de ver e ser visto.

Figura 14 – Pagadores de promessas na procissão de Santa Teresa em 2022



Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.

No panorama acima mostrado, podemos observar diferentes elementos de uma devoção popular voltada para o momento da procissão em devoção a Santa Teresa

D'ávila em Tefé, como podemos justificar através do relato da entrevistada Catarina, 38 anos, servidora pública, que contou o seguinte:

Sou mãe de dois meninos! Quando nasceu meu primeiro filho eu tinha vinte e dois anos e estava finalizando a graduação do curso de Letras na Universidade do Estado do Amazonas e devido as muitas horas sentada dentro e fora da sala de aula para a realização de trabalhos da universidade, meu bebê ficou mal posicionado dentro da minha barriga e desenvolveu uma deficiência nos dois pezinhos ficando eles tortos congênito conforme diagnóstico médico. E segundo o médico pediatra ortopedista informou que foi devido à má posição dele no meu ventre, pois era para mim ficar mais em repouso, segundo o médico mais deitada do que sentada. E devido essa deficiência na perninha do meu bebê ele teve atraso em dar os primeiros passos, já passava do seu primeiro ano de idade e ele ainda não tinha andado. Numa bela tarde do dia 15 de outubro dia da padroeira da nossa cidade a imagem de Santa Teresa passou em frente da minha casa num andor em meio a procissão, senti no meu coração que deveria pedir algo a ela, pois nunca tinha feito nenhum pedido a nenhum santo. Então voltei meu olhar no rosto de Santa Teresa e fiz o seguinte pedido que na verdade foi uma promessa, disse: Santa Teresa ajuda meu filho a andar! Se ele andar vestirei ele de anjo na próxima procissão em honra a Ti. Passaram-se dois meses, era à noite, quando estava sentada com meu esposo na sala da nossa casa, quando vimos uma sombra passar correndo, e na verdade era meu filho que começou a andar naquele momento, e o mais impressionante é que os seus primeiros passos não foram andando e sim correndo. (risos, felicidade). E em relação aos dois pezinhos do meu filho ficaram normais após ele passar por duas cirurgias ortopédicas e hoje ele tem os dois pés perfeitos graças à Deus e a intercessão de Santa Teresa que também cuidou dessa necessidade em relação a cirurgia (Entrevista realizada em 2022).

Na entrevista acima é possível identificar um caso bem típico (porque há inúmeros relatos dentro dessa prática religiosa) de graça atribuída à padroeira local, a partir dessa narrativa também pode-se elaborar inúmeras análises acerca da expressiva devoção religiosa, onde a medicina atua apenas com auxílio a devoção popular, o mérito aqui na entrevista sempre será devido a intercessão divina do santo ao qual ele fez um acordo ou por assim dizer uma promessa. Verifica-se também que há uma estreita relação de troca, em dar e receber, pois o prometido só é pago mediante a graça alcançada.

Em suma, o novenário e a procissão nos conduziram pelo fervor da crença da de boa parte da sociedade tefeense, mas não somente, pois também trata das tensões, do jogo de poder que permeiam esta manifestação popular, e à medida que buscávamos compreendê-las mais densamente somos envolvidos numa simplicidade singular, em que o olhar científico e poético a respeito da fé e do catolicismo popular nos fazem refletir sobre as outras dimensões deste evento, como seus processos de hibridações.

CAPÍTULO II

HIBRIDISMO E SOCIABILIDADE NO CULTO AOS SANTOS

2.1 Culto aos santos no Brasil

Na obra do filósofo argentino Canclini (2008) vemos o desenho do conceito de hibridização que foi elaborado para ilustrar o processo de mudanças que vêm ocorrendo e se instalando na América Latina desde o início do século XX. Tal postulado se apresenta a partir da mistura de dois elementos culturais diferentes que formam algo novo ou diferente. Vale a pena ressaltar que o conceito de hibridização apresentado pelo autor se distingue de miscigenação e sincretismo, pois, para o filósofo, esses dois últimos conceitos partem de uma interação, ou até mesmo de um intercâmbio cultural, já o hibridismo concebe algo novo (diferente) que se constrói ou que se está sendo construído.

Para Canclini (2008, p.09), “os poucos fragmentos escritos de uma história das hibridações puseram em evidências a produtividade e o poder inovador de muitas misturas interculturais”. Logo o hibridismo e a sociabilidade são construídos das relações das culturas latinas e europeias por meios dos avanços econômicos e tecnológicos. Essa hibridização incide diretamente não só na parte social e cultural, mas também naquilo que aqui iremos abordar como, o culto aos santos no Brasil.

A devoção aos santos é uma das mais antigas e populares manifestações da religiosidade brasileira, segundo Tavares (2022, p.02), em sua obra *Santos Cosme e Damião caminhos de uma devoção* trata-se de uma das marcas principais do catolicismo popular brasileiro é a devoção que os seus fieis têm aos seus santos, devoção esta que denota um ardor de afeição as coisas de Deus, por outro lado, pelo termo devoções (no plural), ou devoções populares, entendem-se comumente práticas exteriores de piedade pelas quais a devoção do fiel encontra vida e expressão.

Quando pensamos nos termos hibridismo e sociabilidade, é possível relacioná-los enquanto prática híbrida paradigmática no culto aos santos no Brasil, posto que norteiam a apresentação milenar dos moldes destes cultos presentes no catolicismo brasileiro como também servem de uma tradução das memórias e vivências, ajustadas a realidades dos devotos. Burke (2003, p. 31) diz que devemos ver as formas híbridas como o resultado de encontros múltiplos e não como resultado de um único encontro, quer encontro sucessivos adicionem novos elementos à mistura, quer reforcem os antigos elementos. Com isso, nota-se que as expressões sociais do culto religioso aos santos no Brasil são de

um outro aspecto das vivências sociais relacionadas às práticas e tradições de um determinado grupo com devoções e comportamentos peculiares que vão além das crenças; obviamente, se construíram e se constroem através dos múltiplos encontros que a cultura religiosa manifestada através das crenças católica e a interrelação com a maneira cultural que a sociedade pensa e constrói a manifestação religiosa.

É através dessa prática cultural que marca a cultura amazônica, que dona Fátima, professora, 48 anos, participante ativa desde sua adolescência da comunidade de São José – Paróquia de Bom Jesus, entende sobre sua vivência e prática religiosa dentro da igreja. Para ela “além de sua devoção à São José que é o santo padroeiro de sua comunidade é devota também de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Bom Jesus e Nossa Senhora Imaculada Conceição, e participa dos festejos desses santos em suas datas de comemoração”, ainda em suas palavras “é devota também de Santa Teresa D’ávila, a qual atribuiu uma graça alcançada por meio dela quando tinha dezenove anos. Dona Fátima nos informou assim:

Eu tinha dezenove anos quando fiz uma cirurgia de varizes, a minha mãe fez uma promessa a Santa Teresa, que se eu saísse bem daquela cirurgia eu teria que caminhar, e ainda tinha mais isso! tinha que caminhar na procissão sem falar com ninguém, eu tinha que somente rezar, orar naquele momento de agradecimento! Então isso, pela intercessão de Santa Teresa aconteceu! E desde aí eu me tornei devota de Santa Teresa e pelo amadurecimento da fé cada vez mais foi melhorando. Então no mês de outubro eu já me organizo pra está nas novenas e também nas minhas orações ela já faz parte! (entrevista, 2022).

Percebe-se no relato de dona Fátima que mesmo cumprindo sua promessa ela continuou a participar das novenas se organizando todo ano para estar presente, falou também da importância de fé, encontros e reencontros que o arraial proporciona em sua vida, contou:

olha! o arraial é um momento que nos leva a reencontrar os nossos irmãos tefeenses, nossos conterrâneos que tiveram que sair da cidade para morar em outro estado, até mesmo na capital. É um momento de nos encontrarmos e expressarmos o nosso momento de fé, então é nesse momento que é de reencontro até mesmo com a minha família que vem para esse momento do festejo (entrevista, 2022).

Em meio às respostas das entrevistas fica evidente que o culto aos santos se trata de uma prática do cristianismo mais propriamente dito do catolicismo agindo como uma ferramenta que mantém o devoto conectado ao divino através da intercessão de pessoas que são denominadas santos. Isso é uma prática religiosa ampla e bastante difundida e

comemorada entre milhares de brasileiros por várias regiões do nosso país durante séculos.

Pode-se mencionar também que é uma tradição do catolicismo no mundo e no Brasil decorrente de um Cristianismo de origem no monoteísmo. Assim o culto aos santos se apresenta através de manifestações devocionais e interpretações na cultura e nos costumes do povo brasileiro sempre velado por cuidado em não se apresentar como mera idolatria. Para Silva e Silva (2016, p. 17) “o santo é um fenômeno histórico”, sendo assim possibilita-se ter uma compreensão e uma visão de um ponto de vista decorrente do histórico, pois essa expressão religiosa se desenvolve a partir de um tempo e um espaço. Para os devotos, o culto aos santos dá a eles a capacidade de solucionar e atender as suas necessidades físicas e emocionais do mais íntimo do seu coração.

Partindo da concepção de Silva e Silva (2016), que se entrelaça com as memórias da nossa colaboradora sobre a relevância da manifestação de fé para o povo tefeense, dona Rosa descreve:

Olha! Se o povo vem a Tefé, o povo vem a catedral de Santa Teresa, porque realmente tem fé! Porque realmente acredita nessa mulher que tanto lutou para que o Cristo fosse apresentado, para que ali junto com suas irmãs no Carmelo por todo aquele momento de levar o Cristo vivo para a conversão de todos. Então isso sim, mexe com todos os devotos, com todos aqueles que acreditam que pode também, assim como Teresa que chegou, que se apaixonou pelo Senhor, cada um de nós também podemos ter esse momento (Entrevista, 2022).

Verifica-se aqui uma verdadeira intenção de uma devota praticante em justificar o motivo que no mês de outubro a igreja da catedral de Santa Teresa encontra-se totalmente cheia, ornamentada com variedade de flores e geralmente com as cores do Carmelo (marrom e branco), a colaboradora dona Rosa aponta ainda sua justificativa tanto para aglomeração de pessoas quanto para um evento puramente de fé, deixando a parte ou omitindo relato de caráter festivo e celebrativo que o evento religioso também é constituído.

Desta forma, o culto dos santos no Brasil apresenta não só um caráter devocional envolvido por promessas, orações e ladainhas, mas uma série de vivências e experiências intensas de fé, esperança e uma expectativa sobrenatural dos santos, como se eles fossem uma espécie de “ponte” com o sagrado. Assim, os santos são mais que um exemplo ou parâmetro de vida a ser seguida, é alguém que pode auxiliar na vida do devoto e na sua salvação. Ainda na perspectiva de Silva e Silva (2016, p. 18), o santo é aquele que já reside em outro lugar, um lugar próprio dos espirituais, mais com os pés nesse mundo

ainda. Com isso, o devoto constrói a sua relação pela intimidade na oração invocando através de uma prece pedindo e oferecendo algo a ser cumprido com o alcance da graça. Geralmente o devoto pede e se compromete através do ato de prometer, construindo assim uma relação entre devoto/santo.

Figura 15 – Devotas em frente a imagem de Santa Teresa



Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.

Segundo Le Goff (2014, p. 54), a santidade e a natureza do santo evoluíram desde o início da época cristã, exemplo disso é que no cristianismo primitivo eram concebidos como santos todos os mártires. A aparição dos santos marca uma das primeiras rupturas do cristianismo com o judaísmo que distinguiam apenas os profetas e os patriarcas enquanto que, depois dos apóstolos, o cristianismo definiu essencialmente como santos os mártires que deram sua vida pela nova fé no momento em que ele subsistiu pouco a pouco o paganismo antigo e o judaísmo.

Dessa maneira, o processo de cultuar os santos pode também ser compreendido através de pontos bastante distintos como o religioso, doutrinário e político, movimentos culturais que transformam as festas ou cultos aos santos em uma das maiores expressões religiosas do catolicismo popular brasileiro.

Braga (2009, p. 4) fazendo referência a Gilberto Freire (1983), discute a maneira de como é vivido o catolicismo no Brasil, usando uma forma bastante peculiar que o autor denomina de “culto doméstico” ou “santo de casa”, deixando explícito a relevância da promessa e da devoção desde a época da colonização. O autor sinaliza ainda que “foi esse cristianismo doméstico, lírico e festivo, de santos compadres, de santas comadres, dos homens, de nossa senhora, madrinha dos meninos, que criou, no caso, as primeiras ligações espirituais, morais e estéticas com a família e com a cultura brasileira”. Assim, fica claro e prático fazermos uma associação do panorama místico da religião com os problemas corriqueiros da vivência popular, pois o que as referências e fontes de pesquisa indicam a importância do culto à Santa Teresa D’ávila decorrendo a partir da ocupação missionária de Samuel Fritz nessa região, ao qual se atribui a fundação desta localidade.

Pode-se associar o culto aos santos não apenas a uma parcela da população local, mas aos indígenas, negros, mestiços e brancos, porque as festas religiosas aqui mencionadas como parte integrante do culto aos santos apresentam e se constituem de elementos como danças e músicas que envolvem elementos trazidos por esse processo de hibridização da cultura amazônica gestada ao longo de séculos.

O culto aos santos tomando aqui como parâmetro a festa de Santa Teresa D’ávila, que há mais de 150 anos é realizada em Tefé, de fato é uma festa que reúne e agrega a população tefeense, não apenas os católicos devotos, mas os visitantes de cidades vizinhas, de outros estados, promesseiros e ambulantes, que se reúnem a partir dessa prática festiva tradicional por meio do novenário, dos pagamentos de promessas, procissão e do momento de lazer e distração da festa realizada na praça da matriz.

O senhor José, tefeense, 32 anos, que ajuda na equipe litúrgica da igreja matriz e na venda dos leilões durante o arraial da padroeira relata muito bem esse culto a Santa Teresa quando fala de suas experiências no festejo ao longo do tempo em que participa:

A experiência é de amizade de pessoas que todos os anos prestam aqui a sua homenagem a Santa Teresa, que vem nos visitar! O festejo de Santa Teresa nos traz muitas lembranças das pessoas que moram em Manaus e em outras partes do país e vem ao mês de outubro fazer a sua devoção a nossa padroeira, não esquecendo da devoção que vem de várias gerações (Entrevista, 2022).

O entrevistado destacou ainda sobre as razões que o levaram a acompanhar o festejo e a procissão, o mesmo relata que foi a fé: “Porque a fé nos move a sermos mais cristãos, mais devotos e nós sabemos que Santa Teresa, nos chama! Por ela ter no seu carisma a humildade como mestra de oração”. E continua em seu relato falando sobre a manifestação de fé do povo tefeense a Santa Teresa dizendo: “Ah! Santa Teresa com

certeza é muito louvada em Tefé, eu costumo dizer nas minhas postagens que Santa Teresa é “ilustre, doutora, louvada, rainha de Tefé”, pelo muito que ela fez e faz pelo nosso povo” (Entrevista, 2022).

Seu José demonstra do seu ponto de vista o quanto parte da população tefeense ainda cultuar Santa Teresa, o entrevistado ressalta algumas características e títulos atribuídos pela igreja católica a ela, destacando por exemplo o carisma, humildade e mestra de oração, embora se contradiz quando afirma que Santa Teresa é a rainha de Tefé, pois a prelazia de Tefé em seus documentos não faz menção a esse título “rainha de Tefé”. Contudo, esse título deve ser uma particularidade do entrevistado a sua veneração a Santa Teresa, pois o que é usualmente atribuído a ela nas homilias e missas é o título de padroeira da cidade ou doutora da igreja.

Figura 16 – Imagem da Procissão de Santa Teresa/2022



Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.

Nessa perspectiva a procissão se constitui e se define por um corpo religioso e um grupo de promesseiro e devotos que entoam cantos, orações por um trajeto (ruas e bairros) aqui previamente definida onde geralmente ocorre o pagamento das promessas, elaboração e comprometimento dos novos votos a santa padroeira. Tudo isso seguindo a frente a imagem de Santa Teresa ornada de flores e luzes coloridas envolvida por um andor de madeira, artesanalmente fabricado, colocado sobre duas vigas transversais pelos

quais os fiéis geralmente em número de quatro sobre os ombros desfilam pelas ruas da cidade. Sinalizamos também que o fato de uma pessoa carregar o andor durante a procissão de Santa Teresa geralmente é um ato comprometido em pagamento de promessa e devoção a Santa Teresa D'ávila.

Figura 17 – Imagem do andor de Santa Teresa ornamentado.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.

Rita Amaral (1998, p. 15) apresenta a procissão a partir de um olhar dos moradores: “A procissão, entretanto, ainda parece ser coisa para os moradores locais. Mas nem assim a festa perde seu potencial construtivo e passa a ser unicamente devoção ou divertimento”. Para Amaral, tirando o viés religioso e devocional, a perspectiva de um morador comum alheio evento religioso, a procissão se configura basicamente como um desfile nas ruas da cidade realizado pela igreja católica em um dado mês do ano.

Figura 18 – Imagem da procissão nas ruas da cidade de Tefé-AM.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.

Em outro aspecto, consegue-se visualizar a procissão de Santa Teresa realizada em Tefé constituída por elementos unicamente caboclos no seu modo de festejar, celebrar, expressar e vestir (uns buscam suas melhores roupas e calçados) para serem usados no dia da procissão, assim apresentando o seu cunho religioso. E dentro das inúmeras manifestações culturais amazônica, a procissão tefeense age a partir de elementos como estes que as definem e se expressam pelas suas peculiaridades de pessoas comuns ou públicas que querem ver e serem vistas na procissão.

A partir dessa concepção é possível relacionar a procissão tefeense com a procissão realizada no Brasil Colônia, nas palavras de Del Priore (1994, p. 49-50):

Havia vários sentidos nas funções aparentemente irrelevantes da festa, dando persistência a certas maneiras de pensar, de ver e de sentir. A mistura entre o sacro e o profano valia para diminuir e cicatrizar o pagão, o inculto, o diferente do europeu branco e civilizado. Os mitos pagãos eram assim esvaziados e recuperados para serem vivenciados exclusivamente como parte da festa. A América e a África, continentes recém explorados, eram retratados de acordo com os objetivos de colonização: escravos, pedras preciosas, aventura, fêmeas disponíveis – em tudo deviam parecer um espaço de concupiscência sonhada e de riquezas. O negro e o índio associavam-se ao perigo e ao mal e confundiam-se com os jacarés, cobras e dragões sobre os quais iam montados. Na sua estranheza aparecem também como o avesso da civilização ocidental cristã. Sua maneira de vestir-se apenas com penas e adereços justificava sua inferioridade técnica e, por conseguinte, a sua escravidão. Na ‘festa dentro-da-festa’ que é a procissão, percebe-se um canal eficiente de circulação de ideias entre colonizados, vencidos e vencedores, tristes e alegres.

Apesar de o texto acima retratar as procissões de uma perspectiva do Brasil colonial, e guardadas as devidas proporções de tempo e espaço, é possível ainda perceber diversos traços de continuidade nessas práticas populares. Em Tefé o espaço da procissão é um espaço por si só aberto a qualquer um independentemente de sua profissão de fé ou relação com o sagrado, que se realiza para ser vista por todos.

Figura 19 – Imagem da procissão - relação ao sagrado.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.

O dinamismo existente na festa de Santa Teresa em Tefé ainda manifesta e guarda muito do tradicionalismo, da missa e novenários, mas ao longo do tempo e das mudanças sociais foi integrando outras práticas sociais, algumas já presentes na documentação de época, conforme vimos em Bates. Hoje os leilões, bingos, desfilhes das bonecas vivas, vendas de comidas e bebidas típicas regionais, músicas populares, mesas espalhadas pelas ruas ao redor da igreja onde as pessoas comem e bebem, compõem o cenário do Festejo, o sagrado se enovela com práticas lúdicas, dionisíacas, e a festa vai muito além de ser apenas religiosa.

Figura 20 – Imagem da praça de Santa Teresa em dias de festejo/arraial – 2022.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.

Apesar de mencionarmos essas características históricas dos cultos aos santos no Brasil faz-se necessário apresentar um olhar mais contemporâneo e local, pois é visível que o culto aos santos se apresenta nos dias atuais a partir de uma visibilidade turística e comercial bem maior que outrora, onde o patrimônio imaterial se entrelaça ao cultural do município de Tefé, que convive atualmente com outras expressões religiosas contrárias ao catolicismo sobre as quais não nos ateremos, pois a devoção ou culto aos santos é uma prática própria da igreja católica no Brasil e principalmente em Tefé aqui descrita entre os vários aspectos peculiares da região amazônica, como culto aos santos. Logo remetida a religiosidade devocional a Santa Teresa D'ávila, não diria apenas que esses aspectos religiosos e festivos seriam no âmbito regional, mas principalmente e essencialmente a cidade de Tefé, a qual se desenvolve de uma forma bastante própria e importante na sociedade tefeense tanto no âmbito urbano quanto no âmbito rural desta cidade do Médio Amazonas.

O tefeense como quase todo amazonense já nasce imerso num ambiente de contos e lendas de elementos místicos no qual a imediata intervenção divina também faz parte, seja pra sua proteção pessoal, familiar, coletiva ou simplesmente por uma vida próspera nos negócios ou agricultura. No contexto católico regido por uma devoção familiar a algum santo que geralmente ornamenta a sala ou outro lugar de destaque da sua casa, ou da igreja que frequenta, contudo ressalta-se que a ideia de religião e crença devocional

derivam e se misturam a ancestralidade cultural do índio, do caboclo e suas tradições e das tradições missionárias implantadas aqui por missionários jesuítas os quais formataram a religiosidade cabocla do povo amazônico. A respeito disso Eduardo Galvão descreve:

Como símbolos de culto religioso essas imagens, ou simples cromos, têm lugar de maior proeminência que a cruz. Alguns desses santos, representados pelas imagens locais, são considerados patronos ou *advogados* de profissões. Assim S. Tomé, é advogado dos roceiros, S. Benedito, dos seringueiros. Outros, o são dos sítios, povoados ou freguesias. O culto dos santos padroeiros de ocupações ou especialidades, depende de iniciativa individual do devoto. Já o culto dos santos padroeiros de freguezias e sítios, é função da coletividade, que se faz representar pela irmandade religiosa, que anualmente realiza um festival em honra do patrono. (GALVÃO, 1954, p. 39-40)

O autor descreve como ocorre as devoções a santos padroeiros e a santos devotados na intimidade pessoal ou coletiva no cenário devocional, nas festividades e celebrações a santos na Amazônia profunda. A partir dessa descrição de Galvão é possível entender que na cidade de Tefé também não é diferente a devoção aos santos, pois no culto aos santos desenvolvido na religião do caboclo tefeense ocorre com grande característica e semelhança do que o autor descreve tomando como referência a cidade fictícia de Itá. Em Tefé a forma coletiva dessa devoção é regida sobre a santa padroeira da cidade, com o intuito de agradecer os benefícios recebidos e atribuídos a ela pela intercessão das graças alcançadas. Mas nota-se ainda através da pesquisa que Tefé no cenário poético e religioso apresenta um outro aspecto ou característica de devoção aos santos que é a devoção familiar.

Sobre a devoção familiar aos santos, o senhor José confirma que não só ele participa do festejo de Santa Teresa, mas toda sua família, o mesmo descreveu: “toda a minha família participa e é “noitária” no dia 14, sempre está presente no dia 14 de outubro como “noitária⁴” na festa da padroeira” (Entrevista, 2022). Seu José definiu que a festa da padroeira, nos dias atuais, precisa de mais motivação e empenho por parte dos organizadores, dizendo:

Eu acho que deve ter mais empenho, mais motivação, a gente entende que a festa de Santa Teresa é uma festa do povo e para o povo, Santa Teresa é do povo, e a festa dela tem que ter a participação das pessoas, bem como de todos que nos acompanham também pela página da prelazia que mandam as suas orações aqui. A gente entende que a festa de Santa Teresa não fica só no âmbito da catedral, mas que atinge outros lugares, e que as pessoas nos acompanham

⁴ Responsável pela noite de arraial na contribuição de comidas e prêmios.

com suas orações lembrando de muitas pessoas que já foram embora que contribuíram muito pra essa festa (Entrevista, 2022).

Aqui percebemos certa preocupação de seu José em continuar mantendo essa tradição de fé religiosa devotada a Santa Teresa D'ávila, para que a festa popular que ele descreve possa sempre existir em decorrência da integração e da expressão da população tefeense que tem que se empenhar na preparação da festa da padroeira para que mais pessoas possam ser alcançadas por esse evento. O colaborador parece compreender que o Festejo de Santa Teresa é algo feito pelo povo e para o povo e não para igreja ou para um pequeno grupo de devotos, nota-se na entrevista uma certa tristeza em seu olhar o quanto desejava que os católicos da cidade pudessem participar de maneira mais intensa.

O senhor José ainda nos revelou que todos os anos ele e sua família se movem também para contribuírem monetariamente para o festejo, falando da importância econômica que o festejo traz para a cidade, ele comentou: “O festejo de Santa Teresa move a cidade inteira, antigamente movia muito mais, mas agora, move assim mesmo por questão que tem muita divulgação...É muito boa a importância econômica porque vem muita gente de fora prestigiar o festejo de Santa Teresa” (Entrevista, 2022).

Pode-se dizer que o catolicismo tefeense é derivado e marcado por uma forte e expressiva crença na santa padroeira do município, principalmente no mês de outubro. O senhor Sebastião, 32 anos, é membro ativo da igreja há mais de vinte anos, formado em Serviço Social, relata sobre que também participa de outras comunidades e paróquias como no festejo de Bom Jesus, Santo Antônio e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Isto é, fica evidente que a devoção aos santos por si mesmo expressa características regionalizadas, o padroeiro ou melhor dizendo a padroeira, não só traduz e sim expressa traços característicos dos munícipes tefeenses. Para Sebastião a devoção chega a ser um “privilegio”, ele diz:

Ser devoto de um Santo é um privilégio, ser devoto é ser uma pessoa que sempre busca seguir Jesus e no caso especial Santa Teresa, a primeira doutora da igreja católica, é um privilégio seguir seus ensinamentos e buscar uma vida participativa na comunidade através de seu exemplo de vida (Entrevista, 2022).

Essa devoção assumida pelo entrevistado se dá, segundo o mesmo, pelas inúmeras graças, bênçãos e milagres que recebeu por intermédio de Santa Teresa D'ávila, em especial um milagre: “Eu de um modo especial, tinha problema de pedras nos rins e crise

renal. E fiz uma promessa, claro que Deus em primeiro lugar, mas com a intercessão de Santa Teresa fui curado” (Entrevista, 2022).

Percebe-se em seu Sebastião que toda essa manifestação de fé traz para ele um grande consolo pessoal, até porque essa devoção vem de família, ele afirmou:

Quando se fala de festa de Santa Teresa, se fala de família, a minha família toda foi envolvida com o festejo de Santa Teresa desde a época dos meus avós a muitos anos atrás e pra nós falarmos de Santa Teresa, é uma festa familiar. Eu participo a muito tempo, desde o tempo da minha avó, minha avó morava no interior e trazia nós de canoa a remo quase cinco horas de viagem para essa festa religiosa (Entrevista, 2022).

Dessa forma, pode-se compreender que a festa religiosa antes de tudo se constrói no meio familiar, no núcleo mais básico como pai, mãe e filho, através dessa entrevista fica evidente que são esses elementos que são passados de geração em geração que faz do culto ao santo algo novo por pessoas nova a cada ano.

A matriz de Santa Teresa da Prelazia de Tefé enquanto instituição religiosa apresenta aos fiéis devotos e ao povo que aqui reside uma relação de Tereza D’ávila com a vida e a vivência da comunidade católica tefeense e com o catolicismo impresso nos missais. O culto é como uma festa devocional presidida pelo pároco, com apoio do conselho pastoral paroquial e participantes da igreja com data já prevista em calendário municipal, consistindo num feriado municipal.

Figura 21 – Imagem da missa no dia 15 de outubro – dia de Santa Teresa D’ávila/2022.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.

Nesta imagem, como acontece no ápice da celebração devotada à Santa Teresa D'ávila no dia 15 de outubro, por volta das 9 horas da manhã, vemos a celebração presidida pelo bispo da prelazia de Tefé que reúne os devotos da paróquia da cidade e do interior, a imagem também revela a presença dos padres e diáconos. É comum que neste dia não haja nenhuma missa em outra igreja, paróquia ou evento religioso católico.

Figura 22 – Imagem da população participando da missa do dia 15 de outubro/2022.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.

As observações ao longo da pesquisa de campo demonstram que o culto à Santa Teresa em Tefé, mesmo guardando fortes influências europeias, uma vez que a santa é de origem espanhola, da cidade de Ávila, também agrega elementos amazônicos. Ou seja, as características locais dão um tom popular à devoção. Eduardo Galvão (1954, p. 6), já havia percebido esta miscelânea cultural quando estudou a comunidade de Itá, “os santos, ao contrário, recebem culto e dêles o caboclo se aproxima através de orações, de promessas e de atos festivos. Acredita-se que protejam a comunidade e o indivíduo”. Assim como na maioria das devoções aos santos no Brasil, a cidade de Tefé também agrega em seu processo a ancestralidade cultural amazônica dos povos originários.

A respeito disso Galvão (1954, p.4) escreve que “a integração dessas crenças no corpo da moderna religião do caboclo, não sumiu, porém, a forma de “sincretismo” que se observa nos cultos afro-brasileiros de algumas regiões do país”. Quando se refere a cultura indígena prevalecente na região Amazônica, Galvão ressalta:

Comparada às manifestações religiosas dos povos sul americanos em que predominou a influência espanhola, não se observa na religião do caboclo aquela íntima integração entre práticas católicas e indígenas...Os santos protegem a comunidade e asseguram o bem estar geral. Seus favores e sua proteção obtêm-se através de promessas e orações que propiciam sua boa vontade. (GALVÃO, 1954, p.6-7)

O entendimento é que a devoção e culto aos santos na Amazônia está vinculado historicamente ao trabalho dos missionários que através da língua geral, “uma forma modificada do tupi-guarani” introduziram através da catequização essa prática religiosa conhecida hoje como festa ou devoção eleita a um padroeiro ou padroeira.

O relato a seguir é da entrevistada Conceição, que nasceu na cidade de Tefé-AM e que atualmente mora em Fortaleza (CE), e que todos os vem participar do Festejo de Santa Teresa D’ávila como promesseira. Dona Conceição descreve também que tem muita devoção com Nossa Senhora de Fátima e Santa Teresa, ela relatou:

Tudo o que eu peço eu alcanço com elas, eu tenho uma devoção muito grande, todo dia 13 como hoje! Eu acendo a minha vela pra ela (Nossa Senhora de Fátima) eu participo lá em Fortaleza, nunca me abandonou a minha “mãe”, nunca! Então a minha devoção é essa (Entrevista, 2022).

Dona Conceição passa a descrever que encontra um jeito próprio e singular de pagar suas promessas e viver sua devoção a Santa Teresa quando ela vem a cidade de Tefé no período do festejo, a entrevistada continua contando: “Assistir todas as novenas desde o começo e ir pra procissão dela”. Dona Conceição também relata que atribui a Santa Teresa D’ávila muitos milagres, bençãos e graças recebidas por meio da padroeira de Tefé, ela contou que:

Meu marido nessa pandemia ficou devendo muito! muito mesmo! Porque ele trabalhava numa faculdade e a faculdade fechou! Então ficou devendo, entrou na mão de agiota, e eu pedi muito a Santa Teresa que ele pagasse, desse uma maneira de ele sair das dívidas. E o meu marido ganhou um prêmio bom! Pagou todas as dívidas dele que até eu me emociono e hoje nós estamos bem graças a Deus! Ele pagou tudo! Saiu da mão de agiotas! Porque a pior coisa é agiota! Mas agora Graças a Deus ele pagou e eu vim pagar minha promessa com Santa Teresa, eu disse: Mãe se ele pagar tudo eu vou a Tefé na festa de Santa Teresa pagar a promessa. Eu não estava querendo vim no ano passado, mas, eu acho que ela disse assim, eu vou mostrar como você vai! E assim foi feito e eu vim pagar e assistir a novena descalça. Porque minha promessa foi de assistir a novena descalça, eu entrava na igreja, tirava minhas sandálias. E hoje, eu vim esse ano porque eu tô lutando por uma causa com um filho. Um filho que se envolveu com drogas e foi pego pela polícia porque foi comprar umas drogas e foi o julgamento dele agora, estamos esperando sair, mas eu tenho muita fé no Senhor e Nela (Santa Teresa) que ele vai se libertar disso aí, desse processo. Tô esperando! Todo dia, minha filha que é advogada fala:

“mamãe até agora nada”, eu disse: Mas Deus sabe o que faz! Ele foi julgado agora no dia 21 de setembro, como está meio parado lá nos fóruns, o juiz deu o parecer, mas ainda não saiu a sentença dele, mas eu tenho fé! (Entrevista, 2022).

De acordo com o ponto de vista da entrevistada é possível observar que os devotos também atribuem à Santa Teresa qualidades que vão além das expectativas divinas de bençãos e graças. Encontram na sua devoção um meio capaz de auxiliar e atuar até mesmo em eventos e situações judiciais ou em outras instâncias da vida social, como relata dona Conceição, em que seu caso recebeu um parecer de um juiz ao qual ela atribui à sua relação de fé a Santa Teresa e ao desfecho do processo judicial aguardado. Mas até que ponto pode se atribuir a intervenção de um santo?

Da perspectiva da entrevistada ao relatar (emocionou-se várias vezes). Disse que essa manifestação de fé e devoção a Santa Teresa traz muito consolo para ela, principalmente quando vem para o festejo, porque aqui ela está na companhia da sua irmã, e ajuda ela a vender bingos, fazem comidas para vender no festejo e tudo isso a deixa muito fortalecida.

A cultura religiosa a partir da devoção aos santos, na perspectiva de Galvão (1957, p. 9) apresenta “seus elementos básicos no catolicismo ibérico do século XVI, acrescidos de outros, indígenas, principalmente tupis, modificados em sua amalgamação e desenvolvimento pelas condições particulares do vale amazônico”. Diante desse aspecto contextual e bibliográfico possibilita descrever a vida devocional dos tefeenses a partir de fatores desiguais, no entanto bastante próprio com peculiaridade existente apenas a devoção específica aos santos em especial a Santa Teresa, pois as mudanças vindas do externo com os missionários da companhia de Jesus (jesuítas) continuam a se manifestar moldar-se ainda hoje as adaptações contemporânea.

Na zona rural do município de Tefé observa-se um distanciamento do catolicismo com as comunidades ribeirinhas, ora por falta de religiosos e de visitas desses periódicos a essas localidades longínquas, ora por um crescente avanço de outras denominações religiosas. Nota-se que o deslocamento dos ribeirinhos até a cidade durante a vigência do Festejo é cada vez menos, observação que Galvão (1954, p. 10) também fez em Itá, “à medida que as áreas rurais estreitam suas ligações com os centros urbanos, a hierarquia eclesiástica assume mais efetivamente o controle e a direção da vida religiosa”. Ele prossegue, “quando se modificam as condições de vida rural no sentido de urbanização,

verifica-se na vida religiosa da comunidade o surgimento de um arranjo mais complexo, formal e diferenciado, função das características específicas ao novo ambiente social”.

De fato elementos sagrados se misturam ao lúdico na efervescência do Festejo e, embora a devoção aos santos seja algo tradicional e cultural do catolicismo popular na região amazônica, as mudanças no panorama social revelam e apresentam uma nova significação dessas práticas através de um novo tipo de devoto que se afeiçoa a um determinado santo, devendo a ele uma veneração peculiar e particular, principalmente no mês de outubro com disponibilidade ou com a mesma intimidade que seus pais e avós realizavam à Santa Teresa D’ávila. Nesta perspectiva notamos que ainda hoje os homens raramente vão a catedral de Santa Teresa, incumbindo essa atividade às esposas e filhos.

O cenário contemporâneo do catolicismo tem sido abalado por diversos fatores, conforme já discutimos, porém é inegável que ainda guarda bastante influência na cidade de Tefé, isto é, o fenômeno religioso mais difundido e praticado no município tem no festejo e na devoção à Santa Teresa o seu principal nexos, seja através de devoção individual, coletiva ou atravessada pela paróquia no mês de outubro, transparece que a divindade ou santidade de Santa Teresa, “ultrapassa a divindade celestial de Deus”, ou Dele se torna a principal intercessora para os seus devotos e admiradores. A devoção individual ou da comunidade se faz sentir sobre os santos ou mais explicitamente sobre as imagens desses santos, essas imagens, ou simples cromos tem lugar de maior proeminência que a cruz, acredita-se que determinada imagem é capaz de efetuar milagres e prodígios na vida pessoal, amorosa e financeira daqueles que a veneram, com a imagem de Santa Teresa em Tefé não é diferente.

2.2 Religiosidade popular como vetor de sociabilidade

Neste contexto de religiosidade popular observa-se de maneira mais expressiva um evento ou melhor uma expressão religiosa de cunho festivo e devocional introduzida pelas “missões religiosas”, conforme diz Braga (2009, p. 4), em seu trabalho intitulado *Santo Antônio de Borba: devoção e festa*. Para este pesquisador “desde os primeiros séculos de colonização associaram o catolicismo com práticas populares”. Isso nos permite mencionar as festas devocionais de maior expressão do norte do Brasil, como o Círio de Nazaré em Belém do Pará, Nossa Senhora da Conceição padroeira do Amazonas, Santo Antônio na cidade de Borba, Nossa Senhora de Guadalupe no município de Fonte Boa e o Festejo de Santa Teresa D’ávila em Tefé.

O povo amazônida é festeiro! Partindo desse entendimento de festa popular que se desenvolve em torno da catedral de Santa Teresa no mês de outubro, em Tefé, trata-se de uma espécie de arraial de Santa Teresa, em que se evidencia numerosa aglomeração de pessoas e é momento da expressão da fé da comunidade tefeense, ou de tessituras de novas redes de sociabilidade ou mesmo de reafirmação das antigas.

Andrade (2019, p. 187) considera religiosidade como uma variável que não está aparente em todos os momentos da vida pessoal dos sujeitos, mas que “emerge em momentos críticos, renovando a fé e a esperança de uma vida melhor e mais plena; esperança, elemento essencial na dinâmica da vida”, ou seja, nos momentos de maior dificuldade pessoal a religiosidade se manifesta como uma das possibilidades de superação. Além do mais, a mesma autora (2019, p. 122) menciona que “a religiosidade católica amazônica reúne como marcas principais, elementos do universo indígena e do catolicismo europeu, que se articulam nas práticas populares regionais”. Coelho (2017 p. 17) afirma que “a religiosidade popular traduz a realidade de uma experiência universal, no coração de todas as pessoas, bem como na cultura de todos os povos e nas suas manifestações coletivas, nas quais está sempre presente uma dimensão religiosa.”

Em geral pode-se dizer que a religiosidade popular agrega massas de grupos com menos poder aquisitivo, menos condições patrimoniais e financeiras e também grupos e pessoas de classes sociais mais abastadas, há uma profícua circulação de pessoas e um emaranhado de relações se desenvolve no Festejo. A religiosidade popular tefeense é dotada das mais variadas e complexas formas de expressão do cultural, do tradicional e do religioso, independente da classe social e religiosa, de culto espiritual, pois é notório que a religiosidade popular integra o seio familiar e se ajusta com sociabilidades diversas, a religiosidade popular guarda consigo a constituição e a fundamentação da cultura eclesial ou por assim dizer cultura religiosa de cada indivíduo e de cada sociedade, mas não somente, porquanto, a religiosidade popular tefeense articula atividades festivas do imaginário caboclo, do simbólico e da devoção.

Queremos dizer que a religiosidade popular de Tefé pode apresentar variação de devoção religiosa, pois no popular os elementos festivos (arraial, barracas de comidas, novenários, festas ao redor, danças, apresentações dramatizadas e variadas), se conectam com a ancestralidade e a cultura mais rural da Amazônia, em outros termos, o ser social presente na religiosidade popular local passa a agir também como um condicionante da própria sociabilidade que adquiriu através dessa socialização decorrida no seio familiar.

Ao longo de muito tempo a devoção à Santa Teresa foi se construindo no imaginário e no seio daquilo que definimos como a religiosidade popular tefeense. Nota-se também que as festas de santos na Amazônia conectam expressões antiguíssimas como os “mastros” erguidos e ornamentados geralmente no início das festividades dos santos e derrubado no último dia do novenário. Para Galvão (1954, p. 70,76) “O mastro é um varão de sete a oito metros que se prepara em uma das roças próximo a cidade...um pau linheiro...todo ele amarrado de folhagem verde. Ajusta-se a bandeira do santo ao topo do mastro, é um quadrado de pano branco...abacaxis e feixes de cana são amarrados ao mastro, que é erguido com o estourar dos foguetes, a salva de um pequeno morteiro e muitos vivas ao santo”. Por fim, essa é uma prática festiva “levantação do mastro” não se aplica ao festejo de Santa Teresa D’ávila em Tefé-AM. Conforme a escritora tefeense Raimunda Gil (2023) em entrevista realizada em 2022:

Eu acho que levantação de mastro eles não tinham costume de levantar mastro para festa de santa não! O que tinha sempre era a alvorada! Alvorada que era dia trinta para amanhecer logo dia primeiro, que o arraial era dia primeiro até dia quinze, dia quatorze pra quinze era outra alvorada. Já com Dom Sérgio em Tefé, depois de uns anos que ele estava lá (Tefé) ele achou que era cansativo aquele arraial, quinze noites! Então eles resolveram começar no dia que começa a novena, são nove noites de novena. Essa questão de levantar mastro? É mais para o Divino Espírito Santo, Santo Antônio, São Pedro, São Benedito, assim no interior era o que mais levantava o mastro e também na festa de santa Luzia que o pessoal também festejava que é a padroeira dos olhos, eu não vi levantar mastro a Santa Teresa, a levantação de mastro é sempre tradição do Divino Espírito Santo que faziam. E lá em Tefé eles quase não festejavam o Divino, era tudo na Missão. Porque na Missão por uma questão de tradição a Congregação do Espírito Santo foi fundada lá e então o padroeiro é o Divino Espírito Santo, sempre o pessoal de Tefé ia pra Missão, pro festejo do Divino. Nos últimos anos que já estão fazendo em Tefé também, depois da Missão, aí no Jutica, Alvarães que também muitos anos estão celebrando o Divino e Uarini, essas paróquias aí da Prelazia de Tefé são as que mais festejam o Divino.

Apesar de não ter no arraial de Santa Teresa a prática de levantação de mastro propriamente designada a figura de Teresa D’ávila, faz-se necessário frisar que no mesmo local, na praça de Santa Teresa em frente à Rádio Educação Rural de Tefé é erguido um mastro a celebração em honra ao Divino Espírito Santo que se comemora entre os meses de maio e junho do calendário católico. Dessa forma, justifica-se as observações de Galvão onde ele distingue santos padroeiros de santos de devoção dado pela sua importância e destaque nos atributos festivos.

Existem ainda os chamados "santos de devoção", de menor importância que os padroeiros, mas que recebem culto e cujas irmandades também realizam festas anuais. A imagem do santo, em geral antiga e que constitui uma herança tradicional da localidade, é essencial ao culto. (GALVÃO, 1954, p. 40).

Nessa perspectiva de Galvão, podemos encontrar um motivo bastante plausível para determinar porque para alguns santos levantam o mastro e para outros não. Todavia, restam-nos analisar a que se deve a proeminência ou um maior destaque que recebe um santo padroeiro e o que diferencia do santo devocional.

Não há dúvidas que a sociabilidade emerge como fator importante no Festejo de Santa Teresa, certamente que os questionamentos a respeito das condições sociais de cada indivíduo que frequenta ou participa deste evento foram tomados como subsídios para apontarmos quais aspectos sejam ele positivos ou negativos surgem. Andrade (2019, p.107) escreve sobre as festas de santos que “tais atividades religiosas atuavam como processos de sociabilidade de elementos das camadas baixas da sociedade, segundo a própria dinâmica desses processos culturais”. Evidencia-se que a religiosidade popular em estudo está relacionada as classes subalternas da sociedade, embora o que notamos com o avanço da pesquisa, é que no mês de outubro no transcorrer do arraial de Santa Teresa pouco se verifica ou se distingue tais acepções, a festa do povo momentaneamente atenua certas divisões sociais, embora não as apague, pois durante os leilões, por exemplo, novamente os mais abastados adquirem os melhores, ou mesmo na compra de uma mesa melhor localizada ou até no acesso às barracas de comidas.

Notamos que o Festejo da padroeira articula uma espécie de mola propulsora de sociabilidades em sua vigência, mais necessariamente no período de outubro na primeira quinzena do mês, as diversas práticas e crenças existentes no município de Tefé-AM convergem, não sem gerar atritos ou desníveis, mas a concepção lúdica da festa integra de maneira irreverente as pessoas. Nesse período o que prevalece é um sentimento festivo e um valor comunitário que serve inclusive para as expressões populares se apresentarem em torno desse evento, com toda a sua manifestação popular, uma miscelânea popular que aproxima as pessoas, para além de sua fé. O fator de sociabilidade contribui para que a religiosidade popular se sobressaia culturalmente nos dias atuais e principalmente nos dias que antecedem o Festejo e durante a realização do mesmo.

Tefé, ao contrário de outras cidades Amazônicas, possui uma população relativamente numerosa para uma cidade do interior do estado, sendo que essa população se divide de forma desigual em áreas urbana e rural, e devido os avanços dos espaços

urbanos, tecnológicos e populacional, surgem também grandes problemas como a desigualdade que consequentemente por falta de assistencialismo levam a uma boa parte dessa população viverem à mercê de inúmeras injustiças sociais dentro de um processo vulnerável devido as questões socioeconômicas. O fator de sociabilidade insere esses indivíduos que se encontram a margem ou dentro das lacunas da marginalização, se atendo aos movimentos de fé como fator de atenuação das mazelas da vida.

Dentro do contexto contemporâneo em que as crises sociais e identitárias geram bastante questionamentos, as festas de santos são portas abertas para uma agregação não apenas religiosa de expressão popular, mas também um veio para atenuar e preencher as diferenças sociais existentes nas multidões de pessoas envolvidas no evento, sejam elas fieis ou não, que se expressam dentro do contexto da religiosidade. O Festejo que ora estudamos é também uma manifestação de cunho cultural que faz a sociedade interagir e integrar em torno do arraial. Isso pode ocorrer devido ao estímulo que a sociedade tem como ferramenta de transmitir as tradições, crenças, além de se construir um sistema de pertencimento de cada indivíduo no meio religioso e social onde valores servem de elos que fortalecem e identificam cada cidadão tefeense dentro do evento festivo.

O senhor João, 45 anos, nascido na cidade de Fonte Boa - AM, “cerca de 665 Km em linha reta e 1011 Km por via fluvial, o que dá em média 2 dias de viagem “baixando” e de 3 a 4 dias “subindo” o rio, dependendo da força das embarcações” (HOLANDA, 2010, p. 41), o qual veio morar ainda criança na cidade de Tefé argumentou sobre os benefícios que o festejo de Santa Teresa trouxe para sua vida em especial financeira, seu João relatou: “como eu estou no momento desempregado, sem ter uma renda, eu procuro fazer tipo um “bico” aqui no arraial de Santa Teresa e nós vamos revendo os amigos e a gente vai se encontrando, matando a saudade, do povo” (Entrevista, 2022). De acordo com o nosso colaborador já é possível ver os diversos aspectos e pontos distintos que envolvem o arraial de Santa Teresa, pois o fiel diz que participa pela fé. Seu João em contra partida se apresenta como um participante que tem um interesse avesso ao contexto da fé, ou seja, tirar do arraial uma fonte financeira com intuito de prover melhores condições pra si e pra outros.

Senhor João afirma ainda que a relação dele com o Festejo e o espaço que ele ocupa neste evento religioso é de vendedor, e que o mesmo é o responsável pela barraca de bebida da Paróquia de Santa Teresa. O entrevistado informou que as bebidas que ele vende na barraca são: cerveja, refrigerante e água. Seu João contou: “Aqui é o bar do

arraial, a gente só trabalha com esse tipo de bebidas, o que a gente vende é isso” (Entrevista, 2022).

Ele demonstra alegria e orgulho por estar ali naquele momento vendendo suas bebidas e ganhando o seu dinheiro, momento esperado o ano inteiro, visto que há oito anos ele participa como vendedor deste evento religioso. Em suas palavras faz uma menção ao encontro que o festejo de Santa Teresa causa contribuindo assim para uma socialização do encontro entre amigos e familiares no contexto popular do evento.

O bar do arraial de Santa Teresa que fornece bebidas, mesas e cadeiras para os participantes do festejo é de responsabilidade de pessoas que não participam de pastoral ou algum outro movimento da igreja, mas que durante a preparação e a programação do arraial procuram o conselho do festejo paroquial e fazem uma proposta financeira. E após essa proposta ser aceita pelo conselho paroquial o bar fica de inteira responsabilidade do locatário. É interessante que o senhor João menciona que a relevância da manifestação de fé do povo tefeense vem dos nossos ancestrais, dizendo:

Do tempo dos nossos pais, dos nossos avós que a gente já vem frequentando o arraial, vem participando! E hoje a gente vai tentando seguir o que os pais da gente fizeram e fazem, ir no arraial, na procissão, nas novenas, participar dos leilões e dos bingos. A vinte anos atrás o arraial tinha mais tempo, começava no dia primeiro e ia até no dia quinze ou dezesseis. Hoje não! Hoje são dez dias, dez noites, mas o arraial continua bom! O pessoal vem participar das novenas e da procissão! E o arraial pra mim continua bom! Tá ótimo! A importância do arraial é de rever os amigos e ter uma renda extra que é a de ficar responsável pelo bar. E a procissão, durante esses oito anos que eu estou trabalhando ainda não tive a oportunidade de participar dela porque eu fico responsável pelo bar esperando a procissão chegar na praça que é pra atender o povo com água, refrigerante, essas coisas assim. É uma experiência boa! A gente tem o respeito do pessoal aqui, do padre, eles gostam do meu serviço, do pessoal da organização, da comissão do arraial. E, cada ano que vai se passando a gente vai se entendendo melhor e a gente vai tendo uma relação melhor uma com a outra e por isso que eu estou há oito anos aí trabalhando no bar do arraial de Santa Teresa (entrevista, 2022).

Ele não participa sozinho do Festejo, faz questão de trazer toda a sua família. Ele paga o aluguel do bar, e também como devoto tem uma noite no arraial que geralmente é no dia 14 de outubro, e que nessa noite o mesmo fica responsável para doar uma premiação para arrecadarem dinheiro no bingo ou leilão. Seu João continua relatando o seguinte: “no passado eu dei um pernil de porco, saiu no leilão por dois mil e cem reais. E o que a gente puder ajudar a gente vai fazendo! Pra cidade movimentada! Tem o comércio local! Os marreteiros que vem! O arraial ajuda tanto os marreteiros quanto a paróquia com a venda dos terrenos e todo mundo vai se ajudando” (Entrevista, 2022).

Verifica-se que o entrevistado, além de concorrer anualmente para a gerência do bar do arraial, também consegue ajudar em outras atividades pertinentes ao Festejo doando leilões e outros prêmios para bingos. Percebe-se que essa é sua relação com o festejo de Santa Teresa, uma relação que sintetiza várias outras atividades de outras pessoas nesse período de festejo. Pois, assim como seu João que desconhece a vida monástica da religiosa Teresa D'ávila existem outras que participam para obter uma fonte de renda extra durante as dez noites de arraial. Se conhece ou procura conhecer a vida de Santa Teresa seu João responde: “Não! Não detalhado! Assim! tem algumas coisas que na novena o Frei comentou, mas conhecer profundamente não conheço!” (entrevista, 2022).

Através das palavras do senhor João percebemos que assim como ele, muitos participantes do Festejo de Santa Teresa não buscam informação a respeito de Teresa Sánchez de Cepeda Ahumada, Santa Teresa D'ávila, e que sua relação religiosa se dá a partir da divindade de Santa Teresa e o evento religioso em si o entrevistado ainda argumenta: “A gente que é católico, se pega muito com promessas, todas as vezes que eu me peguei com Santa Teresa fazendo minhas promessas, as minhas bênçãos foram alcançadas!” (entrevista, 2022). Essa é uma postura que envolve quase que todos os participantes do arraial de forma singular, de prestar culto a santa Teresa, uma relação de necessidade em busca de soluções materiais, financeiras e espirituais.

Como já mencionamos, a religiosidade devocional à Santa Teresa é também uma expressão que formaliza a sociabilidade entre as pessoas que participam do Festejo em sua honra, seja na igreja ou na praça da matriz como devoto, promesseiro ou simplesmente ambulante que aproveitam a aglomeração e circulação de pessoas no arraial como uma forma de obter uma fonte de renda extra, mesmo que temporária.

Nessa perspectiva, o senhor Raimundo, 50 anos, nos revela sua relação com o Festejo, já que o mesmo aproveita a movimentação e a aglomeração das pessoas para trabalhar nas dez noites de arraial como vendedor ambulante, vendendo algodão doce, pipocas salgadas e doces. O colaborador informou que trabalha no período do arraial há dezoito anos e que percebeu certas mudanças no decorrer do tempo: “Nesse instante eu estava comentando com um rapaz que esse ano tá mais fraco a venda para nós, ano passado foi melhor! Já esse ano está mais fraco!” (entrevista, 2022). Trata-se de uma prática comum dos participantes do arraial que aproveitam o evento como meio de trabalho.

Mesmo que o senhor Raimundo não tenha envolvimento devocional com o Festejo de Santa Teresa, já que não acompanha as procissões justamente por pertencer à outra denominação religiosa, (igreja evangélica Assembleia de Deus), ele não revela nenhuma oposição à veneração da imagem de Santa Teresa ou às expressões devocionais dos fieis, transparecendo uma convivência amistosa com o diferente, ele nos conta que em outros tempos, em suas palavras este panorama que envolvia um grande contingente de pessoas não é mais o mesmo, ele explica o motivo pelo qual não há mais tanta participação de pessoas no arraial como antes:

As pessoas vinham de Manaus e do interior para participar do festejo e outros vinham só para participar da procissão. Eu cheguei a ver esse arraial aqui quando eu vinha com a mamãe. Naquele tempo eu era criança, adolescente e que a gente não conseguia soltar da mão da mãe. Hoje a procissão não é nem a terça parte das pessoas que participavam naquela época, era muita gente! Como a mamãe dizia: “meu filho tu não solta da minha mão porque se tu chegar a soltar tu vai se perder!” Porque era muita gente! E aí vinham de Manaus os marreteiros onde gerava mais renda para o município, vinha aquele parque do finado “Monga” tudo vinha pra cá! E era um movimento muito grande, hoje não existe mais isso, acabou! Aconteceu aquele problema que mataram o “Monga” por causa de terra e aí os outros não vieram mais, quando os marreteiros de Manaus vinham, alguns daqui colocavam barracas, quando eles (se referindo aos vendedores da cidade) começaram a comprar terra e colocar a barraca, os de Manaus não vieram mais, porque já tinham roupas aqui para vender. Antes, não tinha o pula-pula⁵, não tinha o balão, tudo dependia de fora, hoje aqui em Tefé tem! Você vai ali na Remanso do Boto⁶ tem “Chapéu Mexicano!”⁷ tem aquela canoa que as crianças gostam de brincar, tem um balão, tem o pula-pula, tem a pipoca que naquele tempo eu não trabalhava com pipoca, eu trabalhava com sorvete. Os pipoqueiros vinham de fora: de Manaus, de Coari, vinham do Uarini, e hoje não! Tudo aqui em Tefé tem, por isso que os de fora não vem! E o pessoal vinham, compravam, levavam pra fora o dinheiro! E hoje não, fica aqui mesmo o dinheiro até porque tudo já é daqui da cidade (entrevista, 2022).

Assim, o Festejo de Santa Teresa pode ser compreendido através desses laços comunitários e extracomunitários que vão se tecendo ao longo do evento, eles ligam e conectam o sagrado ao social, ao lúdico, uma vez que o mesmo é tido como um acontecimento social e cultural do calendário tefeense. Simmel (2006, p. 74) menciona que “a religião ou as festas, nessa perspectiva, são mais que um simples faz de conta, são uma forma de estar-junto – nem sempre em harmonia. Assim, compõem uma série de meios diversos de se experimentar a vida em coletividade, ou seja, uma forma lúdica de

⁵ Espécie de cama elástica dentro de um recinto com paredes acolchoadas, para diversão das crianças.

⁶ Praça localizada no centro da cidade que antigamente era tomada por águas, onde nessas águas habitavam peixes e botos.

⁷ Brinquedo de parque de diversões. É basicamente um cilindro que gira sobre o próprio eixo em alta velocidade e faz você voar pelos ares em frágeis banquetas conectadas por correntes à estrutura central.

sociação. Deve-se ressaltar que a festa religiosa constrói na Amazônia um contexto de sociabilidade, instiga a pensar também o conceito de cultura popular, conforme postula Braga (2007, p. 65).

Falar em cultura popular implica necessariamente lançar mão de múltiplos referenciais teóricos, não apenas de uma antropologia clássica que nos ensinou entre outras coisas a importância da diferença entre as sociedades humanas, como também da mudança cultural e das possibilidades interpretativas que permitem captar a singularidade do outro, mesmo que ele faça parte da mesma sociedade ocidental habitada pelo antropólogo.

É nesta perspectiva que pensamos o processo de constituição do Festejo de Santa Teresa mergulhado num panorama de cultura e tradição amazônicas, hibridizado, conectado ao lúdico e à ancestralidade, agregador de componentes populares que transmitem, reelaboram e dão significado à vida e à identidade do caboclo amazônico, pois eles são a materialização que se constrói no âmbito social e passam assim a receber a denominação de práticas populares. De fato, a religiosidade popular fixada através da devoção dos tefeenses apresenta um aspecto peculiar na sociabilidade individual dos participantes (devotos e promesseiros), pois são esses devotos que vivem e passam a pensar a devoção a Santo de uma forma quase que individual ou até mesmo imaginativa do religioso.

Enfim, ao analisarmos esses elementos, indivíduos e suas práticas sociais verifica-se que são estes que dão uma característica própria e uma configuração à cultura popular tefeense, ou melhor, ao Festejo de Santa Teresa que é atravessado por todas essas relações. Logo, esse sujeito possui certo protagonismo e passa a desenvolver uma dinâmica cultural durante os novenários, isso não depende da forma que a festa de Santa Teresa é organizada ou de como é sua convivência social no município de Tefé. Dependerá sim de determinadas práticas culturais que se renovam anualmente, seja participando e das demais atividades eclesiais da prelazia de Tefé ou apenas participando do arraial ou da procissão que percorre as ruas da cidade. De fato, essas pessoas buscam encontrar uma satisfação pessoal dentro dessas práticas populares, mas não somente, a sociabilidade que percebemos nutre os laços novos e reafirma os antigos, gera trabalho, aproxima os diferentes, obviamente não sem gerar conflitos.

2.3 A tradição que se renova

Certamente que ao assistir, participar do novenário ou da missa em devoção à padroeira de Tefé Santa Teresa D'ávila, e das festividades em sua homenagem que se

estendem durante as noites da primeira quinzena de outubro, encontramos devotos, ambulantes e fieis que afirmam que “a festa de Santa Teresa não é a mesma”, ou que “esse Festejo já foi bem mais animado com muita participação da população que era impossível se locomover no local e nas adjacências do festejo”. É típico das gerações mais antigas questionar as mudanças.

Atentando a esses comentários, adensamos a discussão em torno das transformações contemporâneas que atingem frontalmente as chamadas tradições. Partindo dessa concepção entende-se como tradição “um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes” (GIDDENS 1990, p.37-38).

Contudo, lembremos que as práticas relacionadas aos costumes e cultura nesses espaços de “experiência particular” são relacionadas a algo dinâmico que se moldam e se ajustam adaptando ao tempo e ao espaço contemporâneo, desse modo acontece com a tradição que é por sua vez um processo dinâmico que perde e ganha elementos novos no transcorrer dos anos. Assim, a tradição enquanto uma manifestação fruto da expressão cultural religiosa de Tefé com seus costumes e modo de ser desenvolvidos e praticados dentro das suas expressões próprias torna-se capaz de se transmitir por gerações e o Festejo de Santa Teresa expressa determinadas perspectiva de tradicionalidade, afetada pelos elementos provenientes das transformações contemporâneas.

A tradição religiosa aqui citada se fundamenta na sua historicidade, conforme demonstrou os escritos de Bates e outros cronistas que por Tefé passaram. E mais, o culto aos santos na Amazônia fincou raízes no coração da nossa cultura, como escreveu Eduardo Galvão, tratando dos elementos culturais que tecem a tradição que se renova e se readapta no interior da Amazônia.

No vale do Amazonas, o pajé é um bom católico, mas ele não mistura suas práticas com aquelas da Igreja. A pajelança e o culto dos santos são distintos e servem a situações diferentes. Os santos protegem a comunidade e asseguram o bem-estar geral. Seus favores e sua proteção obtêm-se através de promessas e orações que propiciam sua boa vontade. Contudo, existem fenômenos que escapam à alçada ou ao poder dos santos, assim a panema, o “assombrado de bicho”, o poder maligno do boto. Nestes casos somente o pajé, que dispõe de poderes e conhecimentos especiais é capaz de intervir com sucesso. Embora as crenças e instituições religiosas católicas e as de origem ameríndia sirvam a objetivos diferentes, elas se completam como partes integrantes de um mesmo sistema religioso. O caboclo das freguesias não as distingue como forças opostas, para eles os santos e os bichos visagentos são entidades de um mesmo universo (GALVÃO, 1955, p. 6-7).

O Festejo de Santa Teresa em Tefé é mergulhado nesse lago semântico de cultura efervescente, transmitido de geração em geração de maneira oral, depois pelas ondas da Rádio Rural, e hoje pelas redes sociais da Internet. Falamos de um evento com registros no século XVIII tecendo sociabilidade popular, reestruturando o simbolismo dos costumes e crenças das pessoas nesta região, sobretudo, por se tratar de uma cidade-pólo desde os tempos da conquista e colonização. Holanda (2022, p. 151) afirma que “cabe destacar que Tefé desde tempos coloniais, quando se configurou enquanto Missão e, depois, tornando-se vila de Ega, caracterizou-se por ser um espaço estratégico, abarcando por força disso interesse e questões políticas, econômicas, sociais e culturais”

Partindo deste contexto, quais foram os elementos que compuseram a tradição da devoção à Santa Teresa D’ávila? Diante deste questionamento há uma estreita necessidade de fundamentar um debate que envolve uma “relação de afinidade” das características dos povos que habitam o interior da vasta e complexa região amazônica. Assim, Braga (2007, p.59), comenta:

Não seria demais lembrar a importância das relações de afinidade na cultura cabocla da região amazônica, onde “todos” se reconhecem “parentes” no âmbito das comunidades locais. Aqui, a “voz do sangue” tão cara às relações consanguíneas de uma colonização européia foi redimensionada para um parentesco que estendeu as suas relações para “compadres de fogueira”, “agregados”, filhos de adoção, casamentos preferenciais entre primos, “manos” e “maninhas”.

Em outra perspectiva devemos mencionar também as religiões tradicionais que são devotados aos “Santos e Santas”, estas devoções a santos no Amazonas não apresentam de forma alguma um véis derivado do sincretismo, como ocorreu na Bahia, por exemplo. Para Galvão (1955, p. 6) “a integração dessas crenças no corpo da moderna religião do caboclo não assumiu, porém, a forma de “sincretismo” que se observa nos cultos afro-brasileiros de algumas regiões do país”. O autor vai ainda mais a fundo quando menciona uma breve comparação das manifestações religiosas dos países sul-americanos com as manifestações religiosas amazônicas. “Comparada às manifestações religiosas dos povos sul-americanos em que predominou a influência espanhola, não se observa na religião do caboclo aquela íntima integração entre práticas católicas e indígenas.” (GALVÃO, 1955, p. 6).

Esse entendimento remete a uma análise em que esses elementos apontados por esses autores permanecem vivos e presentes na tradição do Festejo de Santa Teresa

D'ávila, pois os encontramos desde o menor e inexpressivo ato devocional que vai da mais simples visita à imagem da santa colocada em local de destaque durante os dias de novenário, até mesmo uma grande doação em dinheiro (donativo, oferta). Dessa forma esse entendimento que decorre em torno do tradicional culto a Santa Teresa também se deve a uma tradicional construção da comunidade e da população desse município, pois reconhecemos que a tradição religiosa ajuda a identificar e estabelece relações de identidade entre o passado e o presente, e que produz uma relação significativa com o futuro onde o propósito e a perspectiva dos participantes encontram-se alicerçadas e definidas a partir da sua própria convivência comunitária.

A construção tradicional num aspecto que se renova também se deve certamente ao fator de urbanização de Tefé, aspecto este que se molda e se configura com as ações da globalização emergente e contemporânea. Contudo, as questões históricas das festas religiosas mais precisamente festas de santo aqui mencionadas remontam ao século XVIII. A respeito disso Braga (2007, p.66) diz que “os registros históricos e etnográficos sobre festas na Amazônia fazem referência a um universo relativamente amplo, muitas delas relacionadas ao calendário festivo da igreja católica, enquanto datas alusivas aos santos católicos, em sua maioria estas datas comemorativas fazem menção ao dia da morte das santidades”.

As festas de santos como um fator tradicional do município de Tefé, em especial a de Santa Teresa possuem também inúmeras dimensões simbólicas e práticas, além da dimensão religiosa, neste bojo entram as expressões locais da política, economia e da apresentação poética e estética (ruas, casas, praça da matriz enfeitadas juntamente com o portal de acolhimento aos visitantes e a própria igreja matriz), que configuram todo o um complexo festivo.

Figura 23 – Imagem da praça da matriz no período de arraial de Santa Teresa D’ávila/2022.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.

A imagem acima mostra a praça de Santa Teresa ornamentada momentos antes de iniciar o arraial aguardando as pessoas que participam do novenário. Nas laterais da praça estão organizadas as barraquinhas de vendas de comidas, bebidas, pescaria (geralmente organizada pelo grupo de jovens da paróquia) e barracas de produtos religiosos relacionados também a Santa Teresa D’ávila como: blusas com imagens da padroeira, terços, escapulários, imagens e artesanatos religiosos. Geralmente essas barracas que ficam localizadas na área interna do pátio da praça da matriz são compostas por membros das pastorais e movimentos ligados à igreja católica. Durante as noites de Festejo as ruas que dão acesso ao centro da cidade e que passam ao lado direito e esquerdo da praça são interditadas e é nesses espaços (ruas) que costumeiramente são colocadas também barracas com vendas de bebidas, comidas típicas regional das pessoas que vivem dessas práticas de vendas nos arraiais e festas na cidade de Tefé. As barracas de comidas dividem os espaços das ruas com os itens de entretenimento como pula-pula (cama elástica) e barracas de vendas de brinquedos.

Figura 24 – Imagem interna da igreja matriz ornamentada com o tema do ano/2022.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2022

A imagem remonta a temática do novenário de Santa Teresa com o lema: “Pão em todas as mesas” cujo tema: “Santa Teresa nos ensina que a Eucaristia é o pão de cada dia na Terra e no Céu”, temáticas estas que são discutidas durante o novenário, missas, homilias e procissão. Este painel fica localizado ao lado direito do altar onde ao adentrarem no interior da igreja todos terão uma visão ampla do painel ornamentado, é nesse painel que são fixados os temas de todas as noites do novenário do dia 06 a 14 de outubro, sendo que qualquer devoto ou visitante durante o dia podem visitar a igreja e saber qual foi o tema discutido na noite anterior.

Figura 25 – Imagem do caminhão ornamentado para a carreata com a imagem de Santa Teresa/2022.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2022

O caminhão ornamentado é o veículo utilizado para conduzir o andor com a imagem de Santa Teresa D'ávila pelo trajeto que é desenvolvido a carreata; geralmente junto com o andor vão alguns promesseiros e devotos pertencentes ao conselho paroquial do arraial de Santa Teresa do corrente ano e devotos que não possuem transportes, essa carreata ocorre geralmente pela manhã entre às 09h e 10h após a missa em honra a padroeira Santa Teresa no dia 15 de outubro, a carreata tem o objetivo de levar a imagem da padroeira até o ponto de saída da procissão que acontece todos os anos por volta das 17h, geralmente esse ponto de partida que dá início à procissão sai de uma das igrejas de outras paróquias situadas em Tefé como: Capelania Militar na estrada do Aeroporto próximo a Brigada Militar, igreja de São José, Toca de Assis, Santa Luzia, Bom Jesus, Santo Antônio e outras. Sinalizamos que o ponto de partida do início da procissão de cada ano é definido pelo conselho paroquial da matriz de Santa Teresa presidida pelo pároco da Catedral, onde no ano dessa pesquisa o pároco era o padre polonês Pedro Shewior que está na cidade de Tefé há mais de quinze anos, o mesmo informou que chegou nesta cidade na data do dia 06 de janeiro de 2007. E após a saída da procissão de uma dessas igrejas mencionadas acima, o trajeto final dela é a igreja matriz de Santa Teresa.

Figura 26 – Imagem de rua e casas enfeitadas no dia da procissão.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2022

A imagem acima ilustra uma característica apresentada por alguns devotos que moram em apartamentos de prédios e casas próximas à catedral de Santa Teresa, esses sujeitos geralmente não fazem o trajeto da procissão juntamente com os demais fieis, mas enfeitam a sacada de seu prédio com balões, flores e bandeirinhas impressas com a imagem de Santa Teresa simbolizando assim o seu ato de devoção e participação na procissão.

Nos documentos históricos que versam sobre o Festejo da padroeira no acervo da Rádio Educação Rural de Tefé destaca-se a revista “O Missionário”, que no ano de 1938 noticiava o ato celebrativo e social de extrema importância para a população urbana e ribeirinha do município, sendo um mês especial e diferente com relevância no calendário da cidade, não apenas no calendário da igreja católica, mas da cidade em geral que celebra a data como um acontecimento:

A principal notícia deste mês é a festa de S. Têresa, nossa Padroeira. Decorreu muito menos brilhante do que nos outros anos, mas nem assim deixou de atrair muito povo das vizinhanças. Foram juízes o Snr. Coronel João do Vale Rodrigues e Sua Exma. Espôsa, D. Isidora. Os primeiros dias foram desanimados, sobretudo pela falta de luz, que o Município só concedeu a partir do dia 6, indo depois a luz até ao fim do mês. Dêste modo, já foi possível enfeitar melhor a imagem da Santa, que ficou brilhando entre quinze lâmpadas de cores diversas, sobre o pedestal coberto de tarlatana azul celeste, imitando capuchos de nuvens. Na véspera e no dia da Festa, o largo da matriz foi iluminado com muitas lampadas, porém no próprio dia da Festa a luz só foi

até às 9,10 minutos para o largo, indo até muito tarde para o resto da cidade. Nêstes dois dias realizaram-se Kermesses, tendo sido a primeira muito bem concorrida, mesmo porque tinha mais prendas. Além dessas duas Kermesses houve ainda outras duas, uma organizada pelos Funcionários Públicos e outra pela juventude. (“O MISSIONÁRIO”, 1938, p. 17).

Ao conceber o Festejo de Santa Teresa como um evento da tradição que se renova, há necessidade evidente de considerar o relevante papel da religiosidade popular e reconhecer o protagonismo de pessoas simples transmitem essas práticas. Braga (2007, p. 70) explica que:

Ora, por outras vias, encontramos neste autor a problemática clássica de separar religião e magia ou festa católica e popular, quando, na verdade, os limites dessas práticas históricas ou contemporâneas não comportam separação. Nesses termos, pode-se considerar que as festas amazônicas têm influência considerável do catolicismo, embora de alguma maneira tenham sido marcadas pela cultura popular da época, urbana, mestiça, tributária de heranças indígenas e negras.

Em Tefé, a tradição religiosa católica de festa a santos é muito difundida, e uma grande contribuição para a divulgação e a manutenção dessas manifestações é a festa a padroeira da cidade, que durante anos se estabeleceu e acentua uma devoção própria que em sua tradição e constituição tem uma configuração única de celebração. É um evento esperado pelas pessoas para pagamento de suas promessas que geralmente são pagas durante a procissão. Algumas pessoas pagam promessas usando trajes que relembram o hábito usado por Santa Teresa, outros com trajes simbólicos de anjos, a também aqueles que carregam tijolos sobre a cabeça e os que se desfazem de calçados e percorrem todo o trajeto da procissão pela cidade com os pés descalços.

Figura 27 – Imagem de pagamento de promessas com: tijolo na cabeça



Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.

A imagem acima retrata uma promesseira na procissão de Santa Teresa no ano de 2022 acompanhada de familiares trazendo sobre a cabeça uma certa quantidade de tijolos e os pés descalços. Frisamos que essa é uma prática decorrente dos promesseiros e de uma forma bastante usada de se pagar promessas.

Figura 28 – Vestida de Santa Teresa D'ávila



Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.

Nesta imagem, outras participantes (promesseiras) da procissão fazem todo o trajeto vestidas com roupas idênticas das monjas carmelitas da mesma ordem de Santa Teresa D'ávila, as mesmas parecem ignorar até mesmo o calor escaldante do mês de outubro no verão amazônico. Em meio a misturas de trajes e roupas, o colorido ornamental dessa tradição é renovado por pessoas que durante sua vida pagarão promessas usando essas configurações que atualmente apresentamos, dependendo do seu acordo elaborado em seu ato de prometer.

Em síntese, pode-se entender o caráter tradicional do evento religioso local, com destaque para alguns elementos dessa tradição religiosa no contexto da festa de Santa Teresa, o que demonstra os complexos significados que os participantes (promesseiros, ambulantes, fies) no arraial e nas práticas religiosas católicas atribuem ao evento, confirmando que pessoas comuns não assumem apenas a categoria de espectadores, mas são os protagonistas da religiosidade cabocla que se molda através do catolicismo popular.

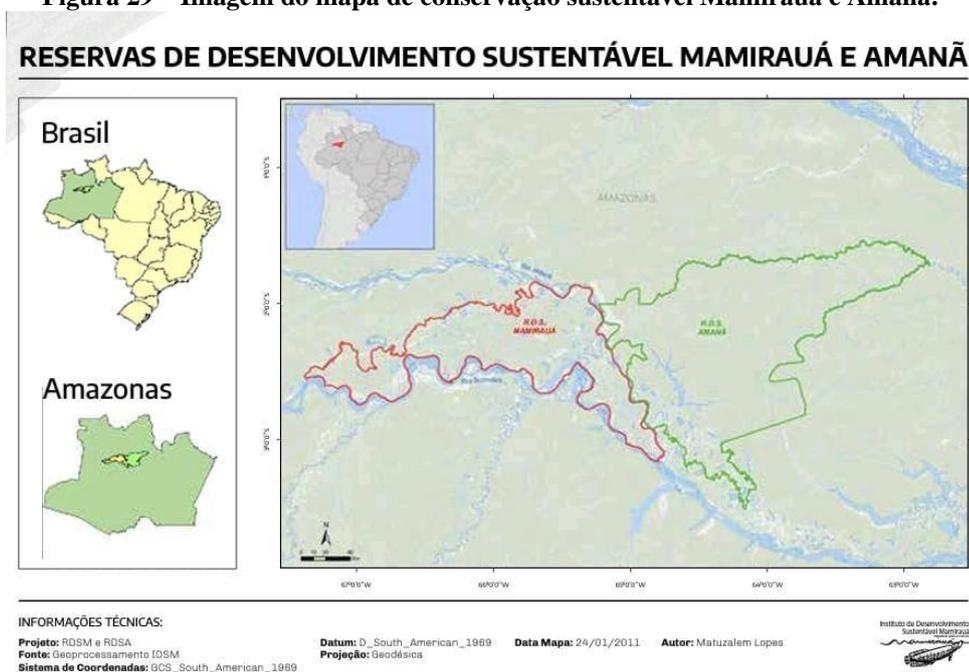
CAPÍTULO III

A POÉTICA DA FÉ AMAZÔNICA

3.1 Tefé, o sagrado que dialoga com a ancestralidade

A cidade de Tefé é um espaço urbano que fica situado na margem esquerda do rio Solimões, abraçado pelo famoso “lago dos espelhos”, no interior do estado do Amazonas, uma cidade polo na região do Médio Solimões, rica em diversidade de fauna e flora, espaço natural de reservas como Mamirauá e Amanã, famosas nacional e internacionalmente, local de vivências múltiplas como na Flona (Floresta Nacional de Tefé), com mais de um milhão de hectares, contendo os mais diversos biomas em uma grande verde área florestal. Isso tudo faz com que a cidade de Tefé esteja no coração da Amazônia como um espaço de preservação e luta pelos direitos dos povos da floresta.

Figura 29 – Imagem do mapa de conservação sustentável Mamirauá e Amanã.



Fonte: Pesquisa de Campo, acervo Instituto Mamirauá 2023.

O rio Solimões, o lago de Tefé com suas águas pretas, paranás e igarapés formam uma teia fluvial, sendo o principal meio de se chegar ou sair desta cidade. “Esta pequena

cidade possui um território municipal imenso, 23.662,223km², em que 81,55% de sua população de 61.453 habitantes é urbana (IBGE, 2013). Sua jurisdição territorial pode ser visualizada a partir da Região Geográfica Imediata e Intermediária a qual equivale a quase metade do território do maior estado do Brasil (IBGE, 2017, p. 2)” (QUEIROZ, 2022, p.12). Esse território se divide basicamente em um contingente urbano e rural, a área urbana dispõe de importantes serviços públicos geralmente oferecidos e procurados pela população ribeirinha e cidades vizinhas.

É neste cenário urbano e rural no interior da grande floresta amazônica envolvida por uma cultura híbrida, de elementos negros, indígenas, caboclos e brancos, que se expressa o Festejo de Teresa D’ávila, envolto por uma poética da fé através do misticismo simbólico do sagrado e sua ancestralidade, com seus elementos poéticos que se conectam com o popular e o religioso. A poética do Festejo atravessa e conecta o passado ao contemporâneo numa relação de saberes, cultura e religiosidade, e nela o tefeense constrói e se reconstrói em formas de diferentes “saberes e saber fazer”, assim como a própria pesquisadora durante suas idas e vindas a campo.

O estudo do Festejo nos anunciou outros discursos possíveis para além daquele desértico do cartesianismo; falamos do mergulho na poética da cultura amazônica, pois podemos “encontrar outros caminhos para o conhecimento que não somente pelo veio da ciência demasiadamente positiva. Outros discursos nos levam a tecer outros saberes heterogêneos e interativos, é assim que a literatura, em especial a poesia, se caracteriza, suas possibilidades são praticamente infundáveis” (HOLANDA, 2022, p. 94).

Nesse sentido trazemos a pesquisa o conceito de poética elaborado por Bachelard (1996) que apresenta a poética como uma possibilidade correspondente a uma linguagem repleta de ricos significados dando moldes a um mundo que nos rodeia.

A imagem poética, aparecendo como um novo ser da linguagem, em nada se compara, segundo o modo de uma metáfora comum, a uma válvula que se abriria para liberar instintos recaídos. A imagem poética ilumina com tal luz a consciência, que é vão procurar-lhe antecedentes inconscientes. BACHELARD (1996, p. 3)

O autor relaciona o conceito de poética a um mecanismo que abre, libera e ilumina o consciente do indivíduo abrindo portas para possibilidades de ressignificação dos eventos que estamos inseridos, posteriormente menciona “a língua dos poetas deve ser aprendida diretamente, precisamente como a linguagem das almas” BACHELARD (1996, p. 15). Nesse aspecto, a poética de Gaston Bachelard envereda pela possibilidade

da linguagem corporal conectar-se com a linguagem da alma dos elementos que dão sentido a vida num contexto social, embora esse contexto aqui mencionado esteja relacionado a poética da fé, mesmo assim se faz necessário a obter o conceito que dispensa Bachelard para assim compreendermos como essa linguagem poética é expressada através da fé. Para enfatizar a poética da fé segue o trecho do Hino de Tefé – AM de autoria e melodia de Pe. Manuel de Lima Cáuper.

*Aos apelos da voz do passado,
Nossas almas erguidas de pé,
Vem cantar-se num preito sagrado,
Ó cidade gentil de Tefé.
Tua História de lutas ingentes
Foi um facho de vivo clarão
A brilhar sobre as matas virentes
Deste vasto e formoso rincão.
Do Amazonas Comuna altaneira,
És princesa do Rio Solimões,
Salve, Salve, Tefé sobranceira!
Tens os nossos fiéis corações.
Sobranceiro, o teu lago formoso,
Entre as praias e matas em flor,
Tu plantaste um padrão glorioso
De progresso, de fé e labor
O teu povo, de grande nobreza,
E leal, tem altiva cerviz.
Sob o manto de Santa Tereza,
Vive honrado, contente e feliz.*

As estrofes acima expressam uma poética que ecoa a partir da ancestralidade, “Aos apelos da voz do passado”, em que o autor reconhece a inteira relevância da construção cultural passada, ressaltando o sagrado, a região Amazônica e o próprio povo tefeense. O hino de Tefé segundo a escritora tefeense Raimunda Gil em entrevista diz:

O hino de Tefé, letra e música do tefeense, de Janipaua⁸, ordenado padre da Congregação do Espírito Santo, no dia 25/10/1947. Saiu de Tefé em 1950 para trabalhar em São Raimundo – Manaus e dia 29/09/1952 chegou em Itaúna – MG para trabalhar. Além do hino de Tefé atribui-se a ele também os hinos da Escola Estadual Eduardo Ribeiro que compôs no dia 16/08/1947; compôs também o hino da Escola Estadual Frei André da Costa. Não se sabe o ano que compôs o Hino de Tefé que foi oficializado pela lei nº. 28/83 de 16 de novembro de 1983, do prefeito Francisco Hélio Bezerra Bessa, apresentado pelo vereador Júlio César Pereira Batalha (Entrevista, 2022).

Embora não seja possível constatar através de documentação pública ou particular o período exato em que o hino de Tefé foi escrito, é plausível pensar que letra e música

⁸ Comunidade concernente a cidade de Tefé, circunvizinho a comunidade do Caiambé e pertencente à família do padre Manuel de Lima Cáuper.

do referido hino tenham sido elaboradas pelo padre tefeense espiritano entre os anos de 1947 a 1950, período em que esteve atuando em Tefé como padre, segundo o relato da escritora tefeense Raimunda Gil.

A atuação missionária da igreja católica na região amazônica foi avassaladora, as ordens religiosas disputavam as áreas para suas Coroas; os Carmelitas para Portugal e os Jesuítas para a Espanha, e os impactos causados sobre as etnias indígenas provocavam, constantemente, deslocamentos ao longo dos rios e florestas. Do mesmo modo, os agentes coloniais leigos entravam em conflito com os povos indígenas, em especial para escravizá-los e direcioná-los para a extração das chamadas “drogas do sertão” (HOLANDA, 2022, p. 155).

O impacto da catequese é incalculável para as culturas indígenas, os encontros amistosos ou hostis moldaram o jeito de ser e viver dos povos da Amazônia. O historiador Artur Reis (1999, p. 129) destaca que “a região do rio Solimões foi ocupada pela coroa portuguesa em virtude da presença dos jesuítas espanhóis na área”. Assim, o nascimento da cidade de Tefé se deu no bojo dessas disputas territoriais, pela bisca incessante por novas almas e territórios, e o padre jesuíta Samuel Fritz, a serviço da Coroa Espanhola, nas margens do rio Tefé, em 1688, vai fundar a missão de Santa Teresa D’ávila. Artur Reis (1999) destaca a figura do jesuíta Samuel Fritz e a atuação missionária dos espanhóis na área do rio Solimões.

Ainda de acordo com Artur Reis (1999), dentre os núcleos missionários fundados pelo jesuíta Samuel Fritz, Tefé era um dos mais prósperos. Tal núcleo naquela época denominava-se de Santa Teresa. Notemos as primeiras aparências referentes ao centro originário da cidade de Tefé, nas palavras do viajante francês La Condamine,

Em 1743, La Condamine, descendo o Amazonas, visitou-o. encantou-se com o que se lhe deparou. Em Tefé, como em Coary (sic), como nos outros sítios onde exerciam os seus misteres os carmelitas, o aspecto era surpreendente: capelas, presbitérios, casas de pedra ladrilhadas, os nativos vestidos, cercados de conforto em franca atividade agrícola. (REIS, 1999, p. 131).

Neste aspecto pode-se não só conceber a importância da catequese elaborada pelos Carmelitas, mas também a relação que geralmente nem sempre era amistosa entre os missionários e os nativos, relação esta muitas vezes marcadas por elementos hostis e cruéis. Os nativos já aderiam e apresentavam através das suas vestimentas uma afeição bastante definida como o modo e costumes e cultura implantada pelo branco europeu colonizador. Outro aspecto que define essa relação que pode ser observado no ano 1943

é o desenvolvimento da atividade agrícola, uma atividade bastante utilizada ainda hoje nas áreas rurais (comunidades ribeirinhas) e nas adjacências do centro urbano tefeense (estradas da Emade, Agrovila e Missão).

Segundo os escritos de Reis (1999), Tefé recebe um ar de destaque quando o governador e capitão general Francisco Xavier de Mendonça Furtado, chefe da comissão portuguesa de limites com as colônias espanholas ao norte, mandou ocupar o lugar construindo um destacamento militar. Deste destacamento militar Artur Reis (1999, p. 132) diz que: começou a se organizar a sociedade de Tefé, na medida em que se realizaram casamentos entre soldados e as mulheres indígenas e com esses elementos se forma a família tefeense: soldados, comerciantes e indígenas. E é nesse panorama que as festas religiosas e as festas indígenas caboclas vão se misturando e coexistindo no cenário tefeense, onde a cultura indígena tem sua importância bastante acentuadas neste contexto.

O modo da organização religiosa, cultura e tradições que se apresentam no Festejo de Santa Teresa é uma maneira expressiva de um diálogo da festa popular indígena com a festa popular religiosa e suas manifestações expressadas pelos atos de acender velas, rezar novenas, pagar as promessas, desfilar pelas ruas da cidade em procissões, proferindo orações, cantando e rezando em meio aos coloridos das vestes, do clero e das ruas enfeitadas com panfletos e bandeirinhas com a imagem de Santa Teresa.

Figura 30– Imagem do clero no dia da procissão de Santa Teresa/2022.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.

É possível dizer através dos relatos e documentos de cronistas e dos missionários que por aqui passaram, que Tefé em seu imenso território compreendia hoje as cidades como Fonte Boa até Santo Antônio do Iça, habitada por inúmeras etnias que vão ter importância no processo de formação da identidade local. Carvalho Junior (2005, p.142), pondera que:

No alto Solimões habitavam os Aparia e Aricana, acabando por desaparecer no século seguinte. Em seu lugar, já no século XVII, estabeleceram-se os Omágua, basicamente entre os rios Javari e Jutaí. Em 1639, os relatos produzidos na viagem de Pedro Teixeira destacavam a existência de 400 aldeias desse grupo étnico. No final do mesmo século, por outro lado, o jesuíta Samuel Fritz listava 38 aldeias apenas, atestando também o deslocamento de outras para a ilhas. Esse deslocamento aconteceu possivelmente devido à necessidade de se defenderem de seus inimigos.

Embora o aldeamento pelos missionários se mostre como algo imposto e não deixava de ser; é possível notar através da citação acima do autor uma certa cooperação do contingente indígena daquela época, embora essa ideia de um encontro amistoso entre os povos indígenas e os portugueses catequizadores seja uma ideia um tanto equivocada, tendo em vista as experiências de revoltas e resistências nativas, é também fato que muitos indígenas ao fugirem da situação de escravos na região do Pará preferiam associar-se aos missionários catequistas, com isso passavam novamente a viver sobre uma situação de sujeição, embora sempre resistindo de várias maneiras.

Isto nos remete a um questionamento bastante singular, pois quais seriam às vantagens que os povos indígenas almejavam, se voluntariando para o aldeamento. Visto que, quase sem nenhuma opção após fugirem dos escravizadores tinham como opção apenas juntar-se ao religioso como forma de uma escravidão sobre o símbolo da igreja católica. Sabemos através dos relatos que muitos chefes indígenas locais convidavam os missionários a implantar o aldeamento em seus territórios, conforme escreveu Holanda (2017, p. 123), com base em uma edição de língua inglesa do “Diário do padre Samuel Fritz”, que “foi a pedido dos próprios índios Omágua ao padre Herrero, superior jesuíta de Laguna, estabelecimento missionário espanhol, que o padre Fritz desceu o rio para aldeá-los e instruí-los”. Este tipo de prática foi até certo ponto comum nas relações coloniais.

Para o nosso outro questionamento sobre as vantagens para os indígenas em aderir ao aldeamento, o batismo e a fé católica encontramos fundamentação na seguinte passagem ainda em Holanda (2017, 2017, p.123), “a causa do pedido, certamente, foram

as investidas portuguesas cada vez mais vorazes a fim de escravizá-los, de estabelecer entre eles novos viveiros humanos, sendo que a presença do padre significaria segurança e proteção”. Além do mais esses povos passariam a viver também sob a tutela do estado religioso dos missionários e conseqüentemente sobre a igreja católica. Desse modo fica claro que os indígenas usando de estratégias de resistência utilizavam do aldeamento para se manter longe das ameaças escravistas portuguesa e assim eles conseguiam manter, mesmo que muitas vezes escondidos, seus cultos, rituais aos seus deuses preservando seus costumes e culturas.

Outras abordagens remetem à análise que essas atitudes dos chefes indígenas foram recurso para se livrarem dos ataques de outras tribos rivais, ficando assim uma estreita, mas ao mesmo tempo complexa a relação do povo indígena e a igreja católica, pois antes do aldeamento, diz Holanda (2017, p. 129) “os índios ainda moravam em aldeias construídas por eles próprios e não em aldeamentos erigidos de modo a favorecer o trabalho de catequese”, nesse caso evidencia o real propósito para o qual se utilizaria o sistema de aldeamento.

E é exatamente nesse ponto da pesquisa que sinalizamos a importância da cultura indígena para a compreensão primeira do modo peculiar da celebração festejos e arraiais em sua configuração dentro do contexto poético da fé católica, embora essa relação esteja marcada pela ancestralidade, apresenta os povos indígenas como os primeiros habitantes da cidade de Tefé, mesmo que essa conotação habitar esteja ligada ao fato de viver em núcleo de povoamento estabelecendo suas formas de cultos.

Com o aldeamento e os propósitos missionários da catequese católica podemos apontar que durante esse processo acontecem o aparelhamento ou até mesmo a ruptura dos cultos indígenas e a religiosidade católica apresentada pelos missionários jesuítas, onde o mais proeminente Samuel Fritz era tido até mesmo como uma divindade ou “santo”.

Notável foi o que então averigüei nesta aldeia dos Jurimáguas, e foi que em um festim que celebravam, ouvi, do rancho onde pousava, tocar uma flauta que me causou tal susto que não pude sofrer seu som; mandei que deixassem de tocar aquela flauta; perguntei que era aquilo, e me responderam que dessa maneira tocavam e chamavam à Guaricana, que era o Diabo, o qual desde o tempo de seus antepassados, vinha e assistia em suas aldeias, e lhe faziam sempre sua casa apartada da aldeia, dentro do bosque, e ali lhe levaram bebidas e os enfermos para que os curasse. fui perguntando com que cara ou figura vinha. Respondeu-me o curaca, chamado Mativa: - “Padre, não o posso explicar, só sei que é horrível, e quando vinha todas as mulheres e meninos fugiam, somente ficavam os grandes, e então tomava o Diabo um açoite, que para o fim tínhamos preparado, de uma correia de couro de Vaca-marinha, e nos açoitava no peito até tirar muito sangue. Na ausência do Diabo, o açoitador

era um velho, dos que nos ficaram grandes cicatrizes nos peitos. Fazíamos isto, dizem, para sermos valentes. As figuras que tomavam eram de tigre, porco e de outros animais; ora se fazia gigante, ora não”. Perguntei mais se lhes havia dito alguma coisa de mim, ou que não me admitissem, ou me matassem; respondeu que as vozes que dava não eram articuladas, “e desde que vistes – dizia o curaca – a primeira vez e a plantastes a Cruz, já não quer vir mais à aldeia nem querer curar mais os doentes que alguns levam à sua casa; por isso a vós os levamos agora, para que recebam o Evangelho e não morram.

Holanda (2017) descreve acima um relato citado a partir dos escritos do próprio missionário Samuel Fritz que narra a catequese católica em meio às tradições indígenas e à medida que a catequese se consolidava é evidente que os rituais de cura indígenas diminuía e se distanciavam das aldeias, sendo que os doentes passaram a ser levados aos missionários católicos com o intuito de obter a cura.

É no diálogo da ancestralidade que nos deparamos com os relatos do naturalista inglês Henry Bates que nasceu no dia 08 de fevereiro de 1825 em Leicester e que chegou no Pará em 26 de maio de 1848, segundo relato do próprio naturalista em sua obra “O Naturalista no Rio Amazonas”, o mesmo escreve que:

A 26 de abril de 1848 tomei em Liverpool, em companhia do senhor Wallace, um pequeno navio mercante e após rápida travessia do canal da mancha ao equador, cheguei a Salinas no dia 26 de maio. Salinas é o ponto de praticagem dos navios que demandam o Pará, único porto de entrada para a vasta região banhada pelo rio Amazonas (BATES, 1944, p. 27).

O referido escrito traça o itinerário de Bates desde sua saída de sua terra Natal até a chegada um mês depois na cidade de Salinas estado do Pará com o intuito de desenvolver suas pesquisas na vasta floresta tropical no Norte do Brasil e, é justamente quando o naturalista inglês empreende uma viagem para o rio Solimões mais precisamente a vila de Ega (Tefé). É aí que a pesquisa ganha consistência, pois o naturalista elaborou inúmeras informações sobre a população local e a cultura indígena dessa vasta região amazônica. “A forma de fazer ciência de Henry Bates o privilegiou de estudar, a fauna, a flora, de ver, viver e sentir o jeito de ser do homem amazônico” (SILVA, p. 18). Nesses escritos podemos nos ater as descrições detalhadas que o cientista inglês realiza durante sua viagem desde o momento que saiu do Pará até sua chegada a Ega, “três anos antes dos navios a vapor navegarem pelo alto Amazonas. Tomei uma coberta que voltava de Santarém, aonde fora com carga de talhas de barro, cheias de óleo de tartaruga, para Ega, a primeira e única cidade de alguma importância nas vastas solidões do Solimões” (BATES, 1944, p. 147). A partir dessa passagem conseguimos

identificar que desde 1850, ano em que o naturalista inglês anota a sua viagem até Ega, a importância estratégica e comercial que a vila de Ega já representava nesta época.

Uma passagem interessante de Bates aponta para a diversidade de etnias indígenas que povoavam essa região. Um fato curioso narrado é quando o naturalista encontrou uma tripulação indígena trabalhando na embarcação em que o mesmo viajava.

A tripulação era composta de dez índios da nação Cucama, cuja pátria de origem é uma porção das terras ribeirinhas da vizinhança de Nauta, no Perú. Os Cucamas falam a língua tupí tendo, contudo, acento mais áspero do que o comum entre os índios semicivilizados de Ega para baixo. São gente engenhosa e muito trabalhadora, e os únicos índios que se empregam de boa vontade e em grupos para conduzir os barcos dos mercadores (BATES, 1944, p.152-153).

O naturalista descreve uma parcela do povo que habitava e trabalha na vila de Ega conseqüentemente devido a sua engenhosidade, certamente desenvolviam outras atividades além das mencionadas pelos cientistas. Ao que parece o viajante tem à primeira vista um certo encanto pela pequena vila chamada Ega, a qual passa a descrever o seguinte “no ponto de junção de largo tributário com o Tefé, está o pequeno povoado: grupo de umas cem casas de taipa, caiadas e cobertas de telhas vermelhas, todas com seus pomares com laranjeiras, limoeiros bananeiras e goiabeiras” (BATES, 1944, p. 170), daí concluímos o quanto era pequeno o povoado de Ega, o naturalista descreve ainda que as ruas da pequena vila eram largas, atapetada de grama, ia da praia arenosa e estreita até à igreja simples, com o crucifixo de madeira na praça em frente, no centro da cidade. Henry Bates ainda descreve em sua estada em Ega que numa época o vigário da vila era o padre brasileiro Luíz Gonsalvo Gomes, além das suas ocupações com as pesquisas de espécimes da região fez observações bastante particular sobre os costumes da população que habitava a esse pequeno povoado chamado Ega.

Nesse período Ega contava com o total de mil e duzentos habitantes, com exatamente 107 casas, das quais a metade eram choupanas simples cobertas de folhas de palmeiras. A maioria da população estava sempre ausente, pois se ocupavam do comércio ou da colheita dos produtos naturais pelos rios (BATES, 1944).

A partir desse contexto negar ou omitir a importância da ancestralidade na formação social e cultural de Tefé é um equívoco epistêmico. E mais, considerar a época da colonização portuguesa e as ações catequética dos seus missionários um primeiro embate hostil e cruel da cultura indígena e das tradições religiosas dos Santos nos permite entender que as preocupações de Bates em apresentar os moradores locais da vila de Ega

como uma população indígena quase imperceptível embora presente em seus escritos algo que contraria sua colocação “havia pelo menos 16 tribos diferentes, quase todos vendidos ainda crianças pelos chefes nativos” (BATES, 1944).

As anotações de Bates faz sobre as crianças indígenas vendidas expõem a crueldade e hostilidade no processo de ocupação do espaço amazônico pelos europeus, pois ao retirar crianças indígenas não só do seio familiar, mas também do seio cultural de seu povo e a introduzir em um ambiente totalmente marcado por um universo degradante escravista português representou o mote do processo colonizador.

Além do mais, tomando como análise base os relatos de Bates, não há possibilidade de uma população indígena de 16 tribos permanecer quase imperceptível numa vila que apresentava uma população de aproximadamente 1.200 habitantes, porém isso aconteceu em consequência da ocupação indígena nos seus afazeres, daí sua presença imperceptível, pois como o próprio Henry Bates diz que muitos indígenas trabalham na margem de Ega atracando e subindo as embarcações como tripulantes, logo eram extremamente conhecedores da hidrografia local e outros se ocupavam de colheitas dos produtos vegetais que eram comercializados naquela época fazendo com que retornassem a vila ao entardecer, o qual tomariam suas atividades noturnas descritas como um povo festeiro e dado as celebrações festivas.

Outro fato interessante destacado pelo naturalista inglês e, ao mesmo tempo, o que nos parece mais relevante devido a nossa temática era que apresentava o povoado de Ega como um povo voltado para as celebrações e as festas. A cultura indígena é muito proeminente nessas celebrações, e ela plasmou as festas da Igreja Católica que eram “comemoradas com todo entusiasmo; e confundem-se com os rudes festejos dos índios com as cerimônias introduzidas pelos portugueses” (BATES, 1944 p. 191).

Fica evidente que as festividades indígenas e católicas se confluíam (e ainda se confluem, pois Tefé é ladeada por aldeias terras indígenas atualmente) e, por conseguinte, se misturavam e agregavam elementos mutuamente, mesmo com a força da catequese os povos indígenas encontraram mecanismos de preservação de seus elementos culturais, inclusive no seio da celebração católica, conforme discutimos nas páginas precedentes estamos tratando de fenômenos de hibridismo cultural. As festas eram o cimento da vida societal da época, “para os índios de Ega esses atos cerimoniais estão anexados aos dias dos santos da Igreja Católica” (SILVA, 2022, p. 28). A relação das festividades indígenas com a tradição religiosa católica foi e é muito presente em Tefé, hoje cercada por terras indígenas. Convidamos Durkheim (1996, p. 351), para o diálogo:

Toda festa, mesmo que seja puramente leiga em suas origens, possui certas características de cerimônia religiosa, pois tem por efeito aproximar os indivíduos, colocas as massas em movimentos e suscitar assim um estado de efervescência algumas vezes mesmo em delírio, que não é parentesco com o estado religioso.

Essas leituras expressam a ritualística da vida social que são atualizadas nas vivências da sociedade tefeense, pois como na Amazônia de ontem e de hoje, as festas religiosas europeias relacionadas aos santos se entrelaçam com as celebrações indígenas, gerando quem sabe um modo de festejar peculiar carregado de simbolismo que caracterizam e dão sentido à vida. Neste contexto, mito e rito se completam, o rito é um arranjo de símbolos, uma representação da estrutura social, uma orientação da ação dos indivíduos no grupo, uma teatralização do mito (CAMPBELL, 2004, p. 59).

3.2 O lúdico/devocional nas promessas

De modo geral já sinalizamos que as festas religiosas em suas complexas constituições se expressam a partir das celebrações festivas alusivas a um santo, e podem ser compreendidas como rituais (religioso ou popular), além de espaço de renovação da devoção ou promessas. E como geralmente ocorre em quase todos os municípios do Amazonas que têm em seus calendários um padroeiro do catolicismo e, sabendo que esses espaços destinados às festividades católicas se constituem em espaços sociais, econômicos e políticos, pode-se depreender que essas atividades sociais são essenciais para a convivência social, para a própria tecitura do tecido societal. Segundo Corrêa (2019):

O fato de a festa ser realizada após o festival folclórico da cidade, a religiosidade popular é uma forma de o povo reconciliar-se com o sagrado com penitência, sacrifício, mas também, pelos exageros e excessos da festa. Os inferninhos quebram a seriedade estéril do sagrado, pois é na fecundidade, na sensualidade, na afetividade, nos movimentos das danças que encontramos o sentido da vida, tornando-a prazerosa, alegre e perigosa. (CORRÊA, 2019, p. 176).

Na medida em que a autora associa as festas folclóricas da cidade com a religiosidade popular, ela articula também mesmo que subjetivamente o elemento lúdico que une e agrega a festa popular religiosa aos santos, conectando o sagrado aos elementos que poematizam o fenômeno, afinal na Amazônia toda festa possui características de uma poética do imaginário, fazendo desses eventos um mecanismo e atividade de socialização e criação. Ora essas atividades sociais se desenvolvem separadamente, ora desenvolvem-

se juntas, contudo, as práticas culturais e de lazer geralmente tais como o lúdico, o espírito da diversão e o sagrado se associam e se estabelecem nesse mesmo evento, posto que essas práticas são marcas registradas da vida corriqueira dos tefeenses, que através dessas expressões religiosas conseguem transmitir elementos pequenos, mais relevantes da cultura local, essas expressões religiosas também apresentam a história da cultura de Tefé e o que é a sua identidade. Para os devotos de Santa Teresa D'ávila o arraial religioso é considerado muito mais que uma expressão da fé cristã, ele se veste de elementos positivos que reforçam a tradição e remontam a um núcleo religioso familiar entre a população do município, dos municípios vizinhos, visitantes, amigos e pessoas desconhecidas.

A festa de Santa Teresa é compreendida com ar significativo religioso, pois além do ato litúrgico das missas e novenários que estão presentes e bastante viva nesta celebração, há uma comunicação com um ser sagrado através da relação do indivíduo com o divino, criando um elo de intimidade e de troca que dão e recebem. É nesse cenário que o devocional e as promessas ganham vida e notoriedade no imaginário popular e a representação lúdica que o festejo apresenta nos contos, nas cores, na poética do tom melódico das ladainhas, do devocional e das promessas, mas não somente. Huizinga (2014, p. 177) pensa que o elemento lúdico é de tal modo inerente à poesia, todas as formas de expressão poética estão de tal modo ligadas à estrutura do jogo, que é forçoso reconhecer entre ambos a existência de um lado indissolúvel. O mesmo se verifica, e ainda em mais alto grau, quanto à ligação entre o jogo e a música.

Assim as expressões poéticas contidas no arraial de Santa Teresa no município de Tefé-AM dão consistência ao lúdico nesse mesmo espaço, pois temos a incumbência de ressaltar que tal aspecto existe nas manifestações que acontecem as adjacências do festejo como: jogos de azar, bingos, bares, danças e apresentações que de um certo modo completam esse ciclo festivo religioso, mas também distraem os participantes através do entretenimento que não existiria sem a presença da festa religiosa.

Partindo dos estudos e da estreita relação com o objeto de análise pode-se relacionar a poética amazônica a partir do aspecto religioso inserido da cultura popular do caboclo tefeense e sua festividade que emana e desabrocha mais necessariamente durante o arraial no mês de outubro. E com isso se torna possível analisar a medida em que buscamos compreender as identidades sociais que originam a religiosidade popular e seus processos de construção, uma vez que passam a conviverem juntos, tanto o sagrado quanto o profano e os elementos da ludicidade, desenvolvendo assim o aspecto do

entretenimento no evento sagrado nos termos indissociáveis da fé e das festas. Que passam a ser criadas e recriadas a partir das invenções lúdicas desenvolvidas pelo indivíduo no arraial de Santa Teresa. Desse modo Moura (2000, p. 150) menciona:

Entender a importância do período de preparação e realização das festas... permite desvendar e perceber, na indiferenciação lúdico-sagrado do tempo da festa, as teias de significação que compõem um tecido cultural tramado sobre essa urdidura bem firme. (MOURA, 2000, p. 150)

As expressões do simbolismo que compõem a tradicional festa católica de Santa Teresa são vivenciadas na prática que os próprios devotos estão inseridos, que relacionam a religião e o sagrado, dessa forma essa relação acaba por envolver por inteiro não só os devotos da santa, mas os participantes e idealizadores do evento com seus costumes, preocupações e anseios. Desta forma fica evidente a presença do lúdico neste evento festivo, pois trata-se de parâmetro que engloba todos os indivíduos na relação e na construção de se fazer o Festejo e do modo de se festejar.

O lúdico na festa de Santa Teresa em Tefé-AM, passa a ser compreendido a partir do momento festivo da festa, diversão e lazer dos indivíduos de forma pessoal ou coletiva com os devotos e promesseiros. A partir de então passa-se a apontar o entendimento elaborado sobre devoção e promessa com as questões que se relacionam com a padroeira e sua santidade que intercede protegendo, ajudando e abençoando os que dela pedem auxílio recorrendo a sua divindade.

A religiosidade da festa de Teresa D'ávila encontra nos relatos de muitos devotos deste município quando narram a criação de Tefé e associam esse acontecimento a consagração a Santa Teresa, onde enaltecem a figura do fundador missionário Samuel Fritz. A partir daí inúmeros moradores passaram a venerar e fazerem promessas a padroeira deste município após rumores de ela ter intercedido e protegido inúmeros viajantes que estavam prestes a naufragar. Dentro desses relatos encontramos em nossa entrevista o senhor Antônio que nos relatou o seguinte:

Era um domingo no início do mês de outubro quando viajava da costa de Tefé para a cidade eu, minha esposa que estava grávida e mais quatro filhos, numa canoa com um motorzinho 5.5HP como sempre fazíamos de costume. Foi quando de repente veio um vento forte seguido de muita chuva e deu um banzeiro muito forte que quase chegou a alagar a canoa, diante do desespero e da agonia e do medo de perder minha família numa alagação me veio de repente a lembrança de pedir proteção a Santa Teresa que se todos conseguissem chegar com vida e salvos desse forte banzeiro, todos os anos como sem falta participariam do festejo acendendo velas em agradecimento ao livramento e a proteção de toda família (entrevista, 2022).

O entrevistado bastante emocionado nos conta que fez essa promessa porque lembrou que iria iniciar na cidade o festejo a padroeira e ainda recordou dos gritos de socorro e de desesperos de seus filhos. Seu Antônio ainda seguiu relembrando, “Quando retornamos a nossa comunidade falamos pra todos os parentes e amigos da comunidade o que tinha acontecido e como conseguimos nos livrar com a intercessão de Santa Teresa” (Entrevista, 2022). O entrevistado mencionou ainda que todos ficaram admirados e bastante preocupados devido o grande perigo que o temporal causou em sua viagem.

Depois que contei tudo para eles o que eu e minha família tinha passado muitos quiseram também participar do arraial de Santa Teresa no mês de outubro e até hoje muitos dos meus parentes ainda tem muita fé na nossa padroeira. Como temos a canoa como o meio de transporte estamos sempre pedindo sua proteção por uma viagem tranquila e de paz, não é a primeira nem a última vez que ela tem nos ajudado (entrevista, 2022).

Diante do relato de seu Antônio podemos notar quais são os meios ou os motivos que nascem a devoção no cenário amazônico onde geralmente se atribui ou associa as forças da natureza a algo de cunho maléfico e sobrenatural, e em contra partida são atribuídos aos santos tudo aquilo que de bom lhe acontecem. Esse é o contexto básico que o ribeirinho amazônico desenvolve a sua poética da fé. Neste sentido pode-se dizer também que a festividade de Santa Teresa se encontra enraizada desde a sua fundação, estando vinculada as festividades indígenas caboclas e negras que tinham suas devoções pessoais e comunitárias.

É devido estas festas e outras menções devocionais e promessas que não só o povo católico, mas a população tefeense orgulha-se do prédio da igreja construído no centro da cidade, onde encontra-se a imagem que leva o nome da igreja. Porém, a devoção religiosa da sociedade tefeense é bem mais diversificada do que parece a um olhar despercebido, afinal também é em contrapartida espaço para diversidades de religião e crenças.

Com isso pode-se constatar que em Tefé no que se refere a festa do arraial de Santa Teresa existe uma grande exibição do elemento lúdico devocional, a distinção do lúdico devocional nas promessas coexistem na dinâmica da festa religiosa de Santa Teresa D'ávila e os elementos do jocoso, da embriagues, jogos e brincadeiras que ocorrem no mesmo espaço do arraial, muitas vezes ocorrendo de forma junta unindo ou colocando no mesmo panorama a fé e a festa. Souza (2017, p. 3) relata que: “o catolicismo no Brasil contrariou a tradição europeia original, construindo ao longo do tempo a sua própria

forma, o seu próprio jeito de viver a sua espiritualidade”. Isso pode ser verificado e constatado quando observamos a maneira celebrativa dos arraiais e festas de santos. Os espaços de festas de santos são os espaços usados aos entretenimentos e a descontração como mostra o concurso de boneca viva citado por Corrêa (2019, p. 106), sobre a festa da padroeira de Parintins Nossa Senhora do Carmo, a autora menciona:

O concurso da Boneca Viva é uma das atividades tradicionais da festa da padroeira de Parintins. A disputa se dá em torno da maior arrecadação em dinheiro envolvendo os pais, familiares, amigos e parentes das meninas que concorrem ao referido título. A participação das candidatas se dá pela autorização dos pais que na maioria das vezes não recusam o convite.

Nota-se na citação que do mesmo modo como é realizado essa forma lúdica de apresentar a boneca viva na cidade de Parintins também acontece na cidade de Tefé no arraial da festa da padroeira Santa Teresa, onde essa forma de ludicidade envolve não só a família das competidoras bonecas vivas mas toda a comunidade que geralmente já tem a sua preferida e passam a ajudá-la financeiramente e de outras formas com o intuito de coroá-la com o título de Boneca Viva ao final das noites do novenário. Trata-se de uma espécie de disputa para quem arrecadou o maior valor durante as noites de Festejo. Os valores arrecadados por cada participante se dão de várias formas, muitas delas já confeccionam uma caixinha de papelão ou madeira para pedir uma espécie de donativos aos participantes do arraial, outras doam frangos, pernis, brindes para serem leiloados nas noites de arraiais onde serão convertidos em valores financeiros para cada candidata. Vale ressaltar que apenas uma porcentagem desses valores fica com as candidatas, a outra porcentagem é repassada diretamente para a igreja como uma forma de donativo.

Nesse aspecto lúdico da festa de Santa Teresa interagem o simbolismo com os comportamentos que geram os costumes herdados dos valores tradicionais do celebrar que só arraial é capaz de desenvolver. Desta forma, fazendo alusão ao tema festa, Mayer Monte (2002) sinaliza dizendo, “a festa é capaz de criar essa exaltação, essa sensação de engrandecimento que nos transforma em parte indissociável do mesmo todo, fazendo com que, independentemente do motivo da celebração, toda festa traga consigo uma dimensão religiosa, ao mesmo tempo mística e erótica, na emoção do reencontro de uma unidade perdida, celebração que é sempre eucarística, alegria, ação de graças comunhão com a totalidade”.

Huizinga (2014, 3) escreve que “o jogo é o fato mais antigo que a cultura, pois esta, mesmo em suas definições menos rigorosas, pressupõe sempre a sociedade

humana”. Para Huizinga o aspecto lúdico aqui relacionado ao jogo é algo que acontece desde a antiguidade no contexto social, assim é o caráter lúdico dos eventos que caracteriza os elementos culturais, podemos então a partir dessa perspectiva de Huizinga mencionar que o lúdico que se torna mais visível no arraial de Santa Teresa sempre existiu, embora, em decorrência da atividade aqui abordada ele ganha mais destaque e notoriedade por se tratar de um espaço que reúne e socializa diversos grupos tefeenses em um único local no mês de outubro. Nesta categoria podemos enquadrar os variados tipos de “divertimento/entretenimento” que ocorrem durante o festejo, em que as pessoas que tomam parte ou são envolvidas pelo Festejo se expressam, uma vez que o lúdico é capaz de quebrar as barreiras das regras sociais, do sagrado e do profano.

Essas relações expressivas que passam a ser notadas no âmbito da ludicidade existente na festa de Santa Teresa interagem como um fator comum a todas as pessoas que participam do arraial na praça da matriz ou nas caminhadas pelas ruas da cidade ao som de hinos e ladainhas no momento da procissão e isso se conecta com a devoção, tendo como finalidade enaltecer e gerar uma visibilidade a uma cultura religiosa. Desse modo não é a própria devoção que impera sobre o devoto, é algo bem mais significativo e intuitivo, pois essa expressão lúdica nos devotos não se expressa por si só ou pelo modo da sua conduta religiosa durante o novenário ou festejo, pois alguns não se questionam qual a finalidade ou objetivo da festa de Santa Teresa apenas se deixam envolver pelo fascínio, jogos, encanto e divertimento que essa prática religiosa os proporcionam, seja de cunho espiritual e devocional ou até mesmo nos encontros, reencontros e nos abraços fraternais de amigos, familiares e visitantes.

O lúdico nas promessas ultrapassa as questões religiosas, uma vez que agrega ou adiciona ao evento religioso elementos de festa com o intuito financeiro e esses elementos lúdicos de festa obviamente não são fundamentados nos elementos religiosos somente, embora os ritos católicos limitam as divindades dos santos por uma outra perspectiva a comunidade atribui e constitui o mesmo evento em algo celebrativo da concepção popular, com sua beleza que as festas de santo apresentam uma autonomia necessária de uma realidade da cidade de Tefé, pois a festa de Santa Teresa representa não mais só um evento da igreja católica, mas um evento da cidade de Tefé-AM.

Uma vez que reconhecemos e identificamos o lúdico presente na festa de Santa Teresa, passamos a reconhecer também o espírito dessa prática religiosa que não se apresenta na materialidade de sua constituição ou configuração, pois o lúdico devocional

age na interação social, visto que sua própria forma recreativa está numa cultura festiva consolidando uma natureza meramente humana.

Cassirer (2001, p. 244) descreve que a arte nos apresenta os movimentos da alma humana em toda a sua profundidade e variedade. O que sentimos na arte não é uma qualidade emocional simples ou única. É o processo dinâmico da própria vida: a oscilação contínua entre pólos opostos, entre alegria e pesar, esperança e temor, exultação e desespero. Observa-se que esta citação atenua o sentido do processo dinâmico que ocorre no festejo de Santa Teresa desde as mais diversas perspectivas e diversos sentimentos que está participando e consequentemente evento do festejo lhe causa, pois na prática quem dá vida e movimenta a festa da padroeira da cidade de Tefé são os devotos, promesseiros, ambulantes e os (in) fieis, que atribuem expressão única ao arraial, dando um mundo poético e religioso ao lado da cultura tradicional do arraial de Santa Teresa onde essa prática ou atividade religiosa procurou primeiro construir uma devoção que fosse capaz de compreender e ensinar uma inter-relação com o sagrado.

É a imagem lúdica do sagrado existente no imaginário festivo popular do devoto de Santa Teresa que o proporciona uma busca pelo divino criando suas próprias relações de amor e carinho com a santidade de Teresa D'ávila, é a devoção religiosa elevada e conectada por inteiro ao evento religioso do mês de outubro que decorrem o arraial, o lúdico capacita o devoto a criação de um mundo mais poético e mais religioso da fé católica ao lado das tradicionais missas no domingo com seus rituais litúrgico.

Sendo assim o lúdico possui um viés irreverente, contudo não há uma oposição binária com os ritos católicos, eles se entrelaçam na ambiência da festa. Huizinga (2014, p. 133) menciona que “para compreender a poesia precisamos ser capazes de envergar a alma da criança como se fosse uma capa mágica e admitir a superioridade da sabedoria infantil sobre a do adulto”. E é com esse olhar de criança que o brilho de cor e som do arraial de Santa Teresa ecoam no mais interno de minha memória, tempos memoráveis de alegrias e felicidade onde encontros e festas que ficam inerte e se renovam a cada mês de outubro.

3.3 O tom dionisíaco do festejar

Neste item o nosso propósito é o de discutir o tom dionisíaco do festejar no âmbito do evento consagrado à padroeira de Tefé. No contexto em foco o dionisíaco contemporâneo se expressa pelo erotismo e sensualismo, na festa, o riso nas práticas que circundam o Festejo, nas acepções teóricas de Mafessoli, Bachelard e Holanda. Ou seja,

para essa pesquisa considera-se dionisíacos os fenômenos que decorrem da embriaguez desenvolvida do consumo e vendas de bebidas no espaço festivo. O sensualismo que sacralizam o ritual religioso, a dança envolvida pelo erotismo das músicas seculares e as apresentações populares do festejar nos espaços circundantes do evento.

Somos levados a imaginar e a repensar a forma de festejar, pois o valor que nos impulsiona a sonhar e a pensar a percepção das metáforas por trás do arraial de Santa Teresa que envolve todo os sacramentos ritualista da festa cristã vai além das novenas e procissões, envolvendo assim elementos essenciais para constituição social e de festa como: lúdico, sagrado, promesseiros, devotos e por fim elemento dionisíaco da socialização.

Os tempos festivos em homenagens aos santos padroeiros são acontecimentos de grande importância para as populações amazônicas porque reúnem, a um só tempo e espaço, os aspectos religiosos, sociais, político, estético, econômico, culturais entre outros capazes de aglutinar quantidades expressivas de pessoas. (CORRÊA, 2019, p.44).

É nesse panorama do religioso, social, político, estético e econômico que o arraial em sua forma de festejar inclui as expressões dionisíacas em que se celebra a própria sociedade tefeense num tom ritualístico. Diante dessa concepção somos levados entender a forma de festejar dos povos da Amazônia, repletas de sonhos e metáforas por trás do arraial de santos, atentando para essa compreensão erótica da festa que é o evento de Santa Teresa, certamente nos faz ter uma discussão que transcende o divino. Maffesoli (1985, p. 47-48) menciona que, “apreciar o social como divino é compreender, em toda sua dimensão, o que se chama politeísmo: os deuses são como umas tantas manifestações dos diversos atributos deste mesmo social – e estes últimos constituem a transcendência imanente”.

A transcrição do autor implica em um questionamento de um divino menos individual que se caracteriza na ordem do social como o autor menciona “divino social”, onde apenas as práticas de expressões coletivas são capazes de dar sentido em sua totalidade a questão da socialização do culto e do festejar, pois é através do coletivo que se desenvolve todos os elementos das demais camadas sociais dentro dos elementos de socialização que o dionisíaco abrange nas festas religiosas. E segue o autor:

Tanto no sagrado quanto na libidinagem, é a exteriorização que predomina. A família, a *maffia*, o grupo, a cidadezinha, o bairro, são como que vetores de comunalização cuja riqueza é difícil estimar. São estes laços sociais, numerosos e infrangíveis, que constituem, no sentido estrito do termo, a trama social colorida e ruidosa cuja característica predominante é o sensualismo.

Antes de serem “qualificados”, os sentidos estão sempre no plural. É esta uma metáfora interessante e instrutiva, que dá contornos precisos às formas de conjugação típicas do orgiasmo. (MAFFESOLI, 1985, p. 48)

Michel Maffesoli faz menção a uma expressão exterior, mas diretamente ao corpo em si, tomando a expressão ou melhor dizendo a forma sensualista como um elemento da socialização, fato que leva o indivíduo a permanecer agregado junto a um meio social. Assim, pode-se dizer que o arraial de Santa Teresa constitui em sua essência esses elementos que agregam, despertam o desejo de estar junto e socializa o indivíduo. Pois, as festas de santos ou manifestação religiosa em sua constituição primeira apresentam de antemão um valor que condiciona a sociabilidade sobre o efeito de estar e permanecer junto em um mesmo espaço.

São esses laços criados a partir de estar junto que recriam a existência da exuberância e dos traços sensuais nas roupas, no comportamento e na conduta e na embriagues do participante do arraial de Santa Teresa, pois todos esses elementos são proporcionados a partir do espaço designado a devoção caracterizando assim o aspecto dionisíaco no festejar do arraial.

Outro aspecto em que o dionisíaco se expressa é através da música e das apresentações não religiosas que ressoam na sonoridade das noites de arraial. Por uma outra perspectiva passa-se a compreender que para o Festejo religioso em que tudo é correto e moralmente aceitável dentro do viés devocional da fé, por uma outra perspectiva o sensualismo passa a emergir do consumo de bebidas alcoólicas, das músicas tocadas nos carros que aglomeram nas adjacências da praça e até mesmo do som do palco do arraial.

Dos elementos aqui relacionados e apresentados poderíamos dizer que trata-se de algo distante ou fora dos espaços religiosos, mas não é o caso, ou mesmo poderíamos ressaltar que esses aspectos são aspectos inconscientes de pessoas distraídas participantes do Festejo, mas o fato é que observamos que esse espaço é um local utilizado pelas mesmas pessoas que pouco antes estavam no interior da igreja, religiosidade amazônica do festejar é inerente a essas questões dionisíacas.

Nesse sentido, pode-se mencionar ainda que os elementos e as características dos eventos orgiástico são de características do festejar, por sua vez associam e agregam os elementos da política e da identidade social dos participantes desse evento adicionando ao festejo um mecanismo que atua na agregação da sociedade tefeense, uma vez que identificamos nesse arraial o termo festa e festejar como uma constituição do aspecto da

alegria e da euforia dos participantes, onde se desenvolvem a partir da embriagues e da música. Se nas festas dionisíacas antiga a euforia era devido ao vinho, no arraial de Santa Teresa a euforia surge com o nome de cerveja. Maffesoli (1985, p.54), cita:

O estado de efervescência a que chegaram as reuniões de fieis torna a transgressão uma consequência natural das festas populares; as cerimônias religiosas fundam-se na “necessidade de violar as regras” e, aduz numa nota, “mormente em matéria sexual”. O desenvolvimento que inaugura este exemplo mostra que o ritual orgíaco, por sua própria função imaginária, é essencial ou, nos termos mais prudentes de E. Durkheim, “não deixa de desempenhar um papel que não é desprezível” na estruturação social.

Tomando o evento do festejar e seus elementos dionisíacos presentes na citação acima pode-se compreender que tais elementos definidos como orgiasmo é de modo algum contrário à chamada moral católica nos arraiais, pois como já mencionamos coexistem no mesmo espaço, se entrelaçam mutuamente, aqui não há exclusão, mas sim conexão. Nessa concepção são elementos que contribuem e ressignificam os eventos festivos atribuindo a eles uma socialização onde não há quebra das regras religiosas, pois o mesmo (in)fiel, devotos, promesseiros e ambulantes, mesmo que não percebam fazem parte desse cenário e das tramas que sucedem o dionisíismo contemporâneo.

Dessa perspectiva efervescente o dionisíaco contemporâneo pode ser pensado com a fala da senhora Verônica, 47 anos, tefeense, participante do arraial a vários anos, divorciada, mãe de quatro filhos que participa do novenário e que, logo após como a mesma relatou costuma ficar próxima ao bar da paróquia em uma mesa, com amigos do trabalho ou da igreja. Dona Verônica comentou:

Eu participo desse arraial a muitos anos, foi aqui que conheci o pai dos meus filhos, o arraial me traz muita alegria e diversão, primeiramente cumpro minha obrigação de cristã e filha de Deus que é participar das novenas todas as noites e após as novenas gosto de reunir com os amigos na mesa do bar da paróquia, tomar minha cervejinha, comer alguma coisa, conversar, rir, rever amigos e familiares que se mudaram para outros estados e cidades. O arraial renova minha alma, me sinto mais feliz e alegre em aproveitar cada momento de distração eu não vejo maldade nenhuma em tomar uma cerveja e contribuir com a festa da minha igreja... Não consigo imaginar a festa de Santa Teresa sem a venda de bebidas, pois é ela que nos proporciona diversão e com certeza é a maior fonte de renda do arraial. Existem duas outras festas: De Santo Antônio e São Francisco, eram festas muito boas, divertidas, davam bastante gente que não sobravam lugares para se sentar. Mas com o passar dos anos foram deixando de fazerem som ao vivo e venderem bebidas alcoólicas e atualmente esses arraiais estão quase acabando, não dá quase ninguém, poucas são as pessoas que vão prestigiar. Eu creio que essa falta de pessoas é devido a não venda de cerveja. E, se a venda da cerveja também acabar na matriz de Santa Teresa o arraial certamente acabará (Entrevista, 2022).

Assim como a colaboradora expressa sua concepção sobre o Festejo, muitas outras mais assim a concebem, atribui o sucesso da festa ao elemento único da diversão, do riso e da bebida. E é dentro dessa concepção que o conselho paroquial responsável pelo arraial de Santa Teresa a cada ano reúne-se previamente para deliberar sobre a venda e o consumo de bebidas alcoólicas na festa de Santa Teresa. Essa deliberação é regida por uma acirrada e tumultuada discussão entre conselheiros que são a favor e os que são contra a venda de bebidas alcoólicas na prática religiosa da festa de Santa Teresa. Aos conselheiros que são a favor da venda de bebidas alcoólicas alegam e apresentam ideias semelhantes a da entrevistada dona Verônica argumentando-os nas reuniões de preparação do arraial que o bar da paróquia é um grande auxílio financeiro para a paróquia de Santa Teresa, além de trazer maior quantidade de participantes para a festa.

Em oposição para isso, os conselheiros que não concordam com a venda de bebidas alcoólicas argumentam que gera bastante trabalho e transtornos administrativos para o conselho paroquial responsável pela organização do evento, em síntese desaprovam a venda de bebidas alegando que a igreja deve orientar seus fieis a não fazerem uso de bebidas alcoólicas, visto que a Prelazia de Tefé desenvolve vários trabalhos sociais nas pastorais com dependentes de bebidas alcoólicas AA (Alcoólicos Anônimos). Sendo assim, não veem com bons olhos as festas religiosas disporem de um bar nas suas dependências. Apesar dos embates e discursões resistentes tanto no conselho paroquial entre os fieis, devotos, os que aprovam e não aprovam a venda de bebidas alcoólicas é sabido que essa prática continua e continuará trazendo alegria e diversão para dona Verônica e para muitos tefeenses que se reúnem em torno do arraial em busca de companhia, diversão e uma boa conversa entre amigos nas noites festivas do arraial de Santa Teresa.

Nessa análise, seguindo a apresentação desses exemplos exibidos e caracterizados que foram identificados no Festejo de Santa Teresa o dionisismo contemporâneo manifestado no evento coexiste com o sagrado ou simplesmente sob a sombra do divino. Sob a forma do hábito do sagrado podemos mencionar que a embriagues efervescente ou até mesmo o sensualismo existente nesse espaço é concebido como algo decorrente da aglomeração da sociedade tefeense. Sob a sombra do divino podemos mencionar também que essa é uma característica que desdobra e revela a natureza do devoto e sua natureza humana de celebrar, ou melhor, festejar na maioria das vezes disfarçada de atos ritualizados de devoção, de modo geral podemos dizer que o profano e o divino num determinado evento religioso não negam ou se quer esconde o orgasmo existente e

banalizado que se transfigura na agregação de valores sociais imprimido por um caráter festivo de cunho religioso.

Certamente que existe desse ponto de vista um desregramento do sentido religioso nos questionamentos do ato de festejar e é diante desses elementos que podemos conceituar e identificar o elemento dionisismo contemporâneo existente nas festas religiosas de Santa Teresa. A respeito disso Maffesoli (1985, p.57) diz que:

O fervor popular que cerca os conventos e os lugares em que viveram santos é instrutivo a este respeito. O que se venera é a cristalização, a realização deste amor sublimado a tudo e a todos, que a contingência fatural não permite concretizar na vida cotidiana. A admiração das massas por uma devotada beata ou por um notável amante é de ordem idêntica: num caso e noutro manifesta-se o signo de uma pulsão erótica social, contida por mil e uma razões. Donde a extraordinária indulgência de que se beneficiam alguns libertinos cujas figuras se destacam nas crônicas.

O autor apresenta e dispõe de uma definição que envolve o elemento do festejar em um interesse único e particular de participar de um evento religioso ou fazer parte do mesmo, mesmo sem saber antes de tudo atraído por um fator social e pela veneração unicamente do ser humano na sua admiração pelo aspecto eufórico, festivo e efervescido pelo sensualismo que as festas trazem como elemento de entretenimento e diversão proporcionada pelo desejo do corpo. “Atualizam sua fina sensualidade mística, tornam-se amantes ou libertinos apaixonados que se entregam a luxúria.” (MAFFESOLI, 1985, p. 59).

Disso podemos sinalizar para o termo usado por Maffesoli em que se refere ao amor sublimado revestido pelo tom da cristalização, no arraial de Santa Teresa observa-se que a sublimação dos sentimentos urge a partir do aspecto venerativo da imagem de Teresa D’ávila como uma mulher linda, inteligente, jovem com todos os seus atributos da beleza de mulher europeia (Espanha), reformadora, doutora e ousada.

Mediante essas qualidades mencionadas podemos conceber algo inteiramente relacionado ao dionisismo contemporâneo, em que a sensualidade não diverge e nem se contrapõe aos aspectos morais do religioso ou do sagrado, pois no espaço destinado ao arraial de Santa Teresa especificamente na praça da matriz onde os devotos manifestam um culto religioso à padroeira da cidade, mas aí também é cultuada a divinização do corpo e do prazer do estar junto em coletividade. Torna-se necessário acentuar também que são esses elementos que constituem o dionisíaco no festejar na Amazônia profunda, embora isso nos queira conduzir a aceitar esse fato como um desregramento moral e religioso, na

verdade esses mesmos elementos comuns e aceitáveis, pois, convivem e se aliam no arraial de Santa Teresa, pois como ainda postula Mafessoli quando se congrega a razão e o sensualismo ao religioso é quando se passa a permitir uma existência cotidiana.

Assim, ao que parece a expressão devocional à padroeira de Tefé em nada diminui em consequência dessa frenética sensualidade que é desenvolvida no mesmo espaço que devotam a santidade de Santa Teresa D'ávila. O espaço tomado como celebração, é do mesmo modo um mesmo espaço que emerge e se encontra os vestígios dos elementos dionisíaco, assim diz Bachelard (2006, p.195):

Entretanto, que curioso destino, e mais curioso ainda no século em que vivemos! Nesta hora em que toda a cultura se "psicologiza", em que o interesse pelo *humano* se expõe na imprensa e nos romances, com a mera exigência de a narrativa ser *original* para garantir o leitor-de-cada-dia, eis que ainda há gente que pensa nos sulfatos! Esse retorno ao pensamento da pedra é, sem dúvida, aos olhos dos *psicólogos* a regressão de uma vida que se mineraliza. A eles, o ser e o devir; a eles, o humano prenhe de futuro e de mistério! Haveria um longo estudo a ser feito sobre essa desvalorização da vida objetiva e racional que proclama o fracasso da ciência, estando do lado de fora, sem participar do pensamento científico. (BACHELARD, 2006, p. 195)

À luz de Bachelard e de um olhar científico que é possível identificar o contexto dionisíaco nas festas de santo, pois constata-se no contexto da socialização e da agregação de pessoas as minúcias que aos olhos dos devotos envolvida pela fé não conseguem enxergar, este ponto norteia também as definições sagradas e as definições profanas do religioso onde são atribuídos a festa religiosa o aspecto de socialização, mas na verdade é o dionisíaco moderno do festejar que criam e recriam os laços amistosos e harmoniosos no arraial.

Diante desse contexto o religioso é a apresentação imaginária e popular de um segmento de festa, já o dionisismo em meio a sua sensualização do corpo são os elementos que agregam e valorizam os aspectos culturais das manifestações popular tefeense. Vale a pena ressaltar que nesse capítulo não temos como objetivo investigar o evento devocional propriamente dita, mas apresentar imagens relacionadas as expressões e sensações que o fluxo das relações dionisíaca do arraial proporcionam a seus participantes, e conseqüentemente as suas vidas.

Isso se relaciona com a entrevistada Madalena, 39 anos, tefeense, solteira, funcionária pública, que passou a nos contar que espera com bastante expectativa o arraial de Santa Teresa, disse ainda que o mês de outubro pra ela em Tefé é um mês totalmente diferente dos demais pelo seu encanto, movimento, alegria, descontração que é

proporcionado pelos visitantes, por parentes que retornam à cidade e amigos que vez ou outra voltam a cidade:

Não existe alegria maior do que participar da festa de Santa Teresa, durante as dez noites sou tomada por uma emoção que ninguém consegue imaginar, a ansiedade é tão grande que começo a me arrumar cedo por volta das 18hs para estar na praça da matriz pelo menos até as 19:30hs e aproveitar bastante a noite. Quando chego na praça o movimento ainda é pouco porque os devotos e participantes da festa ainda estão na novena dentro da igreja, mas isso é de menos pois não me importo se tem muitas pessoas ou não, a felicidade e alegria devem estar dentro de cada um. Quando chego ao arraial procuro logo uma mesa disponível no bar da paróquia e fico ali observando o movimento até encontrar alguém conhecido, colegas ou até a chegada daqueles o qual marcamos de nos encontrar. E não demora muito para que todos já estejam na mesma mesa que eu. Aí é só diversão, comemos, bebemos, dançamos e paqueramos (risos!) (Entrevista, 2022).

Madalena durante o momento da entrevista demonstra ser uma pessoa feliz, alegre e descontraída, a mesma relatou que não participa das noites de novena, procissão ou se quer faz ou fez algum tipo de promessa. Apesar dessa característica de não devota disse o seguinte:

Não ofendemos e nem desrespeitamos quem vai ou deixa de ir na novena, além do mais contribuimos muito para a festa de Santa Teresa, até porque essa festa é de Tefé não é só da igreja e nem daqueles que participam das novenas e missas, se não fosse a gente que participasse da festa não teria esse evento bonito e esperado todos os anos, até porque todos aqueles que veem participar das novenas a grande maioria nem fica no arraial ou participa dele, terminando a novena voltam para as suas casa, parece que não valorizam e não gostam da festa da nossa própria cidade, uma festa tão divertida e tradicional que é a festa de Santa Teresa (entrevista, 2022).

Como já sinalizamos anteriormente os participantes do festejo de Santa Teresa com essas características são muitos dentro do contexto da socialização e aglomeração da festa embora poucos identificados, pois para os olhares despreziosos e dos fieis que participam desses espaço todos são tomados como devotos desse modo frisamos mais uma vez que somente através do olhar investigativo e analítico podemos distingui-las e identifica-las como um indivíduo inserido no contexto da festa e protagoniza junto com os demais a estrutura social do festejar.

Enfim, agregada a este conceito do dionisíaco, a poética de Holanda (2020, p. 27) nos ajuda a compreender que “como nas procissões dionisíacas o andarilho joga com as imagens e a músicas do mundo amazônico em sua dança criativa”. Como não conceber também no contexto dessa pesquisa os caminhantes, marreteiros e pessoas que viajam de longe para participarem do Festejo também não seja andarilhos que vagam em busca de

entretenimento, comércio e diversão num espaço que nunca foi somente religioso, esses “andarilhos de arraial” podem ser pensados como sujeitos de alma dionisíaca aberta e desvencilhada de paradigmas religiosos e tabus sociais, em que as frustrações do certo ou errado encontra uma alma árida em meio ao anonimato reduzido a um espírito efervescido pela embriaguez das noites reunidas na praça da matriz onde o elemento dionisíaco se satisfaz da própria criação do sujeito e o que antes era um desejo fervoroso de veneração a imagem sacra, agora consiste no desejo ardente da expressão do elemento criador do seu próprio espaço de festa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De todos os eventos festivos da cultura popular amazônica que exaltam os costumes, crenças e religiosidades pode-se considerar que as festas aos santos padroeiros constituem fenômenos bastante difundidos e praticados, principalmente no interior, daí constituírem objeto bastante interessante e, ao mesmo tempo, complexo pra se pensar a cultura, pois são nesses espaços que são construídos os elementos da sociabilidade agregados aos fatores como a tradição, práticas devocionais do catolicismo e da religiosidade popular tefeense, além de carregar em sua bagagem uma cultura da forma ritualizada das promessas e procissões, bem como elementos do sagrado e lúdico que remontam suas peculiaridades numa complexa ritualização poética da fé.

Diante dessas particularidades intrigantes que a pesquisa em tela nos apresentou, podemos citar a experiência enriquecedora na minha formação que foi se construindo desde os primeiros contatos com as disciplinas, obras e autores estudados no PPGICH-UEA/CEST. Gostaria de destacar o efeito descolonizador em mim, pois participo do evento que me propus a pesquisar e ao me debruçar sobre a temática ocorreu-me um imenso confronto sobre as questões da religião e da fé que, durante toda minha vida, foi me ensinado como certo e verdadeiro, para tanto tive que manter uma percepção imparcial (vigilância epistemológica) para que não ocorresse um viés de proselitismo. A partir dessa percepção não podemos negar que algumas vezes foi muito difícil este confronto, e o amadurecimento enquanto pesquisadora foi o resultado deste processo.

O presente estudo desconcertou e redefiniu todo meu conceito de religiosidade de fé devocional, fui reconstruída por um olhar livre da conotação religiosa e dos dogmas da igreja católica através de um olhar ancestral, onde a relação da igreja que participo e venero desenvolveu através dos seus missionários catequizadores uma imposição de fé que nem sempre foi harmoniosa e sim de forma hostil e cruel.

Esta pesquisa também teve o propósito de se debruçar sobre a nossa ancestralidade nos remetendo a um encontro singular da cultura popular tefeense, escrita pelas origens indígenas que dão uma formatação histórica do povo tefeense e das práticas religiosas e ritualísticas apresentada ainda nos dias de hoje. Foram analisadas e confrontadas a ancestralidade da cultura do europeu e do indígena como elementos constituintes dos rituais sagrados e lúdicos, buscando identificar essas expressões e como se apresentam dentro das práticas religiosas do Festejo de Santa Teresa num contexto social e político,

além de discutir como o contexto da fé religiosa católica a santos padroeiros apresenta um elemento próprio da agregação social e da expressiva manifestação de pessoas nesses locais que nem sempre são atraídos a participar por intuito religioso ou devocional. Por isso a pesquisa se ateve também às relações comerciais de troca, compra e venda.

O acesso as bebidas alcoólicas vendidas no “bar da paróquia” favorecem e desenvolvem a efervescência dionisíaca do social conduzida e embalada pelas músicas não religiosas desenhando o afeto e a apreciação do erotismo e do sensual. Esses elementos são fatores da manifestação da festa popular existente na festa religiosa.

A nossa etnográfica do sensível inspirada em Morin teceu os processos de organização e elaboração do Festejo de Santa Teresa D’ávila em Tefé, constituindo os aspectos da religiosidade cristã com a popular envolvido pelo alvorecer histórico da cultura amazônica, desenvolvendo um diálogo complexo das contradições históricas e imaginárias que ainda hoje permanece. Pois, como bem sabemos a Amazônia é um espaço que, ao longo do tempo, tem-se colocado como um celeiro de interpretações muitas estereotipadas e plasmadas do conhecimento eurocêntrico que conduz as interpretações para uma segregação entre os aspectos da natureza e da cultura que inferioriza no cenário mundial as culturas dos povos originários.

Desse modo, foram construídas pontes interdisciplinares entre a filosofia, história, antropologia e dos estudos amazônicos que favoreceram as investigações e os estudos sobre as configurações dos aspectos religioso, popular e tradicional do processo organizacional e sua historicidade dentro dos contextos poéticos, híbridos sagrados e orgiástico do dionisísmo contemporâneo que somatizaram e elaboraram o tipo de manifestação cultural religiosa abordada.

Diante disso, passamos a entrelaçar o tema com o objeto de estudo enaltecendo as lembranças de uma infância onde apenas associava essa prática religiosa a um espaço destinados a brincadeiras e diversão. Bachelard (1996, p.103) “éramos, sonhávamos ser, e agora, sonhando a nossa infância, somos nós mesmos?”. Essa infância é o relacionamento mágico e imaginário da familiaridade com o hino de Santa Teresa envolvido pelos elementos de novenários e procissão que foram conduzidos pelo fervor da crença da sociedade tefeense e as tensões que permeiam esta prática popular.

A pesquisa também apresentou discussão sobre aa historicidade do Festejo, além de mergulhar no hibridismo cultural que se encontram agregados no evento, buscando uma abordagem mais ampla norteada pelos estudos dos cultos aos santos no Brasil,

apresentando uma concepção da religiosidade popular como vetor de sociabilidade, onde todo esse aparato de análise nos impulsionou a uma tradição que se renova.

O culto aos santos no Brasil é uma tradição religiosa popular tida como uma das mais antigas e praticadas no país. Já o hibridismo existente nessa prática religiosa é remetido as questões das culturas e dos rituais de diferentes raças índios, negros e brancos que são passados de geração em geração por uma alma festeira e uma poética da fé, relacionadas a um espaço religioso de festa e socialização do catolicismo contemporâneo que faz com que a tradição se renove através da disponibilidade e da inserção de um catolicismo da família por meios de herança devocionais e promesseiras. As crianças que hoje foram levadas aos novenários e procissões são os indivíduos que dão hoje continuidade a essa festa religiosa e tradicional.

Por fim, verificamos os aspectos lúdicos, sagrados e dionisíacos constituídos pelos sujeitos que participam do festejo da padroeira. Neste cenário, foram elencadas as questões social e política para subsidiar e elucidar as questões que se associam no mesmo espaço, fazem parte e contribuem para a festa religiosa. E foram através desses elementos, muitas vezes, pouco comentado ou abordado pela igreja católica que pautamos compreender em sua totalidade o evento religioso em questão. É na busca por essa compreensão que apresentamos o lúdico devocional, termo que denota um fator criativo do entretenimento diversão no contexto da festa religiosa. O lúdico existente no arraial de Santa Teresa é o que alimenta a expressiva aglomeração de pessoas no mesmo espaço social, o lúdico devocional também foi encontrado na ornamentação diferenciada da praça e do interior da igreja como também nas vestes paramentadas dos padres, freis, religiosos e não religiosos que se vestem de maneira diferente do usual. O lúdico devocional também quebra as barreiras impostas pelas questões sagradas; ocorre de maneira involuntária e quase imperceptível, não desacredita a seriedade do ritual religioso, pelo contrário, adiciona um elemento extra de alegria em pertencer e fazer parte da festa.

No ato de festejar em Tefé notou-se uma apreciação e uma divinização do corpo refletido no sensual e no erotismo que se toma forma através das bebidas alcoólicas consumidas e fornecidas no próprio local do evento embalada pelas sonoridades das músicas de sucesso do momento e todos esses acontecimentos decorrentes do dionisismo contemporâneo que, em nada profana o sentido da festa religiosa, pois atua como elemento de agregação e do convívio social tefeense.

Através das práticas religiosas de Festejo e devoção à padroeira de Tefé, Santa Teresa D'ávila que inúmeros questionamentos e indagações tiveram suas lacunas

preenchidas, porém este estudo não almeja esgotar o tema que aliás está aberto para futuras incursões de pesquisa. As vozes de pessoas comuns, promesseiros, devotos e (in)fies conseguiram dar vida e significado às expressões do Festejo através dos seus conhecimentos e através do tempo e espaço que compreendem toda essa prática religiosa e popular.

Portanto, a religiosidade popular tefeense agrega valores e heranças culturais que se hibridizam e permanecem emergentes através do ritual religioso do catolicismo de caráter devocional, mas também lúdico e festivo, em que o arraial e seus espaços sociais contribuem para o processo de socialização da população rural e urbana, atuando ainda como fator político, econômico de Tefé e localidades circunvizinhas.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à Brasileira**. Significados do Festejar, no país que “não é sério”. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. 1998.
- ANDRADE, Rodrigo Fadul. **Festas e devoções Marianas em Manaus, Itacoatiara e Manacapuru, Amazonas: Catolicismo popular e vida urbana**. UFAM. 2019.
- BRAGA, Sérgio Ivan Gil (Org.). **Cultura popular, patrimônio imaterial e cidades**. Manaus: Editora da Universidade do Estado do Amazonas, 2007.
- BATES, Henry Walter. **O naturalista no rio Amazonas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944. 2 v. (Brasiliense, 237).
- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. Tradução Estela dos Santos Abreu
 _____ . **A poética do espaço**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
 _____ . **A poética do devaneio**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
 _____ . **O direito de sonhar**. Tradução José Américo Costa Pessanha. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- BOURDIEU, P. **A escola conservadora**: As desigualdades frente à escola e à cultura. Trad. A. Gouveia. In: NOGUEIRA, M. A. & CATANI, A. (Orgs.). *Escritos e Educação* (pp. 39-64). Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- CHIZZOT, Antônio. 1ª Parte A pesquisa. In: **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014, p 17-62.
- COELHO, Miguel Alexandre Batista. **Religiosidade popular: tradições, práticas e mitos**. Universidade Católica Portuguesa de Teologia. 2017.
- COSTA, Antônio Maurício Dias da. **Festa de Santo na Cidade: nota sobre uma pesquisa etnográfica na periferia de Belém, Pará, Brasil**. 2011.
- COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga**. São Paulo: Hemus, 1975.
- DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Basiliense, 1994.
 _____ . **Histórias íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: editora Planeta do Brasil, 2011.
- FAZENDA, Ivani (Org.). **O que é Interdisciplinaridade?** – São Paulo: Cortez, 2008.
- FERREIRA, Maria Nazareth. **Os antigos rituais agrários e sua manifestação na atualidade**. *Comunicação e Política*, v. VII, n. 1, 2000, p. 121-140.

- FLICK, Uwe. *Desenho da Pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá/Amazonas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Editora Unesp; 1ª edição. Rio de Janeiro 2022.
- GOLDEMBERG, Mirian. *Pesquisa qualitativa problemas teóricos metodológicos*. In: **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2004.
- GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia**. 2. ed. Manaus: Valer, 2007.
- HOLANDA, Yomarley Lopes. **A festa na cidade que o barranco levou: dinâmicas culturais e políticas do brincar de boi em Fonte Boa (AM)**. / (organizadores); Francisco Ronald Feitosa Moraes – (et al.). – Olinda: Livro Rápido, 2017.
- _____. **O artista-andarilho da Amazônia e o florejar de sua práxis-poiesis na festa popular**. Manaus: EDUA; São Paulo: Alexa Cultural, 2020.
- _____. **Escritos sobre história: ensino e itinerários de pesquisa no interior da Amazônia** / organização Yomarley Lopes Holanda. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022.
- HUIZINGA, Johann. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2018.
- LIRA, Naraiza Caldas. **O lugar de ser criança: percepções da infância a partir das narrativas dos pais no município de Tefé – Am**. Dissertação. PPGICH – Universidade do Estado do Amazonas. 2020.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica - Uma poética do imaginário**. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.
- LOUREIRO, Luiz Francisco. **Dias de santos no lago Amanã: estudo histórico antropológico de festejos do catolicismo ribeirinho amazônico**. Universidade do estado do Amazonas – UEA, 2019.
- MAFFESOLI, Michel. **A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia**. Tradução de Aluizio Ramos Trinta. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- _____. **Elogio da razão sensível**. 2. ed. Trad. Albert Christophe. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. **O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. Tradução Rogério de Almeida, Alexandre Dias. São Paulo: Zouk, 2003.
- MARINHO, José Lino do Nascimento. **O Real, o Simbólico e o Imaginário nas Memórias de Seringueiros do Médio Solimões, Amazonas**. (Tese de Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia). Universidade Federal do Amazonas, 2021.

- MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador**; tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2007.
- MORIN, Edgar. **Amor, Poesia, Sabedoria**. Tradução: Edgar de Assis Carvalho. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- MORIN, Edgar. **O método 5: A humanidade da humanidade: a identidade humana**. Tradução Jeremir Machado da Silva. 5.ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- _____. **Em busca dos fundamentos perdidos: textos sobre marxismo**. Traduzido por Maria Lúcia Rodrigues e Selma Tannus. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- _____. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 5. ed. Porto Alegre: Instituto Piaget, 2008. Coleção Epistemologia e Sociedade
- NOGUEIRA, Wilson. **Imaginário e espetáculo na Amazônia**. Manaus: valer, 2014.
- _____. **Festas amazônicas: Boi-bumbá, Ciranda e Sairé**. Manaus: Valer, 2008.
- OLIVEIRA, Source: **Revista de Antropologia**, Vol. 39, No. 1 (1996), pp. 13-37. In: Revista de Antropologia. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41616179>. Acesso em 14/09/2021.
- PEREZ, Léa Freitas. **Passos de uma pesquisa nos passos das procissões Lisboaetas**. In: CIES e – Working Papers, nº 101. Portugal 2010.
- PESSOA, Protázio Lopes. **História da Missão de Santa Teresa D'Ávila dos Tupebas**. 1ª Ed. Manaus. Editora Novo Tempo. LTDA, 2007.
- QUEIROZ, Raimundo Claudemir B. **História de Tefé para estudantes**. Editora: SCDC. Manaus, 2018.
- QUEIROZ, Kristian Oliveira de. **Os flutuantes dos lagos urbanos do Solimões: dinâmica espacial e territorialidade flutuante [recurso eletrônico]**. – Manaus (AM): Editora UEA, 2022.
- REIS, Arthur César Ferreira. **Manáos e outras Villas**. 2ª ed. Ver. Manaus: Governo do Estado do Amazonas/ Secretaria de Estado da Cultura e Turismo/ Editora da Universidade do Amazonas, 1999.
- SAID, Edward. W. **Representações do intelectual: as conferências Reith**. Tradução Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 7ª edição. Edições Afrontamento, janeiro 1995.